



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PÂMELA SUELEN GAMA DA CRUZ

**NEURODIVERSIDADE (EN)CENA: GÊNERO E SEXUALIDADE NA
SÉRIE ATYPICAL**

Campinas
2022

PÂMELA SUELEN GAMA DA CRUZ

**NEURODIVERSIDADE (EN)CENA: GÊNERO E SEXUALIDADE NA
SÉRIE ATYPICAL**

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade Estadual de Campinas como parte dos
requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra
em Educação, na área de Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr^a Helena Altmann

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA
ALUNA PÂMELA SUELEN GAMA DA CRUZ E
ORIENTADA PELA PROF.^a DR^a HELENA
ALTMANN.

Campinas
2022

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

C889n Cruz, Pâmela Suelen Gama da, 1996-
Neurodiversidade (en)cena : gênero e sexualidade na série Atypical /
Pâmela Suelen Gama da Cruz. – Campinas, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Helena Altmann.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Neurodiversidade. 2. Sexualidade. 3. Gênero. 4. Autismo. I. Altmann,
Helena. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III.
Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Neurodiversity on the scene : gender and sexuality in the Atypical series

Palavras-chave em inglês:

Neurodiversity

Sexuality

Gender

Autism

Área de concentração: Ciências Sociais na Educação

Titulação: Mestra em Educação

Banca examinadora:

Helena Altmann [Orientador]

Ana Cláudia Bortolozzi

Anderson Ferrari

Data de defesa: 17-08-2022

Programa de Pós-Graduação: Educação

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-8693-0596>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/7813442965066724>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO
NEURODIVERSIDADE (EN)CENA: GÊNERO E SEXUALIDADE NA
SÉRIE ATYPICAL

PÂMELA SUELEN GAMA DA CRUZ

COMISSÃO JULGADORA:

Prof.^a Dr^a Helena Altmann

Prof.^a Dr^a Ana Cláudia Bortolozzi

Prof.^o Dr^o Anderson Ferrari

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de
Dissertação/Tese e na Secretária do Programa da Unidade.

2022

À Nayara Bezerra Nóbrega e Gilberto Pascoal Gama (*in memoriam*),
obrigada pela oportunidade de ter compartilhado a vida com vocês.

“In these bodies we will live, in these bodies we will die.

Where you invest your love, you invest your life”

Mumford & Sons

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Lucia e ao meu pai, Maurício, por lutarem pelos meus sonhos como se fossem seus e me apoiarem incondicionalmente, mesmo quando não compreendiam o significado que toda essa jornada tem para mim.

À minha orientadora, Helena Altmann, por este feliz encontro, por ter oferecido espaço para que eu pudesse me desenvolver e desse modo, me ensinar o exercício da autoconfiança.

Ao Evandro Bernardini, Jeferson Apolinário, Gustavo Frigo, Lucas Briz e Noah por me apresentarem o verdadeiro significado de família, obrigada por terem vibrado ao meu lado e me acolhido em tempos sombrios.

À minha melhor amiga, irmã de alma, Mariah Schevenin, por caminhar ao meu lado, independentemente de tempo e espaço, obrigada por me ensinar a ver a vida com os seus olhos.

À Flávia Caner, por abraçar a minha intensidade e expandir a minha visão do amor e capacidade de amar.

À Adriana Galasso, por todo o processo terapêutico, sua escuta atenta e paciente me permitiu aprender a ser vulnerável.

Às minhas amigas, Evillin Galdino, Flávia Mendes, Marina Oliveira, Taís Albuquerque.

Aos meus amigos, Arthur Tietze, Gabriel Biasetto, Homero Ragnane, Rafael Steffen.

Ao Lorenzo, por ter me mostrado que a esperança de dias melhores mora na inocência das crianças.

Ao meu grupo de pesquisa e aos colegas, Barbara, Bruna, Deise, Juliana, Hugo, Maria Efigênia e Manuela.

À Nathália Servadio, por ter me acolhido desde o início do mestrado.

À Ana Cláudia Bortolozzi e ao Anderson Ferrari, por contribuir com esta pesquisa por meio de uma leitura atenta e contribuições enriquecedoras.

Aos professores e professoras que fizeram parte de toda a minha formação, Ana Cláudia Verzolla, Anderson Trevisan, Geraldo Fiamenghi, Laiz Chohfi, Maria Luísa Lattanzi Bars, Maria Teresa Eglér Mantoan, Paula Andrada.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento desta pesquisa.

RESUMO

Por meio da realização de uma análise fílmica da série *Atypical*, esta pesquisa tem como intuito analisar a constituição da sexualidade em um sujeito neurodiverso e, de um modo mais amplo, analisar o que a neurodiversidade revela sobre os regimes de verdade, em torno da sexualidade presentes na sociedade contemporânea. A adoção da série enquanto objeto-filme possibilita, por meio da descrição do texto fílmico, a exploração dos modos de endereçamento e das representações trazidas ao abordarem questões relacionadas à sexualidade. A interlocução entre os estudos de gênero, os estudos sobre deficiência e a neurodiversidade são considerados nesta pesquisa enquanto potentes alianças contingentes que possibilitam reflexões acerca da produção da subjetividade, a troca de experiências que escapam do biopoder e das práticas de governamentalidade. Pontuamos que, a narrativa trazida por *Atypical* está em consonância com pesquisas até então realizadas sobre a sexualidade dos autistas, em que tais sujeitos são constantemente invisibilizados e estigmatizados por uma sociedade capacitista. Além de abordar os sentimentos despertados em familiares ao notarem as expressões da sexualidade de sujeitos neurodiversos; o receio e a censura frente às perguntas ou instruções; a predominância de perspectivas normativas que marginalizam as singularidades em defesa de uma suposta sexualidade dócil e natural; o controle de familiares frente às oportunidades de criação de vínculos, impossibilitando a vivência de uma sexualidade saudável e autêntica, retirando dos autistas o direito a autonomia e a sexualidade. Os modos de endereçamento que atravessam os espectadores, dentre eles familiares, profissionais da saúde e educação, possibilitam a produção de novos saberes sobre corpos que antes eram tidos como abjetos. Conclui-se que os regimes de verdade circulam nas relações sociais e que fazem parte de um dispositivo que tende a docilizar e categorizar os sujeitos de acordo com a sua adesão às normas socialmente impostas, definindo-os enquanto neurotípicos/neurodiversos, normais/abjetos. Enfatizamos a compreensão de que não somente nosso sexo é governado, mas toda a nossa composição corporal, inclusive a maneira como nos sentimos, relacionamos e expressamos.

Palavras-chave: Neurodiversidade. Sexualidade. Gênero. Autismo.

ABSTRACT

Through a film analysis of the *Atypical* series, the present research aims to analyze the constitution of sexuality of a neurodiverse subject and, in a broader way, to analyze what neurodiversity reveals about the regimes of truth, around the sexuality present in contemporary society. The adoption of the series as a film-object makes it possible, through the description of the filmic text, to explore the modes of address and the representations brought about when discussing issues related to sexuality. The dialogue between gender studies, disability studies and neurodiversity are addressed in this research as potent contingent alliances that allow countless reflections on the production of subjectivity, the exchange of experiences that escape biopower and governmentality practices. We point out that the narrative brought by *Atypical* series is in line with research carried out so far on the sexuality of autistic people, in which such subjects are constantly made invisible and stigmatized in a society based in normative bodiedness. Besides to debating the feelings of family members and how they perceive expressions of the sexuality of neurodiverse subjects; the fear and censure in the face of questions or instructions; the predominance of normative perspectives that marginalize singularities in defense of a supposedly docile and natural sexuality; the control of family members in the face of opportunities to create bonds, making it impossible to experience a healthy and authentic sexuality, withhold from autistic people the right to autonomy and sexuality. The modes of address that pass through the spectators, including family members, health and education professionals, enable the production of new knowledge about bodies that were previously considered abject bodies. It is concluded that the regimes of truth circulate in social relations and that they are part of a device that tends to docile and categorize subjects according to their adherence to socially imposed norms, defining them as neurotypical/neurodiverse; normal/abject. We emphasize the understanding that not only our sex is governed but our entire body composition, including the way we feel, we relate and we express ourselves.

Keywords: Neurodiversity. Sexuality. Gender. Autism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Elsa mostrando para Doug os cartões de emoções de Sam.

Figura 2 – Doug mostrando para Elsa a reação de Sam.

Figura 3 – Casey e Doug correndo no parque.

Figura 4 – Evan e Casey vendo o álbum de fotografias.

Figura 5 – Vídeo que Sam está assistindo.

Figura 6 – Sam tirando uma foto pela *webcam*.

Figura 7 – Sam posando com Edison para uma nova foto para a rede social.

Figura 8 – Os meninos da escola mexendo com uma das alunas.

Figura 9 – Sam com fones de ouvido no café.

Figura 10 – Sam sorri para a garota que Zahid lhe mostra.

Figura 11 – Sam mostra a Julia o jeito que sorriu para a garota em seu trabalho.

Figura 12 – Julia demonstrando a Sam como ele poderia fazer contato visual.

Figura 13 – O armário de Beth com as escritas “orca”.

Figura 14 – Sam sendo tocado sutilmente pela garota.

Figura 15 – Elsa e Sam conversando no carro.

Figura 16 – Doug e Sam conversando sentados na varanda.

Figura 17 – Paige e Sam estudando juntos.

Figura 18 – Paige decalcando a lista criada por Sam.

Figura 19 – Sam perguntando se Paige estaria brava.

Figura 20 – Sam sentado em frente ao armário enquanto Paige está presa dentro dele.

Figura 21 – Sam se escondendo no vão de um armário da sala de aula.

Figura 22 – Sam entregando o presente e em seguida Paige beija-o.

Figura 23 – Casey e Izzie dentro da fortaleza construída com almofadas e lençóis.

Figura 24 – Casey e Izzie quase se beijando.

Figura 25 – Paige devolve o moletom de Sam e termina o namoro.

Figura 26 – Paige divulgando os pôsteres do Baile Silencioso.

Figura 27 – Sam pensando em Paige ao acordar.

Figura 28 – Sam chegando todo encharcado ao Baile Silencioso e entregando o colar de Paige.

Figura 29 – Sam na farmácia com Zahid.

Figura 30 – Destiny mostrando os seios para Sam.

SUMÁRIO

1. PONTO DE PARTIR[DA]: DESLOCAR-SE ENTRE AS FISSURAS.....	14
1.1. Um percurso nômade: caminho se conhece andando.....	14
1.2. Caixa de ferramentas.....	17
2. MAPA MÓVEL: O CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	25
2.1. Análise fílmica.....	28
2.2. Interlocução entre o campo de <i>disability studies</i> e os estudos de gênero.....	32
2.3. Neurodiversidade.....	36
2.4. Inclusão e multidões <i>queer</i>	42
3. LUZ, CÂMERA, AÇÃO.....	46
3.1. O direito à autonomia e a sexualidade.....	46
3.2. Quando nasce um bebê, toda uma família (re)nasce.....	53
3.3. Todos precisam de cuidado.....	62
3.4. Dispositivo da sexualidade e o reconhecimento do autista como sujeito de desejo....	64
4. EXPEDIÇÕES DE SAM: DESBRAVANDO A SEXUALIDADE.....	71
4.1. O mito da virilidade e a pedagogia da sexualidade.....	71
4.2. Processos de aprendizagem social das relações afetivas.....	80
4.3. “Paguei com o corpo o nome que carrego”.....	89
4.4. “Com que roupa eu vou?”: independência e construção de si.....	91
4.5. A falta que o excesso não cobre: o sincericídio.....	95
4.6. Um iglu para Doug e Sam: a construção da relação entre pai e filho.....	99
4.7. Um jantar <i>entre</i> e <i>com</i> as diferenças.....	105
5. “NINGUÉM É NORMAL!”: O DIREITO À DIFERENÇA.....	113
5.1. O <i>masking</i> como performance da normalidade e a relação como construção.....	113
5.2. Da heteronormatividade a corponormatividade: a urgência dos Estudos <i>Crip</i>	121
5.3. Incluir o <i>queer</i> e <i>queerizar</i> a inclusão.....	130
5.4. Sam Gardner e as práticas de si.....	135
5.5. Um brinde à <i>amizahid</i>	142

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	149
-------------------------------------	------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	155
---	------------

1. PONTO DE PARTIR[DA]: DESLOCAR-SE ENTRE AS FISSURAS

“Uma viagem é definida, no dicionário, como um deslocamento entre lugares relativamente distantes e, em geral, supõe-se que tal distância se refira ao espaço, eventualmente ao tempo. Mas talvez se possa pensar, também, numa distância cultural, naquela que se representa como diferença, naquele ou naquilo que é estranho, no “outro” distanciado e longínquo. A metáfora da viagem interessa-me para refletir não apenas sobre os percursos, as trajetórias e o trânsito entre lugares/culturas ou posições de sujeito, mas, também, para refletir sobre partidas e chegadas. Importa-me o movimento e também os encontros, as misturas, os desencontros”

Guacira Lopes Louro em “Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer”.

Na árdua tarefa de esboçar o caminho que ladrilhei no início desta trajetória acadêmica e a relação que venho estabelecendo com o que sou convidada a denominar “tema/objeto de pesquisa”, vivenciei cotidianamente o incômodo de nomear, transcrever e reescrever a relação que eu estava estabelecendo com a minha pesquisa. Tal esquadrinhamento faz-se necessário para que você, caro leitor ou leitora, possa compreender quais são os meus objetivos aqui. Contudo, manter a doce ilusão de que os acontecimentos são lineares tornou-se insustentável; para me fazer compreender, algo que não há a possibilidade de categorizar, hierarquizar, enumerar ou classificar os passos que dei até então.

O *hall* de entrada desta pesquisa, primeiramente, apresentou-se para mim em uma espécie de mapa a ser desenhado, em que eu teria de registrar todos os passos que dei para chegar aonde estou. Porém, o mapa teria como princípio a ideia de começo, meio e fim. Este seria o momento em que eu me introduziria juntamente a minha pesquisa, e posteriormente o desenvolvimento teórico-metodológico com todos os detalhes que a academia engendra em nossa formação. Portanto, tenho de fazer algumas renúncias antes de prosseguir nesse caminhar, abdicando da linearidade que não tive e contestando nomenclaturas acadêmicas que não enlaçam o que quero lhe dizer. Logo, o presente texto carrega em si todas as descontinuidades que vivenciei e continuo vivenciando até o fim desta minha jornada.

1.1 Um percurso nômade: caminho se conhece andando

Minha vida acadêmica e profissional teve como início a formação como bacharela em psicologia, inspirada desde sempre a querer compreender como se dá a relação entre os seres humanos, mas especialmente a relação que cada um estabelece consigo. Já no início da graduação, ainda no primeiro semestre, fui percebendo que a psicologia abrangia todos os

lugares possíveis: clínica, escola, hospital, esportes, tribunais, consultório de rua, empresas; entre risos, uma professora uma vez me disse que “onde estiver um ser humano, a psicologia é possível”. Sinto que minhas interrogações não somente não encontraram respostas, como me tornei uma colecionadora de enigmas.

Conforme fui sendo levada a observar os inúmeros aspectos dos sujeitos e da sociedade em que estão inseridos, notei que fui iniciando a lentos passos uma tímida dança com o campo dos estudos de gênero. Tendo sido considerada desde a minha iniciação escolar como uma menina moleca, percebia que minha espontaneidade gerava desconforto em professores e professoras, colegas e até mesmo familiares. Entre risos e repressões, sempre senti a presença de regras a serem seguidas e, especificamente em meu caso, elas diziam sobre a necessidade de que eu me tornasse mais feminina. Entretanto, quanto mais eu buscava compreender o que significava “ser uma mulher”, mais incompreendida me sentia, pois eu era levada a trocar a pipa, a bola e o carrinho pela boneca e seu mundo rosa, sendo que minha cor favorita sempre fora o azul. Aprendi, desde sempre, a temer um Deus onipresente e onisciente, alguém que parecia me vigiar o tempo todo e saber mais de mim do que eu, sem mesmo nunca tê-lo visto.

Ainda que eu percebesse e sentisse o desconforto que meu jeito de ser causava ao meu redor, hoje olho para trás e percebo que consegui seguir o que meu corpo, desejo e emoções apontavam. Mas quantas pessoas não foram reprimidas por este mesmo sistema? Não lembro qual foi o exato momento em que me reconheci como alguém que possui uma sexualidade; me recordo de sentir demasiado afeto por meninos e meninas e, conforme a idade ia passando, notei que crescia em mim um mal-estar por gostar de meninas. Todas essas questões que escrevo a você, querido leitor, voltaram a me inquietar quando me vi sentada numa sala ocupada majoritariamente por mulheres enquanto os poucos homens que resistiram ao curso de psicologia tiveram, em algum momento, sua sexualidade questionada e zombada por colegas de classe. Percebi que o mesmo sistema que me rodeava na infância estava a todo vapor mesmo depois de tantos anos, mas desta vez eu pude confrontá-lo.

Encontrar no campo dos estudos de gênero a desconstrução de todos esses discursos dominantes me possibilitou experimentar a liberdade e fazer as pazes com a criança que fui retirando toda a culpa que não lhe pertencia e compreendendo que as lutas são outras. Não por acaso, um dos encontros iniciais que tive com o campo se deu com Guacira Lopes Louro (2014) e com sua clareza em nos mostrar quão profícuo é o ambiente escolar para a reprodução de modelos dominantes que determinam como homens e mulheres devem ser. Pude dar um nome a um desconforto que sentia em minha própria pele: a pedagogização do corpo; e pude entender

como ela diz respeito ao modo pelo qual nos vestimos, comportamos, brincamos, sentimos e nos relacionamos.

A pluralidade de campos que a psicologia proporciona fez com que eu me aproximasse de questões sociais, sendo meu encontro com a educação um amor à primeira vista. Após retirar de mim uma culpa que não me pertencia e não mais estar na posição de aluna, mas sim de psicóloga, percebi que eu poderia me dedicar a retirar de outros sujeitos as amarras que nos são impostas. Ou seja, juntar-me a uma luta que me antecede a fim de garantir sua continuidade. Fui percebendo como o processo de escolarização demarca as diferenças por meio de discursos de poder-saber que dizem quais corpos serão considerados abjetos (MISKOLCI, 2020; OLIVEIRA, 2020; PELÚCIO, MISKOLCI, 2009).

Notar a existência de regimes de verdade (FOUCAULT, 2017) que buscam determinar quais sujeitos pertencem às categorias de gênero, raça, etnia, classe, capacidade, religião etc. me motivou a encontrar outros pontos a serem partidos para caminhar por novas fissuras. Lembro-me dos estágios obrigatórios que realizei ao final de minha formação, e o quanto me transformou meu reencontro com a escola. As supervisões semanais sempre mostravam um aumento assustador de alunos “laudados”¹ e, sendo a psicologia clínica uma área muito conhecida, ao entrarmos num ambiente escolar, a gestão logo supõe que trataremos os sujeitos abjetos e não que desejamos pensar na instituição escolar como um todo, inclusive, em seus gestores e docentes. Não havia como ignorar o tsunami de diagnósticos que inundava as escolas ou enumerar quantas vezes ouvi “este aluno não para quieto, não presta atenção, deve ter TDAH”², “aquele ali recebeu o diagnóstico de autismo, é quieto, não interage com ninguém”. As descrições que sempre foram tão singulares durante a minha infância, foram substituídas por critérios médicos e, portanto, por categorias.

Conclui o bacharel em Psicologia no final de 2018 e no início do ano seguinte iniciei minha trajetória profissional, já inserida numa sala de aula como Acompanhante Terapêutica (AT) de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Nessa minha recente jornada, fui percebendo que os processos normatizadores vão além das questões de gênero e são tão sutis quanto elas; já não são mais tão referentes somente aos brinquedos que as crianças escolhem, às cores que gostam ou à maneira pela qual se identificam, há uma normatização do modo que elas se comportam, reagem, se sentem e produzem. Ante esse

¹ Nomenclatura muito encontrada no meio escolar, principalmente por gestores e docentes.

² O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é considerado um Transtorno do Neurodesenvolvimento pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

cenário, concluí que os discursos hegemônicos se retroalimentavam das diferenças humanas, criando cada vez mais categorias que acabam por assujeitar os indivíduos, dizendo à eles quem são, onde pertencem e como devem ser.

1.2 Caixa de ferramentas

Enquanto uma aspirante a futura-pesquisadora do campo dos estudos de gênero e sexualidade, sempre tive a percepção de que as discussões acerca dos processos de normatização que envolvem os transtornos mentais ainda eram incipientes. Em 2020, já inserida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, percebi que meu projeto, que antes se limitara tão somente a falar sobre gênero e processos escolares, poderia ser ampliado de forma a abarcar os processos de subjetivação que vêm enclausurando sujeitos em diagnósticos.

Logo no início do século XXI vemos o desenvolvimento de algumas pesquisas que salientam que o campo é consideravelmente novo e pouco explorado (ANTONUCCI, 2005; BOURGONDIERA, REICHLE, PALMER, 1997), então caminhar por um espaço ainda recente nas produções acadêmicas acerca do autismo e da sexualidade foi um dos grandes desafios que vivenciei. Na última década, por sua vez, acompanhamos o surgimento de trabalhos que vêm abrindo portas para novas perspectivas, como, por exemplo, o fato de que anteriormente as pesquisas contavam com a visão de pessoas que estavam inseridas na vida do sujeito com autismo, mas nunca a visão de quem está no espectro e o modo pelos quais vivenciam e compreendem a sua sexualidade (DE TILIO, 2017; MAIA *et al.*, 2017; NASCIMENTO, 2019; ROCHA, MESQUITA, 2018; VIEIRA, 2016).

Além disso, por muito tempo a sexualidade das pessoas com deficiência – categoria na qual o autismo é legalmente reconhecido – foi marginalizada, infantilizada e desconsiderada, sempre colocada ao lado do anormal e errado. Diante disso, nos últimos cinco anos os trabalhos científicos vêm trazendo metodologias que abarcam os relatos autobiográficos (BRILHANTE *et al.*, 2021; LOPES *et al.*, 2018; MELLO, 2019), priorizando a percepção que os sujeitos que vivem no espectro têm sobre si, como eles se reconhecem enquanto seres que possuem uma sexualidade ou não, além dos desafios e as leituras que eles fazem de uma sociedade capacitista e neuronormativa que tende a colocá-los como o outro.

O tema dessa pesquisa passa a ser delimitado mediante as presentes leituras e a possibilidade de um diálogo entre os estudos de gênero, estudos *queer*, estudos sobre deficiência e a neurodiversidade. Dessarte, traço como foco de análise os sujeitos que estão

dentro do Transtorno do Espectro Autista (TEA), descrito como um transtorno do neurodesenvolvimento devido a déficits na comunicação verbal, interação social, reciprocidade socioemocional, comportamentos comunicativos, contato visual, comunicação comportamental, compreensão e uso de gestos, bem como devido a padrões repetitivos de movimentos motores e interesses restritos (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Acompanhar sujeitos que desde a tenra infância sofrem com a imposição de normas me fez pensar nas biopolíticas que penetram não somente em nossos corpos, mas principalmente em nosso psiquismo (FOUCAULT, 2017). O campo científico aplaude o constante avanço da indústria farmacêutica, capaz de entregar aos sujeitos aquilo que lhes falta ou retirar o que lhes excede, mas concomitantemente a isso, percebi que meus pacientes eram alheios a esse mecanismo de controle terapêutico e farmacêutico. Como consequência disso, quem dizia o que tinha de ser retirado ou colocado eram os discursos que perpassavam focos locais, como a família, a escola, a clínica, os colegas e o próprio sujeito.

Ao falar acerca do início da era farmacopornográfica durante o século XX, Paul B. Preciado (2018) salienta como durante e após a Segunda Guerra Mundial houve uma explosão de saberes científicos, que contavam com a existência de inúmeros laboratórios para estudar e moldar o corpo humano. Portanto, não contamos somente com um regime disciplinar (FOUCAULT, 2014), mas também com uma biopolítica que produz e controla cada vez mais a subjetividade dos sujeitos; nesse sentido, Preciado (2018) cita o avanço de medicamentos hormonais, da pílula anticoncepcional e das cirurgias plásticas e cosméticas. Além da indústria farmacêutica que ronda a sexualidade, o gênero e o prazer, durante esta pesquisa pude pensar na possibilidade de inserir na era farmacopornográfica os psicofármacos que controlam o modo pelo qual o sujeito se sente, se comporta e percebe o mundo.

Nos últimos anos temos acompanhado uma explosão discursiva acerca do diálogo entre autismo e sexualidade, como, por exemplo, a partir do aumento de produções científicas e do contínuo crescimento de discussões acerca da neurodiversidade em mídias sociais como *Facebook*³ e *Instagram*⁴: em sua etnografia virtual, Francisco Gabriel Alves da Silva (2021) enfatiza a importância da tecnologia como facilitadora da expressividade dos autistas. Vemos

³ Criado em 2004 pelo americano Mark Zuckerberg, o Facebook é uma rede social que permite a criação de perfis pessoais e profissionais, além da possibilidade de criar páginas e grupos com assuntos e públicos específicos (FACEBOOK, 2020).

⁴ Criado em 2010, atualmente o Instagram faz parte da Plataforma Meta, o conglomerado de mídias sociais de Mark Zuckerberg, e tem como principal dinâmica a postagem de fotos e vídeos, possibilitando sua troca com demais usuários (INSTAGRAM, 2020). Devido ao grande sucesso, o Instagram tem conquistado cada vez mais a criação de perfis pessoais, empresariais e profissionais.

também o aumento de produções audiovisuais adicionadas às plataformas de *streaming*: temos, por exemplo, o personagem fictício Shaun Murphy (Freddie Highmore) da série *The Good Doctor*, lançada em 2017 pela emissora *ABC Studios*; a série infantil chamada *Pablo* que relata a história de um garoto autista de cinco anos, sendo lançada na plataforma da Netflix em 2018; o reality show *Love on the Spectrum*, produzida pela *ABC Studios* e disponibilizada no catálogo da Netflix em 2020, produzida no caráter de documentário e que nos mostra o caminho percorrido por autistas em busca de um relacionamento amoroso.

Interessa-nos aqui, especificamente, a repercussão e a história da série *Atypical*, lançada em 2017 pela Netflix, tendo como roteirista a norte-americana Robia Sara Rashid. A série tem como protagonista Sam Gardner (Keir Gilchrist), um adolescente autista que está prestes a completar dezoito anos e que deseja sua independência. Ao mesmo tempo, o personagem compartilha com os espectadores as angústias vivenciadas durante sua passagem pelo ensino médio e as dificuldades de viver em uma sociedade capacitista⁵. Meu encontro com a série se deu enquanto telespectadora e consumidora da plataforma de streaming. Recordo-me de ainda estar na graduação, dando início aos estágios obrigatórios, justamente quando presenciava a taxação de um público e, concomitantemente, a desumanização de suas vivências. Tais alunos e alunas eram vistos somente como laudos e não como sujeitos singulares. Em contrapartida, essa série ficcional apresentava-me outra perspectiva ao contar a história de um garoto autista, colocando-o como centro de sua própria história, trazendo suas perspectivas, desejos e desafios.

Com um toque de diversão e sensibilidade, acompanhamos o personagem Sam em busca de um relacionamento, compartilhando seus desejos afetivos e sexuais; concomitantemente, observamos a invisibilização de sua sexualidade dentro da dinâmica familiar, influenciada pelos discursos presentes na sociedade. Tendo apenas o suporte de sua irmã, Casey (Brigitte Lundy-Paine); sua terapeuta, Julia (Amy Okuda); e seu amigo, Zahid (Nik Dodani), somos enlaçados pela busca afetivo-sexual do personagem, que acabam por trazer em suas cenas as dúvidas, receios e novidades vivenciadas por Sam. Sendo assim, a série narra o modo pelo qual Sam compreende e vivencia sua sexualidade enquanto tenta compreender, concomitantemente, as regras sociais que perpassam suas experiências e acabam por marginalizar seu modo de ser, devido à não-adesão ao modelo socialmente esperado, proporcionando a nós, neurotípicos e

⁵ O capacitismo diz respeito a preconceitos que classificam os sujeitos de acordo com um ideal de capacidade corporal, funcional e cognitiva. Podendo ser refletido em mecanismos que interditam, excluem e diferenciam corpos com base no princípio da funcionalidade, ou seja, segundo o que as pessoas são capazes ou não de fazer. Sendo assim, as pessoas com deficiência passam a ser consideradas “incapazes” devido a um padrão corporal presente na sociedade, enfatiza Anahí Guedes de Mello (2016).

neurodiversos, a possibilidade de refletir sobre o efeito da cultura no indivíduo (CRUZ; ALTMANN, 2021a).

Concomitantemente aos tímidos avanços que Sam vai obtendo durante o desenvolvimento de sua autonomia, presenciamos o reflexo dessas conquistas em sua dinâmica familiar. A superproteção de sua mãe, Elsa (Jennifer Jason Leigh) atrapalha Sam na exploração das possibilidades que surgem no dia a dia, dificultando a construção de relações sociais e, conseqüentemente, a sua busca por um relacionamento. Do outro lado, podemos ver seu pai, Doug (Michael Rapaport), relatando as dificuldades de adaptação e aceitação que teve desde a notícia sobre o autismo de Sam, bem como os minuciosos passos que vem conquistando na relação com seu filho (CRUZ; ALTMANN, 2021a).

Não posso negar que fui completamente enlaçada pela série ao perceber que Sam carregava em si desafios que diziam tanto sobre uma sociedade neuronormativa e capacitista quanto sobre uma escolarização dos corpos, que não somente leva os sujeitos a se reconhecerem como possuidores de uma sexualidade, mas que principalmente delimita quais sexualidades são normais e anormais. Além disso, tendo como uma das principais características a literalidade, os autistas acabam confrontando diretamente as normas sociais, que muitas vezes são contraditórias e complexas. Ao observar o ambiente escolar, Silva *et al.* (2021) relata a maneira os alunos autistas vêm expressando sua sexualidade e de que modo isso passa a ser visto por profissionais ali presentes, pontuando a invisibilização da sexualidade desse público, afinal se a educação sexual já é um tabu dentro das instituições de ensino, a abordagem frente a sexualidade de pessoas consideradas fora da norma tende a ser ainda mais complicada. Pesquisas vêm se dedicando a uma educação sexual inclusiva, pensando em estratégias para aproximarem-se desse público, bem como a orientar familiares e profissionais (OTTONI *et al.*, 2021).

Como pesquisadora, tentei relembrar meu primeiro encontro com a série a fim de trazer à tona os sentimentos e reflexões que ela me despertou, trazendo o que Elizabeth Ellsworth (2001) denominou de “modos de endereçamento”, ou seja, fui inundada por questões como: quem esta série pensa que eu sou? E o que ela pensa que os autistas são? Qual contexto inspira a produção de *Atypical* e como se dá sua ligação com a sociedade? Enquanto produção cinematográfica, a série carrega em si questões que atravessam a sociedade, mesmo que de modo ficcional. Para Ellsworth (2001), esse é o peso político que filmes e séries carregam, pois, pelo seu enredo, trazem para a relação cinema-indivíduo-sociedade a capacidade de mudança social. Quando eu compreendo a relação que o texto de uma produção pode ter com seus telespectadores, eu passo a ter o poder de influenciar a percepção de meu público. Como

exemplo disso, a Netflix recentemente atingiu o marco de 200 milhões de assinantes (NETFLIX, 2020) e, possivelmente, dentre eles encontram-se professores e professoras, gestores e gestoras, pesquisadores e pesquisadoras, profissionais da saúde, estudantes, pais, mães e irmãos e irmãos autistas. A partir desse dado podemos indagar: de que maneira esses sujeitos compreendem a sexualidade dos autistas e quais mudanças a série pôde gerar em seus pensamentos?

Compreendemos que *Atypical* está submersa em uma onda de produção de saberes sobre autismo e sexualidade, pois traz em si os desafios que o público enfrenta, bem como as inseguranças familiares e o modo através do qual a sociedade tende a construir um modelo de sexualidade tido como normal. Assim, a série deixa de ser algo que está somente nas telas, passando a transitar em nossas relações com a capacidade de realizar mudanças sociais. Dessarte, o arcabouço metodológico desta pesquisa vê na série *Atypical* a sua potência enquanto produção de conhecimento, ou seja, considera seu caráter pedagógico, pois, por meio do enredo e de suas cenas, podemos aproximarmo-nos de discursos socioculturais acerca de marcadores sociais da diferença (capacidade, gênero, raça, etnia, religião, classe etc.). Nota-se, com isso, que as produções cinematográficas possuem a capacidade de trazer para as telas a reprodução de discursos existentes, como também tem o poder de influenciar diretamente a ideia que os sujeitos possuem das diferenças existentes na vida em sociedade, bem como a constituição dos próprios sujeitos, em que diversas vezes são afetados por discursos que ditam o modo como devem ser (CRUZ, ALTMANN, 2021a; LOURO, 2020; SABAT, 2001).

Quando me aproximei desse diálogo, questionei se o autismo seria considerado uma deficiência. Tal indagação surge pelo fato de, *a priori*, eu perceber que as deficiências comumente citadas, como, por exemplo, a deficiência física, intelectual, auditiva etc. pareciam não abarcar o TEA. Frente ao questionamento de qual grupo os transtornos mentais como autismo, bipolaridade, esquizofrenia e demais diagnósticos pertencem, Romeu Kazumi Sassaki (2012) insere os transtornos mentais no debate sobre deficiência por meio da categoria de deficiência psicossocial, englobando os aspectos de saúde mental.

Quando há um debate acerca da sexualidade das pessoas com deficiência, encontramos discursos recorrentes que alimentam a ideia de que as PCD não desfrutam de uma sexualidade “normal”, conforme apontam Ana Carla Vieira e Ana Cláudia Bortolozzi Maia (2016); assim como há uma tendência de restringirem a sexualidade em seus aspectos genitais, excluindo completamente outros elementos existentes (MAIA *et al.*, 2017). Além disso, nas pesquisas realizadas, familiares relataram sentimentos como: insegurança e medos, bem como dúvidas sobre a sexualidade de seus filhos e filhas, colocando-os numa posição de dependência que

acaba por impossibilitar ou dificultar a vivência plena de sua sexualidade, além de interpretarem seus comportamentos como infantis. Ao mesmo tempo, familiares relatam o sentimento de medo frente a possibilidade de seus filhos e filhas não estabelecerem laços afetivos e não constituírem família e, logo, temem a possibilidade de uma vida solitária (DE TILIO, 2017; VIEIRA, MAIA, 2016). Nota-se o quão incipiente é a discussão sobre a sexualidade das pessoas com deficiência, pois muitas vezes a percepção e o debate sobre tais sujeitos giram entorno das dificuldades sociais, físicas, motoras e psicológicas; como se a vida das pessoas com deficiência emanasse tão somente pedidos de cuidado e impossibilidades, fazendo com que seus desejos sejam silenciados e sua autonomia não seja exercida (CRUZ; ALTMANN, 2021a).

O diálogo entre os estudos de gênero e os estudos sobre deficiência (*Disability Studies*) nos possibilita a indagação da existência de um corpo “natural” e, portanto, “normal”; comumente considerado com capacidades físicas, cognitivas e funcionais e, sendo assim, os corpos que não seguem a norma são vistos como incapazes e deficientes. Os estudos sobre deficiência se aproximam dos estudos de gênero ao tratar os discursos que permeiam os corpos como construções sociais, rompendo com visões essencializantes. Se os feminismos contestam o patriarcado; o movimento negro, a branquitude; as PCD contestam a corponormatividade ao combater visões médicas que defendem a cura e medicalização de corpos e subjetividades.

Após delimitarmos a possibilidade de os campos terem pautas em comum, contaremos com ferramentas teóricas para realizar a análise e reconstrução de aspectos culturais tidos como atemporais como, por exemplo, a concepção de gênero enquanto categoria analítica trazida por Joan Scott (1995). Ao considerar que as palavras possuem uma história e que, portanto, carregam em si aspectos socioculturais, temos a oportunidade de reaver sua construção histórica, possibilitando a reavaliação e reconstrução de nossos olhares, observando que as categorias hegemônicas, como homem/mulher, negro/branco, capacidade/incapacidade etc. possuem aspectos normatizadores.

Deste modo, a vida daqueles que foram colocados à borda manteve-se silenciada por séculos. Como consequência disso, essas pessoas tiveram suas narrativas contadas por outrem. É necessário darmos ouvidos para essas histórias, possibilitando a criação de outras experiências e defendendo a igualdade de direitos humanos, esquivando-nos de valores hegemônicos e excludentes. Utilizarmos a deficiência enquanto categoria analítica e relacional auxiliará na revisão do modo pelo qual a deficiência pôde funcionar como normatizadora das relações sociais, ao regular valores e a ocupação de lugares dentro da sociedade.

Convém salientar que esta pesquisa é de cunho qualitativo e filosófico, contando com a perspectiva pós-estruturalista para desconstruir categorias totalizantes; contudo, faz-se

necessária a utilização de terminologias a fim de localizar o contexto sócio-histórico das pessoas com deficiência, bem como inseri-las juntamente a essa pesquisa, na luta pelo direito à diferença. Reconhecendo, então, que tais nomenclaturas fazem-se necessárias para avanços políticos e legislativos que garantam aos sujeitos uma vida digna sem barreiras sociais, atitudinais, físicas etc.

De acordo com o movimento da neurodiversidade, as diferenças neurológicas não devem ser vistas como um transtorno mental a ser diagnosticado e tratado, mas sim enquanto uma diferença humana, do mesmo modo que o gênero, raça, classe, etnia, capacidade etc. (ORTEGA, 2008; SINGER, 2017). Portanto, os critérios diagnósticos acerca do Transtorno do Espectro Autista (TEA) contidos no Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) são vistos enquanto categoria analítica, pois tais saberes fazem parte de uma disputa discursiva que influencia a gestão das relações afetivas e dos corpos, tanto dos neurotípicos quanto dos neurodiversos. Tal reflexão possibilita, ao final, repensar como somos constantemente indagados sobre nossa sexualidade e sobre os discursos hegemônicos que legitimam apenas um modelo enquanto denomina os demais como dissidências sexuais.

Diante disso, esta pesquisa teve como objetivo a realização de uma análise fílmica acerca da série *Atypical*, a fim de analisar a constituição da sexualidade em um sujeito neurodiverso e, de um modo mais amplo, na sociedade na qual está inserido. Em outras palavras, a pesquisa pretendeu compreender como a série aborda questões relacionadas à sexualidade de Sam e o que sua singularidade revela sobre os regimes de verdade em torno da sexualidade presentes na sociedade contemporânea.

A série *Atypical* consiste em quatro temporadas lançadas entre o ano de 2017 e 2021. A fim de garantir uma pesquisa minuciosa, permiti debruçar-me especificamente na primeira e segunda temporadas para me dedicar às questões iniciais levantadas pela série. Esta pesquisa está dividida em cinco capítulos: o primeiro, de caráter introdutório, busca descrever o modo pelo qual a pesquisadora chegou até o problema de pesquisa. O segundo capítulo refere-se às questões teóricas-metodológicas, explicitando de que modo ocorrerá a análise fílmica de *Atypical*, bem como a realização de um diálogo interseccional entre os estudos de gênero e os estudos sobre deficiência, a fim de delimitar as ferramentas utilizadas no decorrer deste caminhar.

A partir do terceiro capítulo damos início a análise fílmica da série, introduzindo a dinâmica da família Gardner para contextualizar os leitores sobre questões basais para a análise da série. O texto é organizado da seguinte maneira: o primeiro passo é a desconstrução do texto fílmico a fim de contextualizarmos o autismo e a história de Sam. Convém salientar que a

análise fílmica produzida nesta pesquisa, teve como intuito realizar uma análise a partir da narrativa trazida pelas cenas da série e, sendo assim, não aborda aspectos técnicos e de roteiro. Portanto, a organização consiste na descrição minuciosa do texto fílmico e, concomitantemente, a análise de dados dividida em subcapítulos que buscam as questões fomentadas durante a pesquisa.

O quarto capítulo terá como foco as discussões levantadas durante as cenas em que as questões sobre a constituição da sexualidade foram observadas, trazendo não somente a perspectiva de Sam, como também dos demais personagens. Nesse capítulo, o texto-fílmico nos possibilita ver que a constituição da sexualidade dos sujeitos ocorre de modos sutis, independentemente de sermos neurotípicos e neurodiversos, devido ao impacto das pedagogias da sexualidade, que rondam as relações sociais. Além disso, será possível entender como essas pedagogias são primordiais para a reprodução e manutenção de discursos hegemônicos que instauram jogos de verdade a fim de normatizar os sujeitos.

O quinto capítulo refere-se a uma segunda etapa da vida de Sam, na qual ele não mais está à procura de um relacionamento, mas sim vivenciando uma relação afetivo-sexual, trazendo-nos dados para pensarmos sobre a constituição das relações humanas perante algumas situações vivenciadas pelos personagens. A partir disso, conseguiremos trazer problematizações entre uma relação vista pela sociedade como “normal”, vivenciada por neurotípicos, e a constituição das relações afetivas por pessoas autistas. O intuito deste diálogo não consiste em fazer comparações. Pelo contrário, ao sinalizarmos as aproximações, conseguimos detectar práticas discursivas e não-discursivas que penetram nas relações e criam as diferenças em prol de uma normatização dos sujeitos. Ademais, perante o desenvolvimento de Sam, conseguimos notar uma tendência de uma ética do cuidado de si que possibilita não somente indagar o modo pelo qual somos levados a nos constituir, mas principalmente a elaboração de novos modos de vida e relacionamentos.

O sexto e último capítulo contará com as considerações finais da trajetória vivenciada durante esta pesquisa, com uma análise geral das informações históricas aqui mencionadas para podermos refletir sobre como a percepção que temos dos autistas e de sua sexualidade veio a ser o que é por meio das imagens fílmicas e dos discursos. Reitero que o intuito não é responder a perguntas, mas desconstruir verdades que antecedem esta pesquisa, e possibilitar a despatologização das diferenças, deixando aos meus leitores e leitoras o que Derrida denomina de “herança”: pois esse pesquisar está localizado histórica e culturalmente em seu tempo, buscando deixar novas questões a serem fomentadas por um *devenir*.

2. MAPA MÓVEL: o caminho teórico metodológico

“Quando se trabalha, a solidão é, inevitavelmente, absoluta. (...) Só que é uma solidão extremamente povoada. (...) É do fundo dessa solidão que se pode fazer qualquer encontro. Encontram-se pessoas (e às vezes sem as conhecer nem jamais tê-las visto), mas também movimentos, ideias, acontecimentos, entidades.”

Gilles Deleuze e Claire Parnet em “Diálogos”

Dentre as metodologias que auxiliam a produção de subjetividade, inevitavelmente mostrou-se necessário o debate acerca de pesquisas qualitativas e quantitativas, atentando-se à ideia de que as investigações de cunho quantitativo majoritariamente contam com um caminho pré-existente, comumente dirigido pela criação de questionários, testes e métodos estatísticos, trazendo em seu repertório a eficiência de dados padronizados, passíveis de serem catalogados, hierarquizados e analisados, o que torna quase inexistente a possibilidade de os dados coletados escaparem. Entretanto, há uma variedade incomensurável de fenômenos humanos e, por mais eficazes que determinadas metodologias sejam, há objetos que delas escapam demandando, por isso, outras possibilidades. Frente a isso, podemos nos indagar sobre a oportunidade de nos aproximarmos e estudarmos processos que estão em constante movimento indo, assim, além da captação de estruturas sociais (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009).

Se as ciências exatas e biológicas possuem maior exatidão em apreender fenômenos e acompanhar seus processos, as ciências humanas e algumas áreas da saúde, em contrapartida, podem ser constantemente questionadas sobre dados apresentados de modo abstrato. Enquanto a física, a matemática, a química e a estatística possuem fórmulas pré-existentes, as ciências humanas e sociais, que ocupam espaços educacionais, clínicos, institucionais e de saúde, podem parecer insatisfatórias por contarem com ferramentas etnográficas e qualitativas. Para contornar tais questionamentos, contamos com a perspectiva cartográfica descrita por Gilles Deleuze e Félix Guattari, reconhecendo que na escrita há a possibilidade do texto-agenciamento, que possibilita acompanhar o percalço de um pesquisar ao abdicar de qualquer compromisso com a gênese de um fenômeno, por tal geologia filosófica-política ter em seu âmago a fórmula do n-1.

Menos o Uno. Menos o Todo, de tal maneira que a realidade se apresenta como plano de composição de elementos heterogêneos e de função heterogênica: plano de diferenças e plano do diferir frente ao qual o pensamento é chamado menos a representar do que a acompanhar o engendramento daquilo que ele pensa. Eis, então, o sentido da cartografia: acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 10).

O método cartográfico carrega em si o pensamento performático, renunciando à universalidade e ao caráter unívoco dos fenômenos, permitindo-se abraçar a multiplicidade e as diferenças. Sendo assim, a cartografia substitui os instrumentos preexistentes por um mapa móvel, compreendendo que “tudo aquilo que tem aparência de ‘o mesmo’ não passa de um concentrado de significação, de saber e de poder” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 10). Se neste mapa não há centro ou um destino, como direcionarmos-nos metodologicamente? Se pensarmos na etimologia, a palavra “metodologia” tem origem em *metá-hódos*, em que *hódos* significa caminho, direção, e *metá* quer dizer raciocínio, verdade. Entretanto, o que a cartografia propõe é um giro metodológico nesta formulação, transformando-a em *hódos-metá*, pois “essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. Com isso não se abre mão do rigor, mas esse é ressignificado. O rigor do caminho” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 10-11). Portanto, o cartógrafo não contará com regras a serem seguidas, mas sim com pistas que o auxiliarão no percurso de seu pesquisar.

Ao adotar o método de pesquisa-intervenção da cartografia, o meu pesquisar não agiu e não age de modo prescritivo, delimitando previamente regras e objetivos. Ainda que esta declaração possa causar estranheza, saliento que diferentemente da metodologia tradicional que elenca objetivos a serem traçados durante a pesquisa, aqui consideramos a potencialidade da reversão metodológica que possibilita um caminhar sem metas pré-fixadas (*metá-hódos*), substituindo-o por “um caminhar que traça, no percurso, suas metas (*hódos-metá*)” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 17). Frente a isso, a linha tênue entre pesquisar e intervir e entre conhecer e fazer se mostra inerente, pois toda pesquisa é já uma intervenção, assim como o intervir também demanda do sujeito teoria e prática.

Este conjunto quádruplo é denominado por Eduardo Passos e Regina Benevides de Barros (2009) como “plano de experiência” (p. 17), pois considera-se que:

Objeto, sujeito e conhecimento são efeitos coemergentes do processo de pesquisar, não se pode orientar a pesquisa pelo que se suporia saber de antemão acerca da realidade: o *know what* da pesquisa. Mergulhados na experiência do pesquisar, não havendo nenhuma garantia ou ponto de referência exterior a esse plano, apoiamos a investigação no seu modo de fazer: o *know how* da pesquisa. O ponto de apoio é a experiência entendida como um saber-fazer, isto é, um saber que vem, que emerge do fazer. Tal primado da experiência direciona o trabalho da pesquisa do saber-fazer ao fazer-saber, do saber na experiência à experiência do saber. Eis aí o ‘caminho’ metodológico (PASSOS; BARROS, 2009, p. 17).

Nos últimos anos, presenciamos uma disputa entre a TV aberta e as plataformas de *streaming*⁶ – como Amazon Prime Vídeo, Disney+, Globoplay, HBO Max, Netflix – frente ao consumo dos espectadores. Nos fazendo pensar que, se anteriormente o consumo de séries, filmes e novelas aconteciam na sala de casa, possibilitando a reunião de família e amigos, em que muitas vezes ocorriam o aluguel em videolocadoras, agora os sujeitos utilizam de instrumentos mais velozes e práticos: notebook, smartphone, tablet, *smart TV* (CRUZ; ALTMANN, 2021a). A contratação de serviços de plataformas que disponibilizam inúmeros filmes, séries e documentários em seus catálogos, independentemente do meio eletrônico, vem conquistando cada vez mais a atenção dos consumidores. Além de que, as plataformas de *streaming* têm proporcionado mais diversidade ao dar visibilidade para criações independentes de outros estúdios de filmes, fugindo do clichê hollywoodiano, como, por exemplo, a própria Netflix⁷ vem produzindo filmes nos últimos anos (CRUZ; ALTMANN, 2021a).

As produções de caráter parcial ou completamente ficcional podem gerar confusão em alguns espectadores. Por exemplo, existem obras que têm em seu âmago histórias reais, mas com alterações. A partir disso, a defasagem das informações pode ocasionar um conhecimento superficial para os espectadores que apreendem a narrativa como cem por cento verídica (DUARTE; COELHO; SOL, 2020). Ao estarem na linha tênue entre realidade e ficção, as produções audiovisuais trazem para as telas representações culturais, podendo ou não reproduzir falas do senso comum que constroem os estereótipos, tornando a produção audiovisual uma importante ferramenta que acaba por reiterar discursos construídos na sociedade (CRUZ; ALTMANN, 2021a). Frente a isso, observamos seu papel educativo, que se aproxima de pedagogias culturais, ainda que aparentemente esteja acobertado pelo caráter de lazer.

As produções audiovisuais buscam preencher seu enredo com informações que possibilitem a aproximação entre o espectador e a obra. Portanto, as imagens e os efeitos especiais são formas de transmitir conteúdos, possibilitando aos estúdios a construção de narrativas sobre o cotidiano das multidões, legitimando determinadas vidas e desautorizando outras (LOURO, 2020). A depender do modo que as questões sociais são abordadas nos discursivos cinematográficos, as diferenças humanas podem ser invisibilizadas ou então

⁶ Compreende-se por serviço de streaming qualquer tecnologia que permite por meio de serviços de dados, como a internet, o acesso a produções audiovisuais, como filmes, shows, séries (BOUSSO; SALLES, 2020).

⁷ A Netflix foi criada por Reed Hastings e Marc Randolph no ano de 1997. Teve como princípio, a oferta de aluguel e compra de DVDs em seu site. Posteriormente, desenvolveu um serviço de assinatura que possibilitava o aluguel ilimitado de DVDs. Em 2007 lançaram o serviço de streaming, após atingirem o marco de, aproximadamente, cinco milhões de assinantes. Atualmente, a Netflix superou a marca de 200 milhões de assinantes, expandindo para mais de 190 países (CRUZ, ALTMANN, 2021a; NETFLIX, 2020).

apresentadas de modo normativo, produzindo inverdades sobre o outro e influenciando diretamente a constituição dele e de si.

Se as telas nos contam histórias sobre a masculinidade viril, a delicadeza da feminilidade, a idealização da capacidade corporal, temos de indagar: onde estarão os corpos que não se sentem representados pelo discurso hegemônico? De que modo a supervalorização do corpo humano pode influenciar a criação de estigmas sobre pessoas com deficiência? Quais são os papéis interpretados por pessoas não-brancas? Por meio desses discursos, o cinema tem a capacidade de construir múltiplos cenários que podem se aproximar da vida real, que podem reproduzi-la em suas telas. Sendo assim, é profícuo pesquisarmos sobre sua participação na constituição dos sujeitos, incluindo investigar de que modo a abordagem dos temas sociais acaba por reforçar ou invisibilizar determinados sujeitos. Portanto, nos interessa saber qual é a maneira que pautas como raça, classe, gênero, sexualidade, capacidade, religião, etnia, geração etc., são discutidas através de cenas ficcionais. Ademais, de que modo a fantasia se instala na realidade, penetrando no significado dos corpos e influenciando a maneira de vermos e sermos vistos? O que vem sendo transmitido *para* os autistas e *sobre* os autistas? O que este discurso (des)autoriza?

2.1. Análise filmica

Os filmes e as séries podem ser considerados como um modo de construir, preservar e reestruturar as representações culturais, funcionando como uma estratégia que tem o poder de influenciar, diretamente ou não, o que nós pensamos sobre determinadas pessoas e questões sociais, bem como servir de base para a ideia que construímos sobre o amor, amizade, família, trabalho, sucesso, sexualidade etc., como ressalta Rosália Duarte (2002). A educação, compreendida como processo de transmissão, produção e construção de saberes, acaba por refletir os valores éticos e morais de uma sociedade. Com isso, se considerarmos as formas de socialização intrínsecas ao processo educativo, notaremos que aparatos culturais como cinema, música e literatura são igualmente eficazes na formação dos cidadãos. Reconhecemos, assim, a potencialidade de espaços que vão além dos muros das escolas, que são igualmente produtores de conhecimento, mesmo que aparentemente tenham o aspecto de lazer (SABAT, 2001).

Os Estudos Culturais vêm se debruçando sobre a área educacional desde o seu surgimento nos anos 60, realizando significativas transformações acerca do que se entende por pedagogia, ampliando os campos de saberes para além das instituições e envolvendo a potencialidade educativa existente em filmes, novelas, séries, sites, redes sociais, livros, revistas, jornais e demais modalidades de mídia (ANDRADE; COSTA, 2015). Todos os

artefatos culturais estão vinculados aos processos de constituição dos sujeitos, pois transmitem e (re)produzem valores da sociedade, instigando o que pensamos e sentimos nas nossas relações, pois

Determinadas experiências culturais, associadas a uma certa maneira de ver filmes, acabam interagindo na produção de saberes, identidades, crenças e visões de mundo (...) Esse é o maior interesse que o cinema tem para o campo educacional – sua natureza eminentemente pedagógica (DUARTE, 2002, p. 19)

Enquanto o século XX teve o marco da inauguração de salas de cinema, o século XXI traz mais diversidade em relação às produções cinematográficas, disponibilizando serviços em *smart TV*, notebooks, tablets, smartphones (CRUZ; ALTMANN, 2021a). Por consequência disso, cada vez mais somos diariamente bombardeados com discursos e imagens produzidas pelos meios de comunicação e informação; por imagens que possuem o intuito de nos fazer rir e chorar, de nos despertar a curiosidade e o medo, assim como falar sobre modos de vestir, de comer e de pensar.

Quando falamos de cultura visual, podemos ir além da leitura e visualização das imagens já que ela inclui em seu guarda-chuva outros sentidos, pois seu intuito é fomentar discussões sobre os significados que permeiam a sociedade e as relações, ou seja, fazem com que o debate vá além das telas ao trazer aproximações e distanciamentos da vida cotidiana. Para compreendermos melhor como esse processo ocorre, é imprescindível distinguirmos visão de visualidade, sendo:

A visão como o processo fisiológico em que a luz impressiona os olhos e a visualidade como o olhar socializado. Não há diferença entre o sistema ótico de um brasileiro, de um europeu ou de um africano, mas sim no modo de descrever e representar o mundo de cada um, pois eles têm maneiras próprias de olhar para o mundo o que, conseqüentemente, dá lugar a diferentes sistemas de representação (SARDELICH, 2006, p. 462)

Portanto, enquanto a visão refere-se ao processo fisiológico, a visualidade corresponde ao modo de representação do mundo, oferecendo aos sujeitos a oportunidade de desenvolver novas ideias, visualizar com outros olhos e permitirmo-nos refletir criticamente sobre o que nos é mostrado. Para os estudiosos do cinema, a visualidade é um dos pontos a serem explorados pelo modo de endereçamento (ELLSWORTH, 2001; FERRARI, 2012), sendo este o momento em que os produtores de cinema refletem sobre quem será seu público-alvo, ou seja, seus espectadores. O modo de endereçamento servirá como uma ponte entre o espectador e a imagem. A partir do florescer da visualidade por meio da evocação de emoções e interpretações, somos convocados a refletir sobre nós, os outros e a cultura.

Independentemente de estarmos vendo uma produção ficcional ou não, o nosso olhar é culturalmente elaborado. Ao olharmos para uma imagem, nós entramos em contato com um

saber que temos acerca dela, mesmo que esse saber seja um não-saber (BERGER, 1999). Não existe um significado que seja intrínseco à produção cinematográfica porque os discursos proferidos pela série servem como uma ponte para refletirmos acerca dos contextos social e histórico nos quais estamos inseridos. Para Guacira Lopes Louro (2020), “distintas relações do sujeito com a imagem fílmica podem ocorrer: acolhida, ruptura, conformidade, resistência, crítica ou imprevisíveis combinações dessas e de outras respostas” (p. 424).

Delimitar a análise fílmica como um itinerário para este pesquisar me proporcionou a reflexão sobre outros lugares; se o meu primeiro contato com a série se deu enquanto eu ocupava tão somente a posição de espectadora, como pesquisadora tive a oportunidade de pensar em outros endereçamentos disparados pela série. Por exemplo, o que motiva uma das principais provedoras de filmes e séries das plataformas de *streaming* a lançar uma produção que fala sobre autismo e sexualidade? Quais saberes a série está fomentando sobre a sexualidade dos autistas e não-autistas? Quais discussões podem ser travadas a partir de *Atypical*?

A classificação etária da série é para maiores de 14 anos, o que nos mostra que seu público-alvo envolve adolescentes, adultos e idosos, ou seja, uma grande parcela de assinantes do serviço. Essa informação nos ajuda a projetar que dentre os grupos heterogêneos podemos encontrar mães e pais, professores e professoras, gestores e gestoras, alunos e alunas, profissionais da saúde, entre outros. Sendo assim, os modos de endereçamento são múltiplos e nos permitem observar as relações entre pais, mães, filhos e filhas, parentes, colegas, professores, professoras e alunos e alunas, sejam eles neurotípicos ou neurodiversos, pois viver em sociedade é lidar com a diferença do outro.

Se a série questiona “quem somos nós?”, enquanto espectador(a) de *Atypical*, ela também pode ocasionar a reflexão sobre: “quem eu penso que meu filho ou minha filha é?”, “como eu me relaciono com as pessoas?”, “como eu lido com essas mesmas questões que o Sam está lidando?”, “quais são os distanciamentos e as aproximações entre a minha sexualidade e a de Sam?”. A cultura visual de *Atypical* traz para nós a perspectiva de um sujeito neurodiverso, mas também nos faz refletir sobre o impacto da sociedade normativa que coloca o neurotípico como “normal” e o autista como abjeto; Sam nos dá a oportunidade de observarmos regimes de verdade existentes no cotidiano e que podem ser imperceptíveis aos neurotípicos.

Ressaltamos a potencialidade da cultura visual em transformar a percepção de seus espectadores porque somos levados, perante as imagens, a pensarmos sobre a neurodiversidade e a sexualidade. Entre uma cena e outra, nossas experiências preenchem as lacunas e então começamos a dialogar com o filme. Aqui, consideramos o objeto-filme enquanto texto e, como

diz Paulo Freire (1989, p. 9), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Desejo que esta (re)leitura do autismo e da sexualidade possibilite o enfraquecimento de estruturas normativas que impossibilitam o direito à diferença e que a partir dessas reflexões imaginemos outros modos de existência.

Portanto, para a realização da análise fílmica, a pesquisa adotará a série *Atypical* enquanto objeto-filme, separando-a em dois atos: desmonte e reconstrução (VANOYE; GALIOT-LETÉ, 1994). Essa obviedade pode causar um estranhamento: por que desmontaríamos uma produção que foi arduamente montada? Entretanto, a escrita do roteiro, a decupagem, a filmagem e a mixagem fazem parte do processo de criação do filme enquanto produto. Já a (re)construção deste produto acabado, consiste em passá-lo pelo crivo da análise e da interpretação. Sendo assim, “analisar um filme não é mais vê-lo, é revê-lo e, mais ainda, examiná-lo tecnicamente. Trata-se de uma outra atitude com relação ao objeto-filme” (VANOYE; GALIOT-LETÉ, 1995, p. 12), que acaba por mover e mexer em suas significações e seu impacto.

A atividade analítica, em que consiste? Analisar um filme ou um fragmento é, antes de mais nada, no sentido científico do termo, assim como se analisa, por exemplo, a composição química da água, decompô-lo em seus elementos constitutivos. É despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem isoladamente “a olho nu”, pois se é tomado pela totalidade. Parte-se, portanto, do texto fílmico para “desconstruí-lo” e obter um conjunto de elementos distintos do próprio filme (VANOYE; GALIOT-LETÉ, 1994, p. 15).

Conceber a produção audiovisual enquanto objeto-filme, compreendê-la enquanto uma rede de discursos e não um objeto concreto, nos auxiliará na aproximação de regime de verdades que produzem subjetividades por meio de dispositivos de saber e poder. Cabe-nos aqui o conceito de *episteme*, trabalhado por Foucault (2008), através do qual:

Suspeitaremos, talvez, que a episteme seja algo como uma visão do mundo, uma fatia de história comum a todos os conhecimentos e que importaria a cada um as mesmas normas e os mesmos postulados, um estágio geral da razão, uma certa estrutura de pensamento a que não saberiam escapar os homens de uma época (...) O conjunto das relações que podem unir, numa certa época, as práticas discursivas que dão lugar a figuras epistemológicas formalizadas (...) A episteme não é uma forma de conhecimento, ou um tipo de racionalidade que, atravessando as ciências mais diversas, manifestaria a unidade soberana de um sujeito, de um espírito de uma época, é o conjunto das relações que se podem descobrir numa época dada, entre as ciências quando se as analisa ao nível das regularidades discursivas (p. 214).

Por fim, a presente pesquisa realizou uma separação e descostura das duas primeiras temporadas de *Atypical*. Posteriormente, minuciosas leituras foram feitas sobre o texto fílmico que fora transcrito. Em seguida, insights foram surgindo conforme a pesquisa foi ocorrendo, desde o levantamento bibliográfico até os delineamentos conceituais e contextuais. Isso possibilitou pensar além das imagens, encontrar o que está intrínseco às cenas, o que antecede

ou se esconde e que, portanto, acaba por influenciar diretamente no modo pelo qual a série trabalha as questões relacionadas ao autismo e à sexualidade, pois “analisar um filme é também situá-lo num contexto, numa história” (VANOYE; GOLLOT-LETÉ, 1994, p. 23).

Além disso, descosturar o objeto-filme nos trouxe questões relacionadas não somente a Sam, mas também a seus pais e à sua irmã, à escola e ao pensamento dos colegas, aos tratamentos médicos e terapêuticos, à conduta profissional de atores clínicos e escolares. Posteriormente, em uma espécie de colcha de retalhos, as cenas foram novamente costuradas e contextualizadas, pois a segunda fase consiste em “estabelecer elos entre esses elementos isolados, em compreender como eles se associam e se tornam cúmplices para fazer surgir um todo significativo: reconstruir o filme ou o fragmento” (VANOYE; GOLLOT-LETÉ, 1994, p. 15). Logo, foi possível refletir além das telas, compreender o modo pelo qual a sociedade vem lidando com os autistas e a sua sexualidade, bem como o modo que os não-autistas também são convocados a se perceber enquanto seres sexuados.

Uma série que aparentemente tinha em seu eixo principal apenas o personagem autista mostrou-se plural ao trazer as demais diferenças à tona de um modo completamente positivo, pois por meio da expedição de Sam em busca de uma relação amorosa-sexual, fomos percebendo também como se dá a constituição das relações dos neurotípicos. Além disso, percebemos como existem regimes de verdade que penetram nas relações sociais e nos ambientes que compartilhamos, influenciando diretamente o modo como nós nos construímos e nos percebemos.

2.2. Interlocução entre o campo de Disability Studies e os estudos de gênero

“Porque cegamos, não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão. Queres que te diga o que penso, diz, penso que não cegamos, penso que estamos cegos, cegos que vêem, cegos que vendo, não vêem”

José Saramago em “Ensaio sobre a cegueira”

O campo de estudos sobre deficiência, originalmente denominado *Disability Studies*, foi formado no início da década de 1970 e contou com a contribuição de Paul Hunt e Michael Oliver como dois de seus principais percursores, explica Débora Diniz (2007). Frente à predominância do discurso médico da época, o intuito desses pioneiros era trazer a perspectiva sociológica da deficiência e sinalizar que a existência de corpos lesionados não justificava a opressão que as pessoas com deficiência sofriam na sociedade. Sublinhar a deficiência enquanto uma questão social possibilitou a inserção de um ponto de vista político, em que as PCD passam

a ser vistas como uma minoria social. Assim, possibilitou também questionar o discurso médico e biologizante de que a causa da deficiência encerrava-se no corpo: sua causa seria individual e não social (DINIZ, 2003, 2007).

A partir de então, o modelo social da deficiência surge como resistência ao modelo médico, reivindicando que as intervenções não deveriam resumir-se à intervenção terapêutica, devendo chegar aos aspectos políticos. Abordar a deficiência enquanto uma categoria relacional permitiu a interlocução entre os campos de estudos sobre deficiência e gênero. Inspirados pela separação de sexo e gênero, os teóricos acrescentaram na base do modelo social a distinção entre lesão e deficiência, em que lesão estaria relacionada à natureza e deficiência à cultura (DINIZ, 2003, 2007). Assim como houve com o feminismo, o deslocamento da causa das opressões da natureza para a cultura foi revolucionário para o campo.

Entretanto, há um marco que separa o campo de *Disability Studies* em duas gerações. A primeira formação tinha em sua organização público majoritariamente masculino e, ainda que houvesse diálogos com o feminismo e os estudos de gênero, as construções teóricas do modelo social foram atravessadas por questões de gênero. Assim sendo, a segunda geração é marcada pela chegada de teóricas feministas. A perspectiva de mulheres que sofrem opressões também da sociedade capacitista foi de suma importância para ressaltar que as experiências de mulheres com deficiência diferem daquelas vivenciadas pelos homens.

Além disso, a primeira geração presumia que retiradas as barreiras existentes na sociedade, as pessoas com deficiência conquistariam a sua independência. Contudo, as críticas feministas ao modelo social pontuavam a necessidade de que as discussões abarcassem princípios como o cuidado, a subjetividade e a experiência do corpo lesionado, ao ressaltar que existem sujeitos que “jamais serão independentes, produtivos ou capacitados à vida social, não importando quais ajustes arquitetônicos ou de transporte sejam feitos” (DINIZ, 2003, p. 3). Estas questões foram invisibilizadas pelos privilégios da masculinidade em uma sociedade patriarcal, pois pensar sobre o cuidar ou ser cuidado não era uma questão para os teóricos da primeira geração.

Escrito durante a década de 1980 e oficialmente publicado em 1997 por Rosemarie Garland-Thomson, o livro *Extraordinary Bodies* teve como contribuição os estudos feministas e raciais críticos, tornando-se precursor dos estudos críticos da deficiência. Até o final do século XX, as pessoas com deficiência tendiam a não se reconhecer enquanto PCD devido ao caráter estigmatizante, do termo, relacionado à deficiência enquanto algo negativo. Os estudos sobre deficiência ofereceram a oportunidade de reapropriação do termo e a possibilidade de autonegação das pessoas com deficiência destacando a sua qualidade ética e política

(GARLAND-THOMSON, 2017). Hoje, ao falarmos de pessoas com deficiência, estamos nos referindo a uma comunidade que foi historicamente marginalizada e que teve inúmeros direitos negados pela sociedade.

Nesse sentido, a autora reitera que:

Construído como a personificação da insuficiência e desvio corporal, o corpo com deficiência física torna-se um repositório de ansiedades sociais de tais preocupações incômodas como vulnerabilidade, controle e identidade. Em outras palavras, eu quero mover a deficiência do domínio da medicina para o das minorias políticas, para reformulá-la de uma forma de patologia para uma forma de etnia. Ao afirmar que a deficiência é uma leitura das particularidades corporais no contexto das relações sociais de poder, pretendo contrariar as noções aceitas de deficiência física como um estado inferior absoluto e um infortúnio pessoal. Em vez disso, mostro que a deficiência é uma representação, uma interpretação cultural da transformação ou configuração física e uma comparação de corpos que estrutura relações sociais e instituições. A deficiência é, então, a atribuição de desvio corporal - não tanto uma propriedade dos corpos, mas um produto de regras culturais sobre o que os corpos deveriam ser ou fazer (GARLAND-THOMSON, 2017, p. 6)⁸.

Frente a tais avanços, compreendermos o fenômeno da deficiência enquanto:

Um processo que não se encerra no corpo, mas na produção social e cultural que define determinadas variações corporais como inferiores, incompletas ou passíveis de reparação/reabilitação quando situadas em relação à corponormatividade, isto é, aos padrões hegemônicos funcionais/corporais. Nesse sentido, a deficiência consiste no produto da relação entre um corpo com determinados impedimentos de natureza física, intelectual mental ou sensorial e um ambiente incapaz de acolher as demandas arquitetônicas, informacionais, programáticas, comunicacionais e atitudinais que garantem condições igualitárias de inserção e participação social (MELLO; NUERNBERG, 2012, p. 636)

A partir da publicação da Lei dos Americanos com Deficiência, em 1990, podemos observar os discursos que se referem a deficiência, bem como seus significados. Vista como um marco devido às suas contribuições para a reformulação do conceito de deficiência e com o intuito de garantir os direitos civis, a legislação estabelece que a deficiência é um efeito que emerge após a comparação entre corpos e seus limites, compreendendo que as normas que estabelecem o corpo “ideal” são criadas pela cultura, que, por sua vez, possui expectativas de como o corpo humano deve ser e agir. Por exemplo, a deficiência física surge quando possuímos escadas e não rampas. Entretanto, é importante ressaltar que o corpo não está isento de

⁸ Citação original: “Constructed as the embodiment of corporeal insufficiency and deviance, the physically disabled body becomes a repository for social anxieties about such troubling concerns as vulnerability, control, and identity. In other words, I want to move disability from the realm of medicine into that of political minorities, to recast it from a form of pathology to a form of ethnicity. By asserting that disability is a reading of bodily particularities in the context of social power relations, I intend to counter the accepted notions of physical disability as an absolute, inferior state and a personal misfortune. Instead, I show that disability is a representation, a cultural interpretation of physical transformation or configuration, and a comparison of bodies that structures social relations and institutions. Disability, then, is the attribution of corporeal deviance-not so much a property of bodies as a product of cultural rules about what bodies should be or do.”

sensações físicas, sendo assim, uma das principais críticas da segunda geração de *Disability Studies* sustenta a importância da experiência subjetiva do corpo (DINIZ, 2003, 2007). Sendo assim, conclui-se que “o modo pelos quais os corpos interagem com o ambiente socialmente projetado e se conformam às expectativas sociais determinam os vários graus de deficiência ou capacidade física, de extraordinária ou mediocridade⁹” (GARLAND-THOMSON, 2017, p. 7).

Urge reavermos os significados e a supervalorização de corpos tidos como extraordinários, incluindo reaver o quanto acabam por construir um sistema corporal que determina quais corpos são (in)capazes. A focalização no debate sobre capacidade ou incapacidade pode tornar-se uma reprodução normativa se não questionarmos um elemento que nos aparece como pré-discursivo: a lesão. Logo, não basta a substituição das nomenclaturas de “gênero” por “deficiência”. Uma das possibilidades para superar a simples substituição encontra-se no olhar crítico para as posições binárias sexo/gênero e prejuízo¹⁰/deficiência, enfatizando o quanto há em ambos um fundacionismo biológico que deve ser desafiado e questionado. A análise crítica de sexo/gênero é realizada pela pós-estruturalista Judith Butler, cujo intuito não é encontrar possíveis aproximações entre categorias dicotômicas, mas sim libertar os corpos de hierarquias sociais que materializam as diferenças.

Em suas análises acerca das distinções entre sexo e gênero levantadas pelas teóricas feministas da década de sessenta, Butler (2019) sinaliza que as distinções sexuais são evocadas por meio das diferenças materiais, ou seja, os órgãos tidos como sexuais (pênis e vagina). Nota-se que as práticas discursivas trabalham com a categoria “sexo” enquanto um ideal regulatório que repousa na materialidade e necessita de sua constante reiteração (FOUCAULT, 2017a). A perspectiva bluteriana denuncia a impossibilidade do sexo como um elemento natural sob a qual o gênero irá estabelecer diferenças culturais; o sexo deixaria de ser visto, então, como algo pré-discursivo e natural ao notarmos a construção social que estabelece suas diferenças (BUTLER, 2016). Conclui-se que a performatividade, enquanto uma prática reiterativa e citacional pela qual o discurso acaba por produzir os efeitos que ele nomeia, é central para a permanência de ideias regulatórios (BUTLER, 2019).

Após uma nova perspectiva do binarismo sexo/gênero, podemos reaver criticamente a aproximação com os estudos sobre deficiência que salienta a separação entre lesão e deficiência. Antes de presumir que um discurso cultural repousa na superfície de uma materialidade,

⁹ Citação original: “Thus, the ways that bodies interact with the socially engineered environment and conform to social expectations determine the varying degrees of disability or able-bodiedness, of extra-ordinariness or ordinariness”

¹⁰ Citação original “impairment.”

convém questionarmos: o que é a lesão? Para o campo dos *Disability Studies*, a lesão “engloba doenças crônicas, desvios ou traumas que, na relação com o meio ambiente, implica em restrições de habilidades consideradas comuns às pessoas” (DINIZ, 2003, p. 1). Há aproximações entre a ideia de lesão e sexo em seus aspectos regulatórios e, portanto, normativos. Presume-se que o corpo capacitado, visto como “normal” e “natural”, possui funcionalidades internas e externas, como, por exemplo: olhos para ver e pernas para andar. Desse modo, o sujeito tem o seu corpo resumido a sua produção e as outras variações corporais são desconsideradas e consideradas, na verdade, abjetas. Se um corpo é visto como não funcional e, portanto, não produtivo, qual a sua utilidade?

Adotar a lesão enquanto ideal regulatório formado por práticas discursivas e, portanto, reconhecer a performatividade corporal enquanto uma prática citacional, nos possibilita pensar que não somente a deficiência, mas a própria ideia de lesão repousa na materialidade dos corpos, criando as diferentes capacidades. A lesão é a lente social que denuncia corpos não produtivos, resumindo sua existência em normas funcionais, como se os olhos fossem feitos somente para ver e não para chorar. Portanto, se as normas regulatórias do sexo denunciam o imperativo da heteronormatividade, as normas regulatórias da lesão indicam o imperativo da corponormatividade (BUTLER, 2019; MCRUER, 2021).

2.3. Neurodiversidade

Nascido no ano de 1984 na Áustria, o psiquiatra Leo Kanner exilou-se nos Estados Unidos e recebeu, pouco tempo depois, um convite para ingressar na equipe da Universidade Johns Hopkins em Baltimore, tornando-se conhecido como o primeiro psiquiatra infantil nos Estados Unidos (BIRD, 1981; JOHNS HOPKINS MEDICINE, 2020). Sua preocupação com a família e a infância fizeram jus ao seu legado. Kanner interrompeu uma psiquiatria baseada em valores eugênicos ao demonstrar a possibilidade de uma prática médica baseada na humanização, buscando valorizar e dar oportunidades para crianças e adolescentes que eram marginalizados por não cumprirem os requisitos de uma suposta normalidade (CRUZ, ALTMANN, 2021b; SCHOPLER; CHESS; EISENBERG, 1981).

No ano de 1938, Oliver Triplett entrou em contato com Leo Kanner ao escrever uma minuciosa carta de aproximadamente trinta páginas, relatando todas as singularidades observadas em seu filho Donald, bem como relatando o percalço que sua família enfrentou para compreender o que havia com ele. Os próximos cinco anos foram marcados por diversas consultas e visitas médicas entre a família Triplett e Leo Kanner. No passar dos anos, o

psiquiatra infantil recebeu outras visitas de crianças que apresentavam comportamentos parecidos, levando-o a observar um quadro sintomático do que poderia vir a ser uma síndrome.

Em 1943, foi publicado o artigo “*Autistic disturbances of affective contact*” por Leo Kanner. Nele, o psiquiatra compartilhou o acompanhamento de onze casos, sendo oito deles de meninos e três de meninas. Os “sintomas” elencados por Kanner (1943) foram: seletividade alimentar; estereotipia; dificuldades nas trocas sociais; inversões prenominais; compreensão literal das palavras, demonstrando extrema dificuldade em compreender seu sentido figurativo ou generalizador, especialmente com as preposições; além de sensibilidades sensoriais relacionadas ao olfato, paladar, visão, tato e audição.

Hoje, os critérios diagnósticos do Transtorno do Espectro Autista (TEA), descritos na última versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), descrevem-no da seguinte maneira,

1. Déficits na reciprocidade socioemocional, variando, por exemplo, de abordagem social anormal e dificuldade para estabelecer uma conversa normal a compartilhamento reduzido de interesses, emoções ou afeto, a dificuldade para iniciar ou responder a interações sociais.
2. Déficits nos comportamentos comunicativos não verbais usados para interação social, variando, por exemplo, de comunicação verbal e não verbal pouco integrada a anormalidade no contato visual e linguagem corporal ou déficits na compreensão e uso gestos, a ausência total de expressões faciais e comunicação não verbal.
3. Déficits para desenvolver, manter e compreender relacionamentos, variando, por exemplo, de dificuldade em ajustar o comportamento para se adequar a contextos sociais diversos a dificuldade em compartilhar brincadeiras imaginativas ou em fazer amigos, a ausência de interesse por pares (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 50).

A presente pesquisa traz a descrição do Transtorno do Espectro Autista (TEA) de acordo com o manual de modo analítico, pois compreende a descrição do autismo como “um conceito, socialmente construído, parte de um sistema classificatório, que designa pessoas que partilham um conjunto de características e experiências comuns” (CAMARGO JR, 2019, s/p). Logo, as características existentes no DSM-5 são vistas como “um reflexo dos valores de determinado contexto histórico, que acaba por delimitar sujeitos considerados normais e anormais, reproduzindo o modelo médico da deficiência, que acredita que o sujeito que excede as normas necessita de intervenções médicas e sociais” (CRUZ; ALTMANN, 2021a, p. 76).

Desse modo, trataremos a discussão de Kenneth Camargo Jr. (2019) acerca do que há de implícito no conceito de “autismo”, demonstrando seu caráter socialmente construído, que busca delimitar indivíduos através de classificações que resultam no diagnóstico. É importante pontuar que considerar o autismo enquanto categoria socialmente construída não significa que ele não exista, sendo fruto da imaginação de pesquisadores, mas sim que existe um contexto

histórico-cultural por trás das classificações e da percepção de determinados médicos-psiquiatras que entraram em contato com sujeitos diferentes do que era considerado “normal”.

Se a primeira metade do século XX é marcada pela criação de uma rede de apoio entre pais e mães de meninos e meninas com deficiência, que sofreram constantemente o avanço da medicina higienista defensora da segregação e da eliminação de pessoas com deficiência, o final do século, em contrapartida, é marcado pelo surgimento de diversos movimentos sociais, políticos e teóricos influenciados pelos Estudos sobre Deficiência (DINIZ, 2007; ZUCKER, 2017). O que diferencia tais momentos é o fato de que, por mais que houvesse famílias se unindo na luta pelos direitos humanos desse grupo, as pessoas com deficiência não tinham voz nos encontros, tendo sua vivência narrada por outras pessoas, ainda que próximas e simpatizantes com a luta.

A partir da década de 1970, surgiram inúmeros movimentos protagonizado por pessoas com deficiência, que saíram em defesa das diferenças, criando alianças que seriam a base da luta pelas suas existências, além de possibilitar a troca de experiências, esses grupos formaram frentes de resistência à sociedade neuronormativa (DINIZ, 2007). Inspirado pela perspectiva do modelo social da deficiência e pelo protagonismo das pessoas com deficiência, o movimento da neurodiversidade surge com Judy Singer durante a realização de sua tese em 1998. Referindo-se, num primeiro momento, somente ao espectro autista, a socióloga foi posteriormente influenciada pelos estudos sobre deficiência e o movimento feminista. A autora defendia que assim como existem categorias analíticas relativas a gênero, raça, etnia, capacidade e classe, a neurodiversidade também deve ser reconhecida como uma diferença humana (SINGER, 2017). Sendo assim, ela não mais se refere somente ao autismo, mas também às demais diferenças neurológicas, como, por exemplo, a dislexia e o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH).

O movimento da neurodiversidade enfatiza a urgência de comunidades criarem termos que dizem respeito às suas experiências, fazendo com que exista dentro do movimento a troca de experiências e a partir disso, a construção de narrativas e visões de mundo que os autistas possuem, colocando-os como protagonistas de sua luta e, conseqüentemente, a recusa de discursos impostos por um exterior normativo. Frente a isso, os autistas criaram o termo neurotípico (NT) enquanto uma ferramenta que contesta a ideia de normalidade, denunciando o caráter social da neuronormatividade hegemônica. Dessarte, o movimento da neurodiversidade possui um “potencial libertador não apenas para todos aqueles que foram marcados e estigmatizados pela diferença, mas também para todos aqueles supostamente ‘NT’

que jogaram e se transformaram desconfortavelmente no leito procusto de ‘como as mentes devem ser’”¹¹ (SINGER, 2017, s/p).

Assim como o modelo social dos estudos sobre deficiência defende que as PCD não precisam de cura, por não estarem incompletas, os neurodiversos pontuam que não devem ser vistos como se tivessem uma falha em sua personalidade ou um problema psicológico. Relembramos que, assim como a segunda geração dos estudos sobre deficiência defendeu princípios como o cuidado, a subjetividade e a experiência do corpo, é necessário salientar que o pensamento de que os neurodiversos não demandem cuidados, seja por meio de medicamentos, terapias ou acessibilidade, é errôneo.

As diferenças neurológicas demonstram que o modo pelo qual sentimos, tocamos, ouvimos, vemos e cheiramos não é padronizado; existem, então, sujeitos que são sensíveis às questões sensoriais e sujeitos que não são. Pessoas sem deficiência podem acabar pressupondo que há um sofrimento intrínseco à deficiência, entendendo que estar fora do que é considerado “normal” como algo doloroso. O corpo humano, independentemente de suas variações, não está isento de sensações, sejam elas de dor ou prazer; a experiência corporal, sensorial e psíquica é individual. A partir disso, pensar que um sujeito necessariamente sofre por ser autista é capacitismo.

De acordo com Judy (2017), “novas deficiências não surgem simplesmente porque certas configurações corporais ou mentais nunca existiram ou foram notadas antes. Em vez disso, elas se fundem à medida que novas formações sociais tornam essas configurações problemáticas”¹² (s/p). Logo, é necessário refletir sobre quais mudanças sociais fazem com que uma nova deficiência seja estabelecida. Enquanto ideais regulatórios, os marcadores sociais têm o intuito de normatizar determinados corpos e existências enquanto marginalizam outros; garantir a dominância de uma diferença sobre a outra sob o discurso naturalista. Frente a isso, interpretamos o autismo enquanto “um conceito, socialmente construído, parte de um sistema classificatório, que designa pessoas que partilham um conjunto de características e experiências comuns” (CAMARGO JR, 2019, s/p).

¹¹ Citação original: “Have liberatory potential not only for all who have been marked and stigmatized by difference, but also for all those supposedly ‘NT’ who have tossed and turned uncomfortably in the Procrustean bed of ‘what minds are supposed to be like’”.

¹² Citação original: “new disabilities do not simply emerge because certain bodily or mental configurations have never existed or been noticed before. Rather, they coalesce as new social formations render these configurations problematic.”

É urgente a criação de novas narrativas acerca do autismo, desconstruindo a hegemonia normativa. Para Anne McGuire (2016), urge narrativas do autismo que preze por novas óticas, garantindo o direito à diferença. De acordo com os autores,

O gênero da narrativa do autismo, para Hacking, não compreende "relatórios de especialistas de clínicos ou reflexões de teóricos", mas é composto de "histórias sobre pessoas com autismo, contadas pelas próprias pessoas, ou por suas famílias, ou por romancistas, ou por escritores de histórias para crianças (HACKING, 2009b apud McGUIRE, 2016, p. 12)¹³

Faz-se necessário que novas narrativas sejam realizadas. Para isso, novos métodos têm de ser criados com o objetivo de garantir a acessibilidade dos autistas aos lugares onde possam contar suas histórias. Entretanto, isso não quer dizer que existam duas vertentes, a médica e a pessoal, e que ambas sejam completamente contrárias uma à outra. McGuire (2016) nos lembra que as múltiplas histórias ou discursos, baseadas ou baseados na narrativa dos autistas ou no discurso médico-científico, “fazem parte de uma mesma teia, pois assim como os médicos estudam os teóricos, os pais de autistas leem livros escritos por autistas ou por defensores da neurodiversidade, assim como consomem produtos culturais que falam sobre o autismo” (CRUZ; ALTMANN, 2021a, p. 85). Consequentemente, todos esses discursos estão interligados.

À medida que circulam na cultura e pela cultura, as histórias imprimem significados umas às outras; na verdade, eles estão enredados em uma rede intrincada, complexa e sempre desdobrada de significados que permite possibilidades híbridas como, por exemplo, biografias de pais que leem e funcionam como relatórios clínicos, descrevendo comportamentos saudáveis e patológicos, fornecendo listas de verificação de sinais e sintomas de distúrbio biomédico e prescrição de intervenção terapêutica. (McGUIRE, 2016, p. 12)¹⁴

O modo pelo qual compreendemos hoje o autismo está relacionado com o arcabouço metodológico construído nos últimos anos, construído desde seu “descobrimento”. Contudo, é importante ressaltar que esse discurso dominante foi proferido por agentes de um cenário cultural específico. Com isso em vista, consideramos o autismo não como algo natural e pré-discursivo, mas sim histórico, que está localizado em certo tempo e certo espaço e que é influenciado diretamente pelos valores de uma época. Em outras palavras, como algo influenciado diretamente por uma *episteme* (FOUCAULT, 2008).

¹³ Citação original: “The genre of autism narrative, for Hacking, does not comprise “expert reports by clinicians or reflections by theorists,” but is rather made up of “stories about people with autism, told by the people themselves, or their families, or by novelists, or by writers of stories for children”

¹⁴ Citação original: “As they circulate in and through culture, stories impress meanings upon one another; indeed, they are enmeshed in an intricate, complex, and ever unfolding web of meaning that allows for such hybrid possibilities as, for example, parent biographies that read and function as clinical reports, describing healthy and pathological behaviors, providing checklists of signs and symptoms of biomedical disorder, and prescribing therapeutic intervention”

O que o autismo é e pode ser hoje tem tudo a ver com as maneiras pelas quais as histórias surgem em um cenário cultural que privilegia a narração de algumas histórias em detrimento de outras. Em outras palavras, esse movimento metodológico de traçar a divisão nos dissuade de pensar sobre o poder. Isso nos afasta, por exemplo, de questionar as maneiras pelas quais as palavras e autobiografias de pessoas autistas são sempre e diferencialmente deixadas abertas ao olhar autoritário de (principalmente não-autistas) 'especialistas' em autismo - profissionais e não profissionais - e por isso estão sempre correndo o risco de ser deslegitimado e descartado como inautêntico, impreciso ou não autoritativo (McGUIRE, 2016, p. 12-13)¹⁵

Para Melanie Yergeau (2018) as novas narrativas de autismo podem ser denominadas “*autiebiography*”, em que neurodiversos denunciam a abordagem de profissionais que deslegitimam as narrativas dos autistas ao darem ênfase em patologias ou faltas. Ou seja, além de normalmente não existir espaços para que autistas falem sobre si, nas poucas vezes em que isso acontece, a situação ainda é subvertida de modo negativo. Frente a isso, McGuire (2016) reitera que “como as narrativas autistas são naturalizadas como nada mais do que sintomáticas de uma patologia subjacente, elas são politicamente neutralizadas e, em última análise, descartadas” (p. 13)¹⁶.

Em alternativa ao modelo médico, o modelo social entende a deficiência enquanto construção cultural, ressaltando, com isso, seus aspectos e impactos geopolíticos, culturais, econômicos e históricos e também aproximando-a de marcadores sociais da diferença, como gênero, classe, raça, religião, idade, entre outros. A afinidade com tais marcadores possibilita grandes avanços nos estudos sobre deficiência, haja visto que esses “campos de estudos vêm construindo cotidianamente novas ferramentas analíticas que possibilitam a desconstrução de discursos hegemônicos, que declaram que as barreiras enfrentadas pelas pessoas com deficiência são inevitáveis e naturais” (CRUZ; ALTMANN, 2021a, p. 85). Assim sendo, “o modelo social, portanto, oferece uma crítica poderosa das estruturas sociais e ambientais normativas e as formas como funcionam, sistematicamente, para privilegiar certas formas de ser (ou seja, mover-se, pensar, sentir, se comportar)” (McGUIRE, 2016, p. 16)¹⁷.

¹⁵ Citação original: “What autism is and can be today has everything to do with the ways in which stories appear against a cultural backdrop that privileges the telling of some stories over and against others. This methodological move of drawing the divide, in other words, dissuades us from thinking about power. It moves us away from, for example, questioning the ways in which the words and autobiographies of autistic people are always and differentially left open to the authoritative gaze of (mostly nonautistic) autism ‘experts’—professionals and nonprofessionals alike—and so are always at risk of being delegitimized and discarded as inauthentic, inaccurate, or nonauthoritative.”

¹⁶ Citação original: “As autistic narratives are naturalized as nothing other than symptomatic of an underlying pathology, they are politically neutralized and, ultimately, rendered dismissible”.

¹⁷ Citação original: “The social model thus offers a powerful critique of normative social and environmental structures and the ways they work, systematically, to privilege certain ways of being (i.e., moving, thinking, feeling, behaving, sensing) over and against others.”

Entretanto, é importante ressaltar o caráter relacional dos marcadores sociais da diferença, pois por mais que suas categorias defendam o direito à diferença, é perceptível que os marcadores são relacionais e, portanto, acabam por criar novas identidades fixas e normativas. Assim como os conceitos de gênero, classe e raça., essas categorias não são neutras e representam todas as diferenças. Por exemplo, a conhecida segunda onda do feminismo foi e continua sendo constantemente criticada pela terceira onda, que traz apontamentos sobre a multiplicidade da categoria “mulher” por eles defendida, já que as pautas levantadas pela segunda geração representavam em sua maioria mulheres brancas de classe média e do Norte Global, enquanto não representavam as mulheres do Sul Global. Além de tudo, explicitar o caráter relacional das categorias é demonstrar o quanto elas estão e sempre serão embebidas do contexto histórico em que estão inseridas.

2.4. Inclusão e multidões *queer*

Em um debate sobre a governamentalidade, após observar a relação entre família-criança-Estado, Silvio Gallo (2019) explicita que desde a tenra infância a criança já é considerada uma “pequena cidadã” e questiona quem é responsável pelo cuidado dos cidadãos, partindo da observação de que o Estado utiliza tecnologias da governamentalidade para organizar a sociedade civil, regulando assuntos ligados ao mercado, riquezas, população, ações preventivas, qualidade de vida, segurança e liberdade. Estando a criança inserida em uma sociedade, a garantia de seus direitos se dá por meio da sua transformação em *sujeito de direito*, tornando-se governável (RAGO, 2019; GALLO, 2019). Como poderíamos, então, resistir às técnicas biopolíticas da governamentalidade sem assujeitarmo-nos a dispositivos de saber-poder que nos reduzem a categorias?

Nesse sentido, ao pensar acerca da ordem teleológica presente na ideia de Revolução, Foucault observa que esse discurso sustenta a premissa de que há um patamar a ser atingido pelo sujeito revolucionário, ou seja, uma finalidade. Em oposição a teleologia, Foucault fala sobre a atitude crítica diante dos dispositivos da governamentalidade, compreendendo-a enquanto possibilidade de colocar o sistema em crise pela recusa em ser governado de uma mesma maneira *ad infinitum* (CANDIOTTO, 2013). A arte da atitude crítica desnudaria a concepção do sujeito totalizante, apontando o seu caráter contingente; saímos de um estado de obediência assídua para uma postura crítica frente as práticas de governamentalidade.

Desse modo, não abdicamos do sujeito político de direito, mas enaltecemos a importância de uma constante negociação. Margareth Rago (2019) observa que não se trata de

desejar descobrir quem somos pela via identitária, mas de recusar o que somos pela libertação da totalização e da tentativa de monopólio dos desejos pelo governo. A partir disso, podemos pensar na possibilidade de sermos outros(as) do que somos. Após apresentarmos um caminho alternativo frente às técnicas de governamentalidade e às possibilidades múltiplas inerente dos sujeitos, resta-nos refletir sobre movimentos sociais que adotam a perspectiva identitária como único caminho possível da luta política.

De antemão, Judith Butler (2016) denuncia o intuito da teoria feminista pressupor que há uma identidade definida para as mulheres, pontuando o quanto essa crença deflagra o movimento por colocar em jogo uma ideia de representação. Aqui, a representação funciona enquanto termo operacional que busca dar visibilidade e legitimidade do grupo identitário enquanto sujeito político. A moeda da via identitária possui dois lados: um delimita o que é a categoria “mulher”, tornando-a normativa; o outro, entretanto, exclui quaisquer atributos que não dizem respeito à prescrição da categoria, fazendo-nos crer que no momento em que digo “sou uma mulher”, não me limito a essa categoria, pois sou também outras coisas.

Temos de reconhecer que os movimentos sociais tiveram importantes conquistas num cenário social em que inúmeros sujeitos, sejam eles mulheres, pessoas com deficiência, público LGBT, população negra, eram invisibilizados e não tinham seus direitos, como educação, saúde, emprego e acessibilidade, garantidos. Entretanto, a sua ferramenta política, baseada nos princípios da representação e identidade, seguia os parâmetros estabelecidos pelos dispositivos da governamentalidade, que criaram o “sujeito de direito” sob uma ótica totalizante (RAGO, 2019).

Portanto, os grupos identitários carregam consigo a falsa promessa de representação: falsa porque sua descrição é incapaz de representar por completo os sujeitos de sua luta. O sujeito do movimento social se constitui por meio de afirmações e demarcações, criando diferenças *entre* o Um e o Outro, que se alimentam de comparações que estabelecem modelos, ou seja, novas identidades totalizantes. Seguindo para um caminho além dos movimentos sociais e aproximando-se do diálogo sobre inclusão e diferença, adicionamos a noção deleuziana de simulacro, em que o autor:

Subverte o platonismo, recusando a representação clássica pela noção de simulacro. Produz-se a partir daí a noção de fundo da inclusão: a diferença de todos nós, seres singulares, que não se repetem que nos constituímos em um devir, em um vir a ser, cuja diferenciação se prolifera, se multiplica, é ilimitada. A concepção de simulacro, segundo Deleuze, questiona a relação e, sobretudo, a hierarquia entre modelo e cópia, revelando a impossibilidade de reprodução de qualquer original. Se não há um modelo para se copiar, abrem-se outras possibilidades de existir de modo singular, livre (MANTOAN, 2017a, p. 39).

A percepção clássica da inclusão pressupõe um padrão entre estudantes, com deficiência ou não, em que os métodos são estabelecidos de acordo com as categorias identitárias. Por exemplo, os alunos e as alunas sem deficiência agem *deste modo* e os com deficiência agem *de outro*. Não há uma relação entre professores, professoras, alunos e alunas, mas sim entre docentes e a categoria totalizante, a partir da qual se espera um comportamento padronizado e prescritivo. A releitura de Maria Teresa Eglér Mantoan (2017a) acerca da inclusão traz a visão de que nada está previsto na aprendizagem do aluno e da aluna, pois não há um modelo a ser reproduzido; podemos pensar em uma ética inclusiva que acredita nas relações enquanto possibilidades múltiplas, onde tanto os alunos quanto os professores relacionam-se de modo singular, convivendo *com* as diferenças e não *entre* elas.

Defendermos uma ética inclusiva intrínseca às relações humanas nos leva além do campo educacional, pois o *sujeito de direito* deixa de ser aquele que é igualado e reduzido a uma identidade e passa a ter a garantia de que no “direito à diferença, estamos tratando da diferença entre estudantes que, mesmo passíveis de serem agrupados por uma semelhança qualquer, continuam diferentes entre si, dado que a diferença tem o seu sentido adiado, infinitamente” (MANTOAN, 2017b, p. 26). O sujeito do simulacro tem em si a arte da atitude crítica pois é constituído por um devir, através do qual estamos imersos em singularidades que não se repetem e que, portanto, transformam as relações consigo e com o outro constantemente. Passamos, enfim, a testemunhar a criação de novos modos de vida.

A interpretação de que os corpos não são simplesmente efeitos discursivos de dispositivos da governamentalidade nos possibilita ampliar sua potencialidade política e de vida. Para Paul B. Preciado (2011), há um Império Sexual que tem em seu âmago uma sexopolítica que normatiza os sujeitos por meio da territorialização de cada órgão do corpo, vistos, a partir disso, por sua funcionalidade. Ainda que sua análise se refira em um primeiro momento à sexualidade, podemos trazer aproximações com o campo dos estudos sobre deficiência e sua crítica à visão que resume os corpos às funções, que não são apenas sexuais-reprodutivas, mas também vitais. Ampliando, assim, a noção de sexopolítica para *corpolítica*, em que os sujeitos abraçam as atitudes *parresíastas* como uma prática de si, permitindo-se interrogar, duvidar e dizer o que pensam (RAGO, 2019).

Ressaltamos que abraçar as diferenças que emergem da prática de si não é sinônimo de abandonar os movimentos sociais e decretar seu fracasso, mas sim de ressignificá-los. O movimento feminista, das pessoas com deficiência e da neurodiversidade são elencados nesta pesquisa enquanto potentes alianças contingentes que possibilitam inúmeras reflexões acerca da produção da subjetividade, da troca de experiências que escapam do biopoder e das práticas

de governamentalidade. O intuito dessas alianças deixa de ser a construção de uma identidade em comum, adotando a perspectiva das multidões *queer*, em que temos “a acumulação de indivíduos soberanos e iguais perante a lei” (PRECIADO, 2011, p. 14). A política das multidões *queer*:

Emerge de uma posição crítica a respeito dos efeitos normalizantes e disciplinares de toda formação identitária, de uma desontologização do sujeito da política das identidades: não há base natural (“mulher”, “gay”, etc.) que possa legitimar a ação política. (...) Opõe-se às políticas republicanas universalistas que concedem o “reconhecimento” e impõem a “integração” das “diferenças” no seio da República. Não existe diferença sexual, mas uma multidão de diferenças, uma transversalidade de relações de poder, uma diversidade de potências de vida. Essas diferenças não são “representáveis” porque são “monstruosas” e colocam em questão, por esse motivo, os regimes de representação política, mas também os sistemas de produção de saberes científicos dos “normais” (PRECIADO, 2011, p. 18).

Apostamos nas multidões *queer* e em sua ética inclusiva, garantindo sempre a mistura e a multiplicidade de seu povo, alimentando-se da prática de si que possibilita a produção de novos modos de vida que nunca se repetem, pois cada sujeito é um simulacro (RAGO, 2019; MANTOAN, 2017a, 2017b; PRECIADO 2011; GALLO, 2019). Aqui não há o esgotamento do “ou” gerado pela máquina binária ocidental, mas há a multiplicidade do “e” (LIMA; BORBA, 2016). Não se escolhe entre um *ou* outro, mas se é um *e* mais outro.

3 LUZ, CÂMERA, AÇÃO: Família Gardner

3.1. O direito à autonomia e a sexualidade

A série tem como pontapé inicial a cena em que Sam está em uma sessão de psicoterapia com Julia, compartilhando seus pensamentos e experiências, mas, principalmente, o modo como ele se percebe diante dos acontecimentos a sua volta. Funcionando a partir de uma espécie de associação livre, Sam é convidado a dizer o que lhe vem à mente, sem um roteiro pré-estabelecido, permitindo-se narrar suas angústias, dúvidas, rotinas e pensamentos, de modo que Julia possa se aproximar dele e compreendê-lo em sua singularidade, ajudando-o de acordo com sua demanda. Por exemplo, na primeira cena de Sam na psicoterapia, ele reflete o seguinte:

Eu sou um esquisito. É o que todos dizem. Às vezes não entendo o que os outros querem dizer e acabo me sentindo só, mesmo com outros ao meu redor. Só consigo me sentar e mexer os dedos, que é o meu comportamento autoestimulante. Eu bato uma caneta em um elástico em determinada frequência e penso no que nunca poderei fazer, como pesquisar pinguins na Antártida ou ter uma namorada (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017 *apud* CRUZ; ALTMANN, 2021a, p. 76).

Observa-se que Sam se autodenomina *esquisito*, mas logo ressalta que sua interpretação sobre si é alimentada pelo que *os outros dizem sobre* ele. Estando inseridos numa sociedade, os sujeitos são levados a constituírem-se, dando sentidos às suas experiências, seus comportamentos, sentimentos e prazeres por meio de normas e regras discursivas reproduzidas por instituições pedagógicas, médicas e judiciárias. Em seguida, Sam também fornece a informação de que *às vezes não compreende o que os outros querem dizer*. Podemos pensar que esse traço do personagem é baseado nas premissas elencadas pelo DSM-5, que afirma que autistas tendem a se sentir confusos em interações sociais, podendo não compreender comunicações não-verbais e linguagens corporais por possuírem uma perspectiva mais objetiva e literal.

Sendo assim, os códigos de conduta criados na sociedade tornam-se uma barreira comunicacional para os autistas. Além disso, tais normas estabelecem diferenças entre os sujeitos e acabam excluindo pessoas que não reproduzem o modelo dominante de comunicação. Aqui encontramos as práticas exercidas pela maquinaria binária da sociedade, que captura as condutas, colocando-as entre “ou” isso “ou” aquilo; mas tentemos incluir aqui a possibilidade da multiplicidade de modos de nos comunicarmos, transformando o “ou” em “e” (LIMA; BORBA, 2016): há pessoas que detectam as mensagens contidas em linguagens corporais e comunicações não-verbais e também há sujeitos que se comunicam de modo mais objetivo.

A presunção de que há uma norma intrínseca às comunicações humanas estabelece a diferença entre os sujeitos, pois há o princípio de que temos um modelo a ser seguido. Essa perspectiva da diferença, portanto, exclui: ou se é a norma ou se “é esquisito”. A adoção da ética inclusiva desconstrói o modelo e os sujeitos são então vistos em suas singularidades pois são simulacros. Logo, a diferença de Sam o inclui, pois multiplica as possibilidades comunicacionais (MANTOAN, 2017a, 2017b). A continuação do diálogo entre Sam e Julia nos proporciona mais uma análise.

Julia: E, Sam... Sabe aquilo que disse sobre ter uma namorada? Pessoas no espectro namoram. Pode tentar encontrar alguém se quiser.
 Sam: Como?
 Julia: Você só precisa ir atrás.
 Sam: Ir aonde?
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017).

Na primeira parte da conversa, Sam expõe seus pensamentos sobre coisas que acredita que nunca irá fazer: pesquisar pinguins e ter uma namorada. Por muito tempo as pesquisas acadêmicas contavam com metodologias que buscavam os relatos de pais, cuidadores, profissionais da saúde e da educação (HARACOPOS, PEDERSEN, 1992; VIEIRA, MAIA, 2015; DE TILIO, 2017; MAIA *et al.*, 2017) e poucos trabalhos possibilitam que os autistas relatem suas experiências e perspectivas sobre a sexualidade (LOPES *et al.*, 2018; ROCHA, MESQUITA, 2018; BRILHANTE *et al.*, 2021; SALA *et al.*, 2020). Na medida em que as pesquisas deram aos autistas a oportunidade do autorrelato, sua sexualidade foi sendo reconhecida, retirando o estigma que culpabilizava os sujeitos por interpretar suas expressões como desvios sexuais, déficits e comportamentos inadequados que necessitam de educação sexual.

De acordo com Giorgia Sala *et al.* (2020), as pesquisas nos últimos anos vêm sendo realizadas tanto em nível individual quanto coletivo. Além disso, a aproximação da perspectiva da neurodiversidade e do modelo social da deficiência vêm auxiliando a compreensão dos desafios impostos por uma sociedade neurotípica. A demanda trazida por Sam envolve a constituição de sua vida afetivo-sexual e é iniciada por sua ideia acerca da (im)possibilidade de namorar. É possível pensar que alguém tenha dito isso a ele diretamente ou que suas vivências como um todo tenham feito ele acreditar na impossibilidade de construir um relacionamento amoroso. As dificuldades que neurodiversos vivenciam em um mundo neurotipicamente dominado podem fazer com que a percepção que o sujeito tenha de si seja negativa.

O acolhimento de Julia à fala de Sam mostra-nos os avanços dos discursos médicos-científicos sobre a sexualidade dos autistas, reconhecendo-os enquanto sujeitos passíveis de usufruir sua sexualidade e, portanto, de ter relações amorosas e sexuais. No momento em que

Julia diz que pessoas no espectro namoram e que Sam só precisa ir atrás disso, o personagem entende sua fala de modo literal, como se houvesse um local objetivo para o qual ele pudesse ir. Essa cena mostra para nós uma das maiores barreiras vivenciadas pelos autistas: a dificuldade para que as informações sejam fornecidas de modo mais claro e objetivo, seja de modo formal ou informal, pois há momentos em que as falas são utilizadas de modo figurado ou possuem mensagens subliminares, tornando-se uma barreira comunicacional para as pessoas mais literais (SALA *et al.*, 2020).

Após a sessão de psicoterapia com Julia, temos a cena do jantar da família Gardner:

Elsa: Sam, como foi a sessão hoje com a Julia?

Sam: Ela quer que eu doe o cérebro, mas só quando eu morrer (...) A Julia disse que eu deveria ir atrás e encontrar alguém para transar. Ela não disse transar. Eu disse. Casey ri. Elsa e Doug ficam surpresos.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017).

O espanto que Elsa sente ao ver Sam trazendo de modo tão nu e cru seu desejo de ter um relacionamento, bem como de perceber que esses assuntos são debatidos em terapia – exatamente por serem demandas de Sam –, pode nos fazer refletir acerca de como a sexualidade dos autistas é vista em nossa sociedade. Há estudos que mostram como os familiares têm dificuldade em lidar com o assunto, como muitas vezes tendem a infantilizar seus filhos ou a negar as expressões de sua sexualidade, o que pode justificar a necessidade de tutelar filhos e filhas, impedindo seu desenvolvimento, sua autonomia e seu direito à disposição de seu próprio corpo (VIEIRA, MAIA, 2015; DE TILIO, 2017; ROCHA, MESQUITA, 2018).

Diversas atividades vêm sendo elaboradas com o intuito de ensinar pessoas com deficiência a se comunicar, como, por exemplo, pictogramas que demonstram aos sujeitos o que são as emoções, como interpretá-las, como reproduzi-las e de que forma compreender como os indivíduos reagem emocionalmente em cada situação (NUNES; AGUIAR, 2020). Após o jantar da família Gardner, temos a cena em que Elsa está na despensa procurando por algo, até que Doug chega para ajudá-la a pegar uma caixa que contém alguns cartões de emoções que Sam utilizou em sua infância. Nostálgico, o casal começa a relembrar alguns momentos em que os cartões foram úteis para que Sam se expressasse. Segue o diálogo:

Doug: Tudo bem?

Elsa: Sim, estou bem. Ótima. O Sam vai começar a namorar. É uma novidade. Você se lembra disso? Os cartões de emoções de Sam? “Quem fizer essa cara pode estar triste, então tente ser gentil”. Uma mulher no grupo teve o filho diagnosticado e eu disse que a ajudaria

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017).

FIGURA 1: Elsa mostrando para Doug os cartões de emoções de Sam.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

Em seguida, Doug relembra de um episódio ocorrido quando Sam era mais novo:

Doug: Ele fez essa cara quando quis levá-lo ao jogo do Mets. Lembra?

Elsa: Eu lembro.

Doug: Só queria que tivéssemos uma coisa em comum. Apenas uma. Eu e meu pai íamos sempre aos jogos. Eu acho legal o Sam querer namorar. Nos conhecemos praticamente na idade dele, e foi divertido, não? Foi bom.

Elsa: O Sam não é como nós.

Doug: Mas ele tem que começar...

Elsa: Sabe que me assusto sempre que o telefone toca? Sempre. Acho que ele atravessou a rua sem olhar, ou surtou em uma loja... ou bateu em um policial. Sempre que o telefone toca.

Doug: Eu sei. Talvez seja a hora de recuarmos e passarmos um tempo juntos, só nós dois.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017).

Após o casal ter compartilhado algumas memórias, a preocupação de Elsa vem à tona, referente a Sam e seu desejo de ter relações sexuais-afetivas. Se por um lado Doug acredita que o desejo de seu filho querer namorar é algo positivo, sendo também comum e esperado que jovens dessa idade tenham esse interesse, por outro lado, Elsa está insegura e acredita que Sam é diferente *deles*. Ou seja, pressupõe-se que pelo fato de Sam ser autista, ele não poderá usufruir de sua sexualidade como as demais pessoas. Podemos notar que o pensamento de Elsa está permeado de capacitismo e superproteção ao acreditar que seu filho nunca conseguirá sua autonomia, de que ela sempre terá de se preocupar se Sam está conseguindo manter-se seguro em sua rotina. O capacitismo baseia-se nas diferenças de um modo negativo, pois acredita que o sujeito nunca será capaz e, portanto, não oferece a ele a oportunidade para ele se expandir. A tentativa de Doug de terminar a frase com “*Sam tem que começar...*” pode nos mostrar uma

outra maneira de lidar com a situação: acreditando que seu filho pode alcançar sua independência quando tiver suporte suficiente.

FIGURA 2: Doug mostrando para Elsa a reação de Sam.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

A sexualidade não é um assunto difícil de ser abordado apenas com autistas, mas também com neurotípicos. Como exemplo, temos a cena em que Casey está com seu pai correndo no parque. Durante a corrida, Doug pergunta como está a preparação para o torneio regional. Em vez de responder acerca do campeonato, entretanto, Casey conta a seu pai que deu seu primeiro beijo:

Casey: Eu beijei alguém.

Doug: Uau. Estou surpreso.

Casey: Eu não ia contar, mas você é minha melhor opção, o que me dá certa vergonha.

Doug: Esse é o seu... primeiro beijo, não é? Isso é... importante.

Casey: Nossa, você está estranho.

Doug: Não estou.

Casey: Está se afastando, chacoalhando os braços!

Doug: Não estou. Só sou desengonçado. Eu corro assim. Espere um segundo. Quem é esse garoto? Onde ele estuda? O que vocês fazem juntos? Qual a altura dele?

Casey: O nome dele é Evan e ele faz curso técnico. Na maioria das vezes, vamos para o Parque Kennedy. Hoje vamos fazer o dever juntos em casa.

Doug: Dever de casa? Que dever de casa dão no curso técnico? Ele consertará nosso ar?

Casey: Vamos parar de falar disso?

E Casey sai correndo.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 3, 2017).

A família pode ser uma importante fonte de informações. Com isso, a maneira pela qual os familiares abordam ou deixam de abordar a temática sexual pode influenciar diretamente a percepção que o sujeito tem de si e suas experiências. Pesquisas ressaltam que é comum mães

e pais sentirem-se constrangidos ao falar sobre o tema. Há, além disso, dificuldade em detectar qual seria o melhor momento para esse diálogo e quando ele acontece, os pais mantêm o foco na prevenção (ALTMANN, 2010; CAMPOS, DE TILIO, CREMA, 2017; SOUSA, FERNANDES, BARROSO, 2006).

FIGURA 3: Casey e Doug correndo no parque.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

Outro exemplo disso: durante a série observamos que a relação de Casey com seu pai é mais próxima do que com sua mãe e que, portanto, ela se sente mais à vontade em contar a ele suas experiências. Sendo assim, Doug tenta compreender e conversar com sua filha, mesmo que no início, aparentemente, ele se sinta surpreso ou constrangido em falar sobre sexualidade. A autora Helena Altmann (2010) frisa a importância de diferenciar dialogar e falar. Nesse sentido, caso Doug tivesse uma abordagem mais neutra, objetiva ou repressiva, ele estaria apenas falando para Casey em tom de aviso. Em contrapartida, vemos que o pai busca ter mais informações sobre o momento e a pessoa que Casey beijou, mostrando-se disposto a ouvir mais e, de fato, dialogar. Mais tarde, temos o momento em que Doug e Elsa se preparam para dormir.

Doug: Eu não deveria dizer isso, mas a Casey está namorando.
 Elsa: Eu sei disso. Leio as mensagens dela.
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 3, 2017).

Diferentemente da relação entre o pai e a filha, Elsa possui uma conduta controladora e superprotetora, o que acaba por afastar um pouco sua filha. Nessa cena podemos notar que Elsa invade a privacidade de Casey em vez de esperar que sua filha venha até ela para comentar algo. Além disso, a partir desse ponto observamos algo em comum: não só Sam está num momento da adolescência em que deseja relacionar-se com as pessoas, como sua irmã também está. Entretanto, Elsa age de maneira diferente com cada filho: em relação à Casey, não há inseguranças sobre sua capacidade de autonomia e independência. Sendo assim, Elsa não repreende sua vida afetivo-sexual. Já em relação a Sam, Elsa não acredita que ele conseguiria vivenciar esse aspecto da vida humana.

Em outro momento, Casey recebe a visita de Evan e ambos sobem para o quarto. Quando o casal começa a se beijar, Elsa entra no quarto sem bater e acaba assustando-os. Evan, então, decide ir embora.

Evan: Na verdade, acho que é melhor eu ir. Foi muito bom ver a senhora, Sra. Gardner e... tchau.
 Evan sai e Elsa se senta na cama com Casey, entusiasmada.
 Elsa: As coisas estavam pegando fogo.
 Casey: Minha nossa.
 Elsa: É que nunca conversamos sobre ‘aquilo’. Então estou aqui se quiser ‘ir fundo’ na conversa.
 Casey: Estou bem.
 Elsa: Ou posso trazer um livro com diagramas, desenhos de pênis...
 Casey: Eu... Não...
 Elsa: Se você precisar, estou aqui.
 Elsa se levanta para sair do quarto.
 Casey: Mãe?
 Elsa retorna.
 Casey: Não vou fazer um drama em torno disso..., mas não estamos transando. Não estou pronta, então... Pronto, pode ir.
 Elsa sai, mas logo retorna.
 Elsa: Só quero dizer uma coisa. Estou feliz por ter me contado. Eu sempre quis uma menina e achava que teríamos conversas ‘de mulher’. Mas você nunca se abriu comigo. Mas agora estamos nos aproximando. E espero que, quando estiver pronta para transar, venha falar comigo também, porque é uma decisão importante... é um momento importante. Você precisa refletir. Tchau. Amo você.
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 7, 2017).

Podemos analisar muitos elementos dessa cena: a contínua abordagem invasiva que Elsa tem em relação a privacidade de seus filhos; a presunção de que Casey não tenha conhecimento sobre o assunto a ponto de abordá-lo de modo dinâmico e o reconhecimento da sexualidade de sua filha. É inegável que a educação sexual esteja presente em muitas esferas de nosso cotidiano. Portanto, é inegável que aprender sobre relações sexuais vá muito além de interpretar imagens, pois seja em disciplinas escolares, diálogos entre colegas, comunicações com códigos

censurados, como, por exemplo, “*conversar sobre aquilo*” e “*ir fundo*”, somos constantemente bombardeados com práticas discursivas e não-discursivas a fim de pensarmos sobre a nossa sexualidade (ALTMANN, 2001, 2010).

O ponto nodal para nós diz respeito ao reconhecimento de Elsa sobre a sexualidade de sua filha. Ainda que Elsa tenha uma conduta que constranja Casey, ela compreende o momento que sua filha está passando. O mesmo não ocorre com Sam. Ao sermos levados a constituirmo-nos enquanto sujeitos sexuados, os saberes que nos circundam e que estão presentes nas instituições, incluindo a família, funcionam como base pela qual podemos reconhecer nossa sexualidade (FOUCAULT, 2017a). Frente a isso, podemos pensar que, se somos constituídos perante os discursos que circundam nossa sociedade, qual o impacto da deslegitimação da sexualidade dos autistas na percepção que eles constroem sobre si? Eles são levados a não se reconhecer como seres sexuados, a interpretar sua sexualidade por um viés patológico ou passam a ser inseridos em um regime normativo que busca disciplinar os corpos?

3.2. Quando nasce um bebê, toda uma família (re)nasce

No decorrer da série temos a oportunidade de entender melhor a história da família Gardner, desde o início do casamento de Doug e Elsa a chegada do primeiro filho, Sam. Em determinada cena, vemos Evan¹⁸ (Graham Rogers) com Casey na sala de estar da família Gardner folheando um álbum de fotografias, com diversas fotos em que a família está nas Marchas pelo Autismo, organizadas anualmente por Elsa. Evan, então, repara que o pai de Casey não está presente numa das fotos. Quando pergunta a ela o porquê disso, Casey não sabe o motivo.

Em seguida, Doug chega em casa e Casey apresenta Evan a ele. Doug agradece pela visita e logo em seguida Casey pergunta a seu pai por que ele não compareceu à Marcha pelo Autismo de 2004, mas ele diz que não sabe e que possivelmente teve de trabalhar na data. Entretanto, a filha acha estranho o fato de sua mãe deixar seu pai faltar numa ocasião em que todos são sempre obrigados a ir. A cena muda e vemos Evan levando Casey até a escola e perguntando se ela realmente acreditou na resposta de seu pai sobre a Marcha pelo Autismo. Para ele, estava bem claro que Doug estaria mentindo sobre sua ausência, pois Evan afirma possuir experiência com familiares que mentem. Casey permanece defendendo seu pai e

¹⁸ Personagem com quem Casey está iniciando uma relação.

dizendo que ele não é o tipo de pessoa que mente (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 3, 2017).

FIGURA 4: Evan e Casey vendo o álbum de fotografias.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

Casey entra na escola e encontra seu irmão:

Casey: Sam, sei que não tem nada a ver, mas sabe por que o papai não foi à Marcha pela Conscientização do Autismo?
 Sam: Em 2004? Ele nos deixou.
 Casey: Como assim “nos deixou”? Ele saiu de casa?
 Sam: Sim, por oito meses.
 Casey: Tem certeza? Como ele pôde?
 Sam: Acho que ele arrumou as malas e foi embora.
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 3).

Após ter descoberto a verdade sobre a ausência do pai, Casey fica surpresa com a notícia e decide matar aula para ir ao encontro de Evan no parque, com quem começa a desabafar sobre o ocorrido, tentando compreender o motivo pelo qual seu pai ficou longe da família por oito meses. Na próxima cena, temos Doug recebendo uma ligação do técnico de Casey, informando que ela não havia ido à aula; seu colega de trabalho fala para ambos irem procurá-la e que

possivelmente ela estaria matando aula com o novo namorado. Doug pede para o colega ir com ele até o Parque Kennedy, pois é um lugar onde ela sempre está. Ao chegar lá, Casey conta para Doug que ficou sabendo sobre o abandono do pai.

Doug: Casey. Escute... Eu nunca lhe contei isso, porque, sinceramente, é algo... É algo que não me orgulha muito. Foi difícil quando seu irmão nasceu. Foi difícil ter um filho... que não sorria... e não me olhava nos olhos. E eu achava que tudo melhoraria e ele mudaria. Depois ele foi diagnosticado e... Sua mãe se dedicou de corpo e alma, com os grupos de apoio e as dietas, e ela era ótima. Eu apenas... Eu não conseguia aceitar. E eu senti como se estivesse atrapalhando. Então fui embora. E... você não teve culpa, nem sua mãe ou o Sam. Eu que tive.

Casey: Para onde você foi?

Doug: Fui para o sítio do vovô. E... Ele quis que eu construísse um anexo na casa, e acabei ficando. Construí a droga de uma lareira e... Bebi cervejas e foi... uma merda. Me envergonho de isso ter acontecido.

Casey: Não acredito que nos deixou.

Doug: Eu sei, mas sinto muito. E você sabe que eu te amo. Muito. Eu amo você mais que tudo.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 3).

O recorte dessas cenas nos auxilia na reflexão sobre a chegada de uma criança na família, com a inevitável criação de expectativas de pais e mães em relação ao futuro filho ou filha. Com a criação do enxoval dos bebês, muitas vezes os pais podem ouvir de seus amigos e familiares perguntas como “é menino ou menina?”, “você quer uma menina ou um menino?”. De um lado, podemos encontrar aqueles que dizem qual gênero preferem; por outro lado, há os pais que dizem algo como “o importante é vir com saúde”. Podemos pensar que dentro da ideia de “saúde” existem muitas questões a serem vistas e debatidas, mas interessa-nos especificamente o nascimento de bebês que terão um desenvolvimento diferente do esperado pelos pais e até mesmo pela sociedade; bebês que serão vistos e criados em uma sociedade intolerante às diferenças e que conseqüentemente terão seus corpos impregnados com marcadores sociais da diferença que os nomearão enquanto pessoas com deficiência.

Receber o diagnóstico da deficiência de um filho é um processo de perda. O atestado médico que inscreve o diagnóstico de seu filho é, em sua concretude, também o atestado de óbito do filho sonhado. A morte do futuro imaginado, da família como se idealizou, gera luto (NUNES, 2015, p. 15).

Na cena em que Doug conta para a sua filha por que não estava presente na foto, vemos um pai compartilhando as dificuldades e os sentimentos em vivenciar o conflito entre o filho real e o ideal. Doug compartilha quão difícil era permanecer próximo de um filho que não conseguia se relacionar com ele, que não o olhava nos olhos. Relembremos de uma das cenas já citadas, em que Doug e Elsa estão na dispensa e ele revive o momento em que Sam se expressa ao ir a um jogo com seu pai. Nesta cena, Doug já enfatizava o quanto queria ter algo em comum com seu filho.

Pode ser difícil digerir a ideia de que a paternidade, embora seja algo tão íntimo, também possui a sua faceta com o desconhecido. O encontro com o desconhecido-familiar que, *a priori*, nossa prole é pode ser um lembrete de que “devemos amá-los por si mesmos, e não pelo melhor de nós neles, e isso é muito mais difícil de fazer. Amar nossos próprios filhos é um exercício para a imaginação” (SOLOMON, 2013, p. 11). Na descrição de Jorge Larrosa (2019) “dir-se-ia que o recém-nascido não é outra coisa senão aquilo que nós colocamos nele” (p. 233). Entretanto, o nascimento de uma criança transita na linha tênue entre o familiar e o estranho, pois podemos considerar a gestação como um momento de união entre um feto e seus familiares. Em contrapartida, por mais que os pais idealizem de maneira diferente, o nascimento é sempre o encontro com o novo.

O nascimento de Sam, assim como o de sua irmã, foram encontros do casal Gardner com esses estranhos-familiares: após a chegada do recém-nascido, estavam sujeitos a encontrar conflitos entre filhos ideais e reais porque encararam a realidade de que a criança “é um outro enquanto outro, não a partir daquilo que nós colocamos nela” (LARROSA, 2019, p. 234). A atribuição dos papéis de gênero existentes em nossa cultura acaba alimentando a ideia de que as mulheres possuem o dom intrínseco da maternidade, como se uma mãe nascesse antes de uma gestação. Entretanto, é urgente pensarmos que o corpo que gesta um bebê também possui uma história que antecede essa chegada, bem como o quanto a sociedade tende a apagar a história das mulheres. Não que o mesmo não aconteça com os pais, mas a sociedade tende a cobrar muito mais a maternidade frente a paternidade. Por exemplo, podemos pensar que quando Elsa soube da gravidez de Sam, toda a sua vida foi reelaborada, pois ao saber que seu filho é autista e os cuidados que Sam demandava, Doug afastou-se de sua família, decidindo morar na casa de seu pai.

O novo início que um bebê representa mostra aos pais um desconhecido. Assim como para Elsa e Doug, o (re)nascimento da família demanda de seus membros o desenvolvimento de novas características, entretanto, pais e mães vêm compartilhando os percalços que dizem respeito a chegada de filhos ou filhas com deficiência. A sociedade que está pronta para receber crianças tidas como “saúdáveis” também idealiza “pais de crianças saúdáveis”. Quando, então, dá de cara com as diferenças humanas, há conflito. Logo, podemos pensar que o luto do filho ideal faz parte da paternidade, mas há algo além no luto sofrido por pais de pessoas com deficiência. Ao compartilhar os sentimentos vivenciados durante o pré-diagnóstico de sua filha, Ana Nunes (2015) fala sobre sua percepção quando notou as diferenças sociais impostas à filha com deficiência e sobre como são mais difíceis os caminhos trilhados por pais atípicos, ou seja,

pais de filhos considerados fora da norma e desviantes pela sociedade, como, por exemplo, pessoa com deficiência, pessoas racializadas e pessoas LGBT.

O luto por um filho com deficiência é também expressão do preconceito que nós, pais, internalizamos. É um reflexo da visão que a sociedade capacitista nos incutiu sobre a vida com deficiência: equivalência entre deficiência e tragédia, impossibilidade da pessoa com deficiência viver uma vida plena, deficiência e felicidade como experiências inconciliáveis. O pai de um filho com deficiência precisa se livrar de todo este arcabouço de conceitos para chegar a aceitar e valorizar o filho que teve (NUNES, 2015, p. 24).

Assim como relata Ana Nunes (2015), vemos, nas cenas da série, que Elsa também passou a ter uma jornada diferente com a confirmação do diagnóstico de autismo de Sam. Ao considerarmos que a sociedade capacitista possui uma ótica funcionalista do corpo humano, qualquer diferença encontrada no desenvolvimento humano passa a ser constantemente vigiada e analisada por saberes médicos que declaram aquele corpo como um *outro*, um corpo com deficiência. Possivelmente, a rotina de Elsa passou a contar com diversos acompanhamentos médicos e a organização de seus compromissos dependia do cotidiano de Sam, por exemplo.

Temos em seguida a cena em que Doug e Elsa saem para jantar a sós. Num determinado momento, Doug pontua o quanto o casal precisa descansar:

Elsa: Às vezes é tão difícil para eu relaxar. Fico tão preocupada com as crianças...
 Doug: Eu sei, mas está tudo bem. Elas estão bem. Tudo está bem.
 Elsa: As crianças estão ótimas?
 Doug: Vai começar.
 Elsa: Só queria saber por que acha isso.
 Doug: Por que está chateada?
 Elsa: Não estou. Você acha que me preocupo à toa.
 Doug: Às vezes isso é verdade. E daí que o Sam quer namorar? Isso é bom. Ele tem 18 anos, é o esperado.
 Elsa: Doug, não é apenas namorar. Primeiro o namoro, depois a formatura, e aí sai de casa, vai para o mundo. E não poder protegê-lo me assusta.
 Doug: Não é o que queremos para ele?
 Elsa: Queremos muitas coisas que ele não pode ter.
 Doug: Como sabe disso?
 Elsa: Fui eu quem esteve ao lado dele nos últimos 18 anos. Nunca foi próximo dele. Você nem tenta. Sinceramente, às vezes acho que você não gosta dele.
 Doug: É isso que você acha? Eu amo nosso filho. Sempre amei. Tem sido difícil me aproximar dele? Sim, tem sido. Eu achei que ele seria mais como nós. Ele não é como a gente ou ninguém que conhecemos.
 Elsa: Eu sei.
 Doug: Pois é. Lembra o aniversário de 9 anos dele? Ele quis um iglu. E o que eu fiz?
 Elsa: Você fez um.
 Doug: Eu passei 19 horas carregando e empilhando blocos de gelo no quintal só para o meu filho me notar. Para gostar de mim. E ele nem quis entrar porque os blocos não se alinhavam direito.
 Elsa: Eu...
 Doug: Você não é a única da família com um filho autista, Elsa.
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017).

Há muitas questões a serem apuradas no diálogo entre o casal. Elsa possui uma dificuldade em conseguir se desligar de suas preocupações, mesmo quando o intuito é descansar

e aproveitar a companhia do marido. Durante a transcrição de várias cenas, é perceptível que Doug e Elsa lidam com seus filhos de maneiras diferentes. Podemos questionar, de acordo com todas as informações levantadas: o que preocupa Elsa a ponto de ela questionar seu marido se as crianças realmente estão bem? Aparentemente a única mudança que temos na rotina da família Gardner é o fato de Sam compartilhar seu desejo de ter uma namorada e transar. Em seguida, ela complementa que, após o namoro, terá a formatura e também a saída de casa. Resumidamente, a independência de Sam a assusta.

Por outro lado, Doug questiona se não é isso que eles desejam para Sam, de modo a fazer Elsa pensar se seria correto seu filho passar toda sua vida sob tutela. A partir dessa cena, conseguimos aplicar à nossa análise a diferença entre o modelo social da deficiência e o modelo médico. Para Doug, o autismo não resume toda a vida de Sam a ponto de limitá-lo, impedindo-o de usufruir da vida como qualquer sujeito, ou seja, Doug ampara-se no modelo social da deficiência, em que a sociedade – incluindo seus sujeitos – tem de se reinventar perante as diferenças humanas. Sendo assim, Sam pode namorar, ir à formatura, sair de casa, pois contará não somente com o apoio de sua família, mas da sociedade em si, amparando-o em suas necessidades¹⁹.

O modelo médico acredita que a deficiência engloba toda a vida do sujeito, vendo-a enquanto uma questão individual e não social. Aqui, as diferenças acabam excluindo o sujeito a fim de garantir a norma e um modelo dominante. Se Doug consegue separar o autismo de Sam dos demais aspectos de sua vida, como o namoro, Elsa acredita que, por seu filho ser autista, ele não consegue relacionar-se. Ressaltamos ainda que a personagem é uma neurotípica vivendo numa sociedade normativa. Portanto, suas inseguranças podem emergir devido ao conhecimento de que a sociedade impõe barreiras a corpos vistos como abjetos. Mesmo assim, seu conhecimento pode ser utilizado como uma ferramenta de luta por uma sociedade inclusiva em vez de um instrumento que continua a reproduzir a exclusão, reafirmando a hegemonia de determinados corpos em detrimento de outros.

Ao perceber que seu marido pensa e lida de forma diferente do que ela, Elsa se incomoda e diz que Doug parece não gostar de Sam. Essa reação vai ao encontro com o diálogo de Victor di Marco (2020) sobre quão comum é a concepção de amor ser confundida com assistencialismo e como isso ocorre pelo fato de que os familiares acabam se relacionando apenas com a deficiência da pessoa:

¹⁹ Durante as demais temporadas da série, o personagem Sam não somente consegue formar-se no ensino médio, como iniciar a sua graduação e sair da casa de seus pais.

Aí chegamos na outra parte que é a ambiguidade do afeto que, ao mesmo tempo em que ele tem uma intenção positiva, ele pode ser uma violência, justamente por essa família não se relacionar com o sujeito e sim com a sua deficiência. Não houve uma preocupação em conhecer a pessoa, se conhece o que se espera de uma deficiência. (MARCO, 2020, p. 22).

A discussão sobre autismo e família retorna durante um jantar realizado na casa da família Gardner, em que Chuck, colega de trabalho de Doug, e sua esposa comparecem. Segue o diálogo:

Esposa: Como vão as crianças?
 Elsa: Muito bem.
 Doug: A Casey está sendo recrutada pela Clayton Prep. Bolsa de atletismo.
 Elsa: Fizemos um tour pelo campus.
 Chuck: Uma bolsa.
 Doug: Seria ótimo.
 Elsa: É bom ter um tempo com a Casey, porque geralmente nos dedicamos ao Sam e...
 Esposa: Por quê? O que houve com ele?
 Elsa: Ele está bem.
 Doug: Quer mais sangria?
 Chuck: Não.
 Elsa: Ele não me conta mais nada. Eu me tornei obsoleta. Ele já tem 18. Sabem como é... Meninas, namoros...
 Chuck: Problemas.
 Elsa: Exato. E, com o Sam, tudo é mais... Sabe como é.
 Esposa: Não sei, o quê?
 Elsa: Por causa do autismo.
 Esposa: O quê?
 Chuck: O Sam é autista?
 Elsa: Sim.
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 5, 2017).

Há um silêncio e constrangimento na mesa. Em seguida a cena muda para a hora em que Doug e Elsa se preparam para dormir:

Elsa: Você trabalha com o Chuck há mais de cinco anos. O assunto nunca surgiu?
 Doug: Não, o Chuck e eu não falamos sobre isso.
 Elsa: Entendo.
 Doug: Entende o quê?
 Elsa: É como o Diego. Se lembra do Diego que trabalhava comigo no salão?
 Doug: Sim.
 Elsa: Demorou mais de um ano para ele me dizer que era gay. Ele ainda tem vergonha da sexualidade dele. Para ele é difícil se assumir no trabalho.
 Doug: Ele trabalha em um salão e não assume que é gay?²⁰
 Elsa: É igual a você. Você não assume no trabalho porque tem vergonha.
 Doug: Não tenho vergonha. Elsa, nada me envergonha. Só quero manter meu trabalho e minha vida pessoal separados. É assim que eu sou. Coisa de homem.²¹
 Elsa: Pois é, eu jamais poderia ser assim, não com alguém com quem eu trabalho todo dia, um amigo meu. Faz parte da minha identidade.
 Doug: Talvez não devesse fazer.

²⁰ Urge indagarmos a associação que o personagem entre a profissão e orientação sexual, como se o fato de um homem trabalhar em um salão de beleza fosse sinônimo de homossexualidade.

²¹ A sociedade patriarcal tende a alimentar o estigma de que homens são fortes e, consequentemente, compartilhar sobre sentimentos e momentos com outros homens pode fazer com que sua masculinidade seja questionada (JJ BOLA, 2020)

Elsa: O quê?

Doug: Pra você, tudo gira em torno de ser mãe. Talvez você devesse ter vida própria.

Elsa: Eu tenho vida própria.

Doug: Não acho que tenha. É tudo “o Sam isso”, “o autismo aquilo”. Talvez seja hora de viver a sua vida.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 5, 2017).

Há três interpretações possíveis perante o episódio: a possibilidade do autismo de Sam ser motivo de vergonha para Doug; não compartilhar seus problemas e sentimentos a fim de garantir sua “masculinidade”, mantendo sua relação com Chuck apenas com assuntos que dizem respeito às *coisas de homem* e a última diz respeito ao desejo de Doug de separar assuntos pessoais e familiares de questões profissionais. Consideraremos a narrativa que o personagem alimenta durante o diálogo a fim de problematizarmos as diferenças entre o casal perante o autismo. Por um lado, temos um pai que relata ter tido dificuldades em criar um vínculo com seu filho, mesmo quando demonstrava interesse em seus assuntos, como, por exemplo, a já mencionada construção do iglu. As adversidades atingiram proporções tão grandes a ponto de Doug decidir viver longe de sua família por um período. Mas agora, com seus filhos já na adolescência, encontramos cenas em que Doug parece dedicar-se à família e, principalmente, em que parece compreender e aceitar a singularidade de Sam, conseguindo aproximar-se de seu filho.

É perceptível que Elsa teve de se dedicar tanto à família, desde o nascimento de Sam, que acabou deixando-se de lado. Ainda que as discussões acerca dos direitos da mulher, igualdade de gênero e maternidade venham avançando nas últimas décadas, nossa sociedade ainda tende a resumir a mulher à posição de mãe e cuidadora da vida doméstica enquanto homens não são comumente cobrados pelo seu exercício da paternidade. Logo, não é de se surpreender que muitas mulheres se sentem perdidas quando parecem estar vivendo algo diferente da vida doméstica e do cuidado. Além disso, quando Doug fala sobre Elsa não ter vida própria e resumir-se à maternidade, vemos o quanto ocupamos posições distintas na sociedade, que não se anulam, mas refletem a intersecção de muitas categorias, como enfatiza Kimberlé Williams Crenshaw (1991). Elsa não é somente mãe, tampouco mãe somente de um adolescente neurodiverso, como também o é de uma adolescente neurotípica. Tanto para a nossa análise quanto para o modo pelo qual Elsa se percebe, ressaltamos a impossibilidade da identidade enquanto categoria totalizante e unitária, pois sua constituição se dá em um campo de disputas incessantes e mutáveis (SILVA; HALL; WOODWARD, 2014).

Entretanto, é inegável que haja diferenças que permeiam os diversos núcleos familiares existentes. Por exemplo, Ana Nunes (2015) fala acerca da vida de pais e mães de pessoas com

deficiência e o existente contraste com as demais famílias, como as dificuldades são outras e como isso é um reflexo de uma sociedade capacitista. Assim como a sociedade cria os sujeitos, ela também cria uma família tida como ideal, comumente composta por um casal heterossexual, classe média, branco, cristão e com filhos saudáveis. Logo, qualquer família que se difere deste modelo sofre as consequências de uma sociedade que foi criada por e para sujeitos tidos como capacitados e, portanto, sem-deficiência. Há, então:

A perda do pertencimento a uma comunidade majoritária, à comunidade dos sem-deficiência. Ser pais de uma criança com deficiência é assumir uma nova identidade. É passar a fazer parte de uma minoria. É ter de se adaptar aos desafios e ao preconceito. É ter de lutar por inclusão, porque não mais fazemos parte do grupo privilegiado a quem certos direitos são concedidos sem luta (NUNES, 2015, p. 23).

Quando Andrew Solomon (2013) reflete sobre a reação de sua mãe ao saber que ele é homossexual, ponderando o quanto essa afirmação não dizia respeito apenas à vida de Andrew, mas também à da mãe de um filho gay, conclui que “o problema era que ela queria controlar a vida dela, e era a vida como mãe de um homossexual que ela desejava alterar. Infelizmente, não havia maneira de ela resolver seu problema sem me envolver” (SOLOMON, 2013, p. 21). Essa reflexão nos permite pensar como a constituição da família envolve uma crise simbiótica de identidades que se entrelaçam e, consequentemente, como a vida em sociedade é um reflexo disso.

Elsa dedicou-se integralmente à sua família, podendo em algum momento ter abdicado de si sem querer e ao perceber que todos à sua volta estão conquistando sua independência, consequentemente vê suas obrigações serem relegadas. Por exemplo, na cozinha da família Gardner, encontramos um quadro com os dias da semana, a partir do qual Elsa organiza-se para dar conta de todos os compromissos. Conforme Casey, Doug e Sam passam a viver independentemente da companhia de Elsa, sua agenda passa a esvaziar-se. Frente a isso, podemos pensar na repercussão psíquica sofrida por uma mãe que teve sua singularidade apagada por longo período devido às imensas responsabilidades e que, a partir de agora, vive um conflito por não saber mais como é dedicar-se a si mesma. A reflexão sobre quais discursos Elsa ouviu durante toda sua vida acerca das pessoas com deficiência e o quanto tais falas acabam moldando a maneira pela qual lidaremos com esse público, demonstram como esses pensamentos estereotipados são um reflexo de uma sociedade capacitista.

3.3. Todos precisam de cuidado

A apresentação de algumas informações e cenas dos demais personagens, além de Sam, mostra-nos como algumas situações estão interconectadas e nos fornece mais dados para análise, aproximando as experiências dos personagens entre si. Sendo Sam o filho mais velho, veremos aproximações e resquícios do cuidado de Elsa e Doug com o filho autista refletirem na vida de sua irmã mais nova. Estando na mesma escola de Sam, sua irmã Casey participa dos treinos de atletismo, sendo constantemente motivada por seu treinador, confiante de que ela poderá conquistar bolsas de estudo em instituições reconhecidas.

Há um campeonato pelo qual Casey está competindo, no qual vemos sentada na arquibancada a família Gardner aguardando o início da corrida. Elsa deixa o celular cair de sua mão e ao perceber que o objeto passou por um buraco da arquibancada, informa a Doug e Sam que irá buscá-lo na parte inferior e que em breve retorna. Nesse pequeno intervalo, Casey começa a corrida. Na euforia do momento, a menina que está à frente de Sam começa a movimentar o cabelo, encostando-o em seu rosto. A sobrecarga sensorial do toque do cabelo incomoda Sam, que agarra o cabelo da menina, causando espanto e chamando a atenção de Doug, que tenta acalmá-lo para que solte o cabelo.

Ao soltá-lo, Sam escorrega na arquibancada, esbarrando seu braço numa fissura do banco, causando um corte que logo começa a sangrar. O pai decide descer com o filho para que possa tomar os devidos cuidados e logo encontra com Elsa. Enquanto isso, a corrida tem início e Casey dispara chegando em primeiro lugar. Após passar a linha de chegada, Casey comemora e olha para a arquibancada à procura dos pais, mas não os encontra. Posteriormente, vemos que a família se encontra em outro espaço. Tanto Doug quanto Elsa fingem ter visto a corrida, mostrando-se eufóricos pela conquista de Casey, mas o teatro não dura muito tempo, pois a filha diz que percebeu que eles não estavam na arquibancada e que não viram sua corrida. Os pais explicam a Casey o que houve com Sam e que tiveram que cuidar de seu irmão. Casey responde ironicamente que Sam precisa de mais cuidado, numa tentativa de esconder seu incômodo por não ter sido percebida num momento importante de sua vida.

A cena nos faz refletir sobre quanto Casey acaba tendo seus momentos invisibilizados devido ao excesso de cuidado com seu irmão. Não somente Doug e Elsa tendem a modificar a sua rotina a fim de cuidar de Sam, como a própria Casey acaba tendo que alterar sua vida por conta do irmão. Por exemplo, após o campeonato, a personagem recebe uma proposta de um dos colégios mais importantes da região. A oferta de uma bolsa de estudos deixa Casey

entusiasmada e ela decide contar o ocorrido à família durante um jantar, em que leva seu namorado Evan:

Casey: Tenho uma notícia.
 Evan: Uma grande.
 Elsa: Sei que ele está interessado em meninas, mas está indo rápido demais.²²
 Casey: Estou sendo recrutada. Pela Clayton Prep. Acho que viram minha última corrida, não sei. Eles me querem.
 Doug: Uau. A Clayton? Isso é incrível.
 Evan: Não é?
 Elsa: Uau. A Clayton fica longe? Você teria que sair da Newton?
 Casey: Não, amo tanto estudar que estudaria nas duas. Não, eles querem que eu comece logo. O que acham?
 Doug: Isso é muito bom.
 Casey: Sim.
 Elsa: Muita coisa para discutir.
 Doug: Com certeza. Temos que pensar sobre.
 Elsa: Quero dizer, você sabe... Sinto muito, meu amor, mas não vejo como isso pode dar certo. Precisamos de você na mesma escola que o Sam, certo? Conversaremos quando seus amigos saírem. Ele não tem mais um acompanhante profissional e depende muito de você. Então, eu... Não sei como isso poderia dar certo.
 Casey: Eu sei. Certo.
 Elsa: Conversaremos.
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 4, 2017).

Nota-se que Casey demorou para receber a atenção total de seus pais, visto que ambos estavam conversando sobre seu irmão. Entretanto, Casey persiste tentando contar a novidade. Os pais demonstram surpresa, mas logo em seguida começam a se sentir preocupados, indagando Casey sobre a distância da escola e o fato de que ela teria que sair de Newton, sua escola atual, na qual seu irmão também está matriculado. Dessarte, Elsa diz que não vê como isso poderia dar certo, pois Casey precisa continuar em sua escola para cuidar de seu irmão.

De acordo com Elsa, Sam não possui mais acompanhamento profissional na escola, o que pode fazer com que ele realmente sinta dificuldades em sua rotina e precise de alguém para ajudá-lo. Entretanto, no decorrer da série notaremos que Sam não possui dificuldades em sua rotina escolar, pois os desafios estão centrados em suas relações sociais. Inclusive, haverá o momento em que Sam dirá para uma de suas colegas que ele tem uma boa nota em biologia e que não vê motivos para aceitar seu convite de estudar em dupla. Sendo assim, partimos do princípio de que, exclusivamente nesse caso, não há necessidade de acompanhamento profissional; contudo, salientamos que esse suporte tem de ser visto de acordo com cada aluno ou aluna, para que o ambiente consiga fornecer a ele ou a ela todo apoio de que precisa.

²² A presente cena será abordada de modo integral no próximo capítulo. A fim de garantir a fluidez da leitura, ressaltamos que Sam e alguns amigos também estavam nesse jantar. Portanto, a presente fala de Elsa diz respeito ao desejo de Sam em começar um namoro, tema que será abordado em seguida.

Frente a isso, podemos pensar que Elsa pressupõe que Sam não consegue seguir sua rotina sozinho, precisando de todo apoio possível para que sua passagem pela escola seja concluída, o que demonstra que ela está disposta até mesmo a abdicar da rotina de sua filha em prol do cuidado com Sam. Se Elsa notasse quais realmente são as dificuldades de Sam, notaria que elas dizem respeito apenas às interações sociais e, portanto, o fato de Casey estar ou não na escola, acabaria não o impactando tanto. Desse modo, o excesso de cuidado e proteção de Elsa com Sam pode fazer com que ele não consiga ampliar sua independência, pois acaba não permitindo que ele tente fazer as coisas sozinho, sem a ajuda de outrem.

Voltemos à cena. Veremos que Evan se incomoda com a reação dos pais de Casey, assim como observa semelhante reação por parte de sua namorada. Com isso, Evan se levanta e diz:

Evan: Perdão, mas...

Doug: Por que ele se levantou? Aonde vai?

Evan: Vocês têm dois filhos.

Casey: Evan, não...

Evan: Vocês agem como se tivessem um. Eu entendo. O Sam tem uma deficiência, ou sei lá o que. Mas ela bateu o recorde. A Casey fez algo legal e vocês nem viram. Onde vocês estavam? Agora ela pode ir a uma escola do cacete, e perdão pela palavra. Também não quero que ela vá para uma cidade longe, mas pelo menos entendo que ela... é boa demais para esse lugar. Então... é isso. A comida estava muito boa.

Doug e Elsa ficam sem reação com a fala de Evan.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 4, 2017).

Durante seu desabafo, Evan trouxe à tona uma questão, a qual Doug e Elsa nunca se atentaram: o fato de que sua filha também tem uma vida, independentemente do irmão, e de que ela vem conquistando coisas importantes, mas os pais pressupõem que as necessidades de Sam – que são maximizadas – são prioridade na dinâmica familiar. Portanto, deixam de lado os cuidados para com sua filha. A presente observação poderá nos ajudar durante as restantes análises das cenas, fazendo com que fiquemos atentos e atentas ao modo pelo qual a família se relaciona entre si e de como principalmente Casey tem, desde o início, uma melhor relação com o pai frente ao convívio com a mãe. Ainda que Doug compartilhe com Elsa, a princípio, a preocupação com Sam, o personagem ainda sabe dosar sua atenção entre os filhos, o que não acontece com Elsa.

3.4. Dispositivo da sexualidade e o reconhecimento do autista como sujeito de desejo

Após Sam ter dito sobre seu desejo afetivo-sexual durante o jantar da família Gardner (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017), Elsa passa a demonstrar preocupação com a possibilidade de seu filho relacionar-se com alguém, não somente trazendo a questão à tona

durante as conversas com Doug na dispensa e no jantar, como também decidindo ir até a terapeuta de Sam em seu consultório,

Julia: Entre. Sente-se, por favor. Tudo bem com o Sam?

Elsa: Sim, tudo bem. Eu só... Sam disse que você falou sobre namorar.

Julia: Ele mencionou querer namorar, então...

Elsa: Agradeço por tentar ajudar, mas todas as coisas que dificultam o dia a dia do meu filho... como entender regras sociais, jogar conversa fora, coisas com as quais sempre o ajudei, são intensificadas em namoros. Namorar alguém requer muita comunicação não-verbal, e o Sam é extremamente literal.

Julia: Sim, e há estratégias que posso ensinar a ele.

Elsa: Há mesmo? Há estratégia para lidar com um coração partido? O Sam está indo muito bem. Faz 32 dias que começou o terceiro ano e ainda não teve um ataque de pânico, então... Não quero pressioná-lo. Relacionamentos já são difíceis para neurotípicos. Não quero essa pressão no meu filho.

Julia: Foi feito um estudo em Toronto há poucos anos e os pesquisadores descobriram que apenas nove por cento dos adultos com autismo são casados. Não porque lhes falta vontade, mas porque não sabem como agir. Seu filho tem o mesmo desejo de ser amado que todos. Por que ele não pode tentar?

Elsa: Ele ainda não está pronto.

Julia: É difícil para muitos pais verem os filhos tornarem-se independentes. É muito natural. Então, se precisar conversar com alguém, posso lhe indicar um colega meu.

Elsa: Não... Não precisa. Obrigada por me receber.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017).

Nota-se que a conversa tem início com Elsa comunicando que Sam havia dito que Julia falou sobre ele namorar, durante a última sessão. A mãe parte do princípio de que o assunto foi iniciado por Julia, como se a atitude não pudesse partir de seu filho. Podemos cogitar que Elsa pressupõe que Sam não pensa, não deseja e que, conseqüentemente, não conversa sobre seus desejos. Perante isso, ela desconsidera que tais ideias rodeiem os pensamentos de seu filho, negando a probabilidade de Sam gozar de uma sexualidade. Na contramão do pensamento da mãe, Julia esclarece que o assunto veio à tona porque Sam compartilhou seu desejo e, sendo assim, sua postura ética enquanto terapeuta consiste em trabalhar com seus pacientes por meio de suas demandas. A psicoterapia enquanto local reservado entre o paciente e terapeuta torna-se um refúgio para que o sujeito possa expressar-se sobre muitos tópicos, dentre eles as questões relacionadas à sexualidade.

No diálogo com Julia, Elsa ressalta que evita envolver Sam em situações complicadas a fim de garantir que seu filho não passe por dificuldades. Entretanto, sua conduta coloca Sam numa redoma e retira dele a oportunidade de vivenciar inúmeras experiências ao pressupor que ele não é capaz, além de violar o seu direito à disposição do próprio corpo (ROCHA; MESQUITA, 2018). Para Elsa, há alguns elementos-chave nos quais Sam pode apresentar alguma dificuldade num relacionamento: sua tendência a ser literal e sua dificuldade em compreender regras sociais, jogar conversa fora e entender comunicação não-verbal. Ainda

assim, Julia pontua que existem estratégias que auxiliariam Sam, mas Elsa continua resistente e pergunta se há estratégias para lidar com um coração partido.

Ao salientar que Sam é extremamente literal e que relacionamentos interpessoais requerem comunicação não-verbal, há uma aproximação com a ótica do modelo médico em pensar que talvez o “erro” esteja em Sam. Mas, ao adotarmos o fenômeno da deficiência enquanto consequência da relação entre o corpo e a sociedade, notamos que as barreiras atitudinais e comunicacionais não estão no sujeito, mas sim na estrutura social que não tolera as diferenças, delimitando em seu binarismo o que será considerado aceito ou não. Logo, para que tais barreiras sejam superadas, a mudança tem de vir da sociedade e não de Sam. De que modo? Especificamente nesta situação, podemos repensar na maneira pela qual nos comunicamos e em como podemos torná-la mais inclusiva, mais diretiva, retirando mensagens subliminares e códigos que podem dificultar a compreensão dos autistas.

Além disso, não somente a relação amorosa demanda diálogo, como quaisquer outras, inclusive a relação familiar. Do mesmo modo que Elsa, Casey e Doug conseguem entender qual a melhor maneira de conversar com Sam, bem como de explicar jargões ou sinais que num primeiro momento ele não entendeu. A comunicação dos sentimentos, sejam eles de tristeza ou de felicidade, é intrínseca às relações humanas; ainda que Sam não crie um vínculo amoroso com alguém, o núcleo familiar por si só pode causar sofrimento a ele, pois como Elsa bem disse: relacionamentos em geral já são difíceis para neurotípicos. Frente a isso, o problema não está em Sam, mas no meio em que ele está inserido.

A informação trazida por Julia sobre um estudo realizado há poucos anos, em que pesquisadores levantam uma baixa porcentagem de autistas casados, fornece-nos alguns debates. Sendo o estudo ficcional ou não, nos últimos anos podemos notar uma explosão discursiva acerca da sexualidade dos autistas, seja em produções cinematográficas, discussões em mídias sociais ou trabalhos acadêmicos. Todavia, dados vêm nos mostrando que as pesquisas contam majoritariamente com a perspectiva de pessoas que fazem parte do círculo social dos autistas, como família, amigos, profissionais de saúde ou educacionais (AREND *et al.*, 2021; NASCIMENTO, BRUNS, 2020). Ou seja, os dados são levantados a partir de sujeitos neurotípicos e, portanto, ainda que possamos acompanhar o crescimento do tema, ele ainda diz respeito à visão de alguém que está fora do espectro, partindo da compreensão de neurotípicos sobre a sexualidade dos neurodiversos.

Enquanto as pesquisas ainda abordavam a perspectiva neurotípica da sexualidade de neurodiversos, era comum encontrarmos nos resultados algumas falas em comum: “sexualidade inapropriada”, “famílias não reconhecem a sexualidade”, “comportamento sexual anormal”,

“necessidade de educação sexual”, “civilmente incapazes”, “sexualidade infantilizada” (HARACOPOS, PEDERSEN, 1992; DE TILIO, 2017; MAIA *et al.*, 2017; VIEIRA, MAIA, 2016). Entretanto, nos últimos cinco anos, temos presenciado a inclusão dos autistas frente ao debate, proporcionando aos neurodiversos a oportunidade de expressar o modo que vivenciam e entendem a sexualidade. Notamos que em pesquisas mais recentes a sexualidade desse público não é mais vista enquanto *outra* e, portanto, enquanto uma sexualidade inapropriada e abjeta. Agora há um reconhecimento da sexualidade dos autistas, de modo que as técnicas de confissão querem saber cada vez mais sobre esses diferentes modos de se constituir, de se perceber e de se relacionar. De modo que os autistas sejam finalmente convidados a falar sobre seu sexo (SALA *et al.*, 2020; BRILHANTE *et al.*, 2021).

Faz-se necessário esclarecer nossa compreensão sobre sexualidade. De acordo com Foucault (2017), a sexualidade pode ser entendida enquanto um dispositivo histórico que emergiu por meio do desenvolvimento de inúmeras instituições: médicas, religiosas, pedagógicas e familiares. Se hoje conseguimos falar de sexualidade enquanto objeto de conhecimento e domínio, é devido às relações de poder que a investiram de técnicas de saber, estratégias de poder e procedimentos discursivos comum a toda instituição, fazendo ocorrer uma explosão discursiva acerca da sexualidade (FOUCAULT, 2017). Logo, “através de dispositivos que passaram a produzir discursos verdadeiros sobre o sexo, pôde aparecer algo como a sexualidade, enquanto verdade do sexo e de seus prazeres” (ALTMANN, 2001, p. 577). A sexualidade pelo viés foucaultiano passa a ser constituída por três eixos: a criação de saberes relacionados a ela, a regulação de sua prática através de sistemas de poder e a maneira pela qual o indivíduo se identifica ou não dentro dessa sexualidade.

Ainda que de modo ficcional, no momento em que Julia compartilha dados de estudos sobre autismo e sexualidade, vemos o reflexo do impacto que o discurso científico tem em nossa sociedade, e o valor de verdade a ele atribuído por ter sido proferido por pessoas consideradas qualificadas. A partir disso, essas avaliações e discursos são apreendidos como verdades inquestionáveis (FOUCAULT, 2010). Partimos do princípio de que cada sociedade tem seu regime de verdade, ou seja, há técnicas que distinguem os discursos entre aqueles que serão tidos como verdadeiros e como falsos, como ressalta Helena Altmann (2010).

Ora, acontece que, no ponto em que vêm se encontrar a instituição destinada a administrar a justiça, de um lado, e as instituições qualificadas para enunciar a verdade, do outro, sendo mais breve, no ponto em que se encontram o tribunal e o cientista, onde se cruzam a instituição judiciária e o saber médico ou científico em geral, nesse ponto são formulados enunciados que possuem o estatuto de discursos verdadeiros, que detêm efeitos judiciais consideráveis e que têm, no entanto, a curiosa propriedade de ser alheios a todas as regras. (FOUCAULT, 2010, p. 11)

Além dos acontecimentos no cotidiano de Sam, boa parte da série se dá a partir da narrativa que o personagem cria para si, compartilhando seus pensamentos, sentimentos e percepções tanto na terapia quanto no mundo das ideias. Frente a isso, sobre qual regime de verdade a série *Atypical* se sustenta? Além do estatuto do discurso científico que passa a reconhecer e legitimar o desejo dos autistas, também podemos notar que as ferramentas chave da terapia são a escuta e a fala, indo ao encontro com as observações de Foucault (2017) acerca das técnicas de confissão enquanto dispositivos de saber-poder. Os discursos fomentados pela série nos oferecem o engajamento de novos debates, garantindo que sejamos incitados a falar sobre o fenômeno da sexualidade dos autistas, produzindo novos saberes e técnicas de poder.

Portanto, falar da sexualidade é discutir questões relacionadas às relações interpessoais, envolvendo dimensões afetivas-sexuais; a capacidade e o desejo de amar e de ser amado; perceber-se enquanto sujeito que possui um corpo com aspectos sensoriais, que produz sensações prazerosas ou não, como relembra Ana Cláudia Bortolozzi Maia (2006). O mesmo pode se dizer do impacto social ocasionado pelo modo que o sujeito vivencia sua sexualidade, ou seja, por suas condutas, à saúde pública, natalidade, descendência da espécie, força de trabalho e produção de riquezas, matrimônio e direitos humanos (FOUCAULT, 2017; ALTMANN, 2001). Conclui-se que a sexualidade acaba por penetrar nos âmbitos públicos e privados da vida dos sujeitos.

Ao compartilhar com Elsa os dados de um estudo, Julia nos traz a oportunidade de pensar sobre o impacto das privações que os autistas e as pessoas com deficiência sofrem, bem como a solidão que podem vivenciar a longo prazo. Podemos considerar que os familiares são comumente o primeiro contato social do sujeito após seu nascimento e que o núcleo familiar carrega consigo a dinâmica da vida em sociedade. Assim, não é de se surpreender que nossos familiares tragam valores do que é ou do que deva ser um corpo, seja em aspectos biológicos, seja em aspectos sociais. Além disso, muitos pais e mães podem ter atitudes autoritárias ao imaginar que sabem o que é melhor para seus filhos e suas filhas.

Esta atitude das famílias acharem que sabem o que é melhor os seus filhos já é de praxe, porém, quando se trata de um filho PCD isto carrega um outro sentido. Se anula o conhecimento que esse indivíduo pode ter sobre o seu e sua própria vida. Se induz ao pensar que, por não termos um corpo "válido", não temos a experiência de vida necessária para decidirmos em uma subvida como se tudo que a gente pensasse, falasse ou sentisse entrasse no lugar da apreciação (MARCO, 2020, p. 21).

Além de presumir que Sam pode não ter conhecimento sobre seu corpo, há a possibilidade de conflito quando os pais observam a autonomia de seus filhos. Por exemplo, Marco (2020) ressalta o impacto ocasionado na dinâmica familiar ao renunciar os cuidados de

seus pais e compartilha sobre o desejo que possuía de fazer suas próprias escolhas, pois a superproteção acabava retirando dele o direito de decidir por si mesmo. Logo, ao perceber que as inseguranças sobre a vida pessoal de Sam partiam de Elsa, Julia ressalta o quão comum é para mães e pais verem filhos e filhas conquistando sua independência, sejam eles neurotípicos ou não. Então, frente a isso, oferece a Elsa a possibilidade de trabalhar suas questões com um psicólogo.

O discurso médico-legal é reproduzido pelos pais para seus filhos por ser essencialmente parental e infantil, sendo, afinal, um discurso da moralização do sujeito. Esse discurso se alimenta através do medo causado no outro. Por exemplo, quando a série se inicia, Sam fala que ter uma namorada é algo impossível. Essa informação pode nos fazer refletir sobre o efeito desse poder que ronda todas as instituições e que constantemente realiza discursos que penetram nos indivíduos como verdades absolutas. Sam foi criado em uma sociedade capacitista, assim como Elsa, e ao ouvir que “não poderia usufruir de uma sexualidade normal” automaticamente se privou de tentar construir uma relação afetivo-amorosa, obedecendo e legitimando o poder. O poder, no fim das contas, nada pode, pois só funciona através do discurso. Contudo, para que ele se efetive, é necessário que haja obediência do outro. O efeito do poder é, enfim, a obediência (FOUCAULT, 2017).

Quando o sujeito toma para si o discurso como verdade absoluta, ele passa a constituir-se a partir disso. Como exemplo disso, durante todo o tempo que Sam acreditou que não poderia namorar, ele acabava não pensando nas possibilidades de encontrar uma namorada e constituía a si mesmo como alguém sem sexualidade, obedecendo ao discurso e reproduzindo um determinado modo de sujeição (FOUCAULT, 2017a, 2017b). Entretanto, quando ele se reconhece como sujeito de desejo, passa a abraçar sua singularidade, permitindo-se criar novos modos de vida. Presenciamos aqui a elaboração do trabalho ético “que se efetua sobre si mesmo, não somente para tornar seu próprio comportamento conforme a uma regra dada, mas também para transformar a si mesmo em um sujeito moral de sua própria conduta” (FOUCAULT, 2017b, p. 34).

Sendo assim, realizamos uma releitura do movimento da neurodiversidade, visto agora como aliança em que os sujeitos reivindicam seu direito à diferença, transformando-se em um importante foco de resistência ao defender, subverter e criar novos modos de vida. Portanto, se, por um lado, alguns compreendem o modo de ser dos autistas como uma recusa às regras sociais, por outro lado, ela pode ser interpretada como “resistência a uma biopolítica que marginaliza alguns corpos em defesa de outros tidos como desejáveis” (CRUZ; ALTMANN, 2021a, p. 89). Afinal, por muito tempo a sociedade utilizou de mecanismos de poder para

segregar sujeitos, separando aqueles que eram considerados capazes e incapazes, a fim de garantir a qualidade de vida da descendência da raça humana. Com isso, seus procedimentos normativos e suas técnicas de controle acabaram “invisibilizando propositalmente as diferenças, reproduzindo valores eugenistas e higienistas que utilizam da patologia para ‘fazer viver’ o homem branco, europeu, capaz de produzir e cristão, enquanto ‘deixa morrer’ corpos considerados desviantes” (CRUZ; ALTMANN, 2021a, p. 89).

4 EXPEDIÇÕES DE SAM: DESBRAVANDO A SEXUALIDADE

4.1. O mito da virilidade e a pedagogia da sexualidade

Seja com sujeitos neurotípicos ou neurodiversos, a discussão sobre sexualidade ainda é considerada um tabu em nossa sociedade, principalmente entre pais e filhos devido ao caráter proibicionista da sexualidade, fazendo com que os sujeitos se sintam envergonhados de compartilhar suas dúvidas ou tenham receio de repressão (ALTMANN, 2010). Logo, ao considerar que os adolescentes estão imersos em experiências que demandam conhecimento, é comum que eles busquem caminhos alternativos para obter informações. Sendo assim, temos o momento em que Sam está no seu quarto, em frente ao computador pensando “quando estou aprendendo algo novo, como ganhar vidas infinitas em um videogame ou namorar garotas, eu pesquiso bastante. Adoro pesquisar” (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017). Nesse momento, ele assiste a um vídeo em que um rapaz explica “como falar com vadias”, cujo primeiro conselho consiste em dizer “fale mal delas, algo do tipo: gatinha, que olhos esbugalhados. Pode confiar, mano... a gata vai sentar no seu pau rapidinho” (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017).

FIGURA 5: Vídeo que Sam está assistindo.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

Por meio dessa cena, podemos discutir como as redes sociais servem de ferramenta para obter e fornecer informações, assim como a diversidade de percepções existentes no mundo virtual. Entretanto, quando falamos de masculinidade, há um modelo hegemônico que legitima

a dominação masculina por meio de discursos em prol da virilidade. Compreendemos por masculinidade hegemônica a configuração de práticas de gênero favoráveis à posição dominante de homens e à subordinação das mulheres, em que há a defesa de um ideal de masculinidade que se regula e busca manter sua suposta estabilidade por meio da diferenciação de outras masculinidades consideradas marginalizadas. Por exemplo, a construção da ideia de que homens não choram tem como base de diferenciação o pressuposto de que não são *homens de verdade* aqueles que choram (FORTH, 2013).

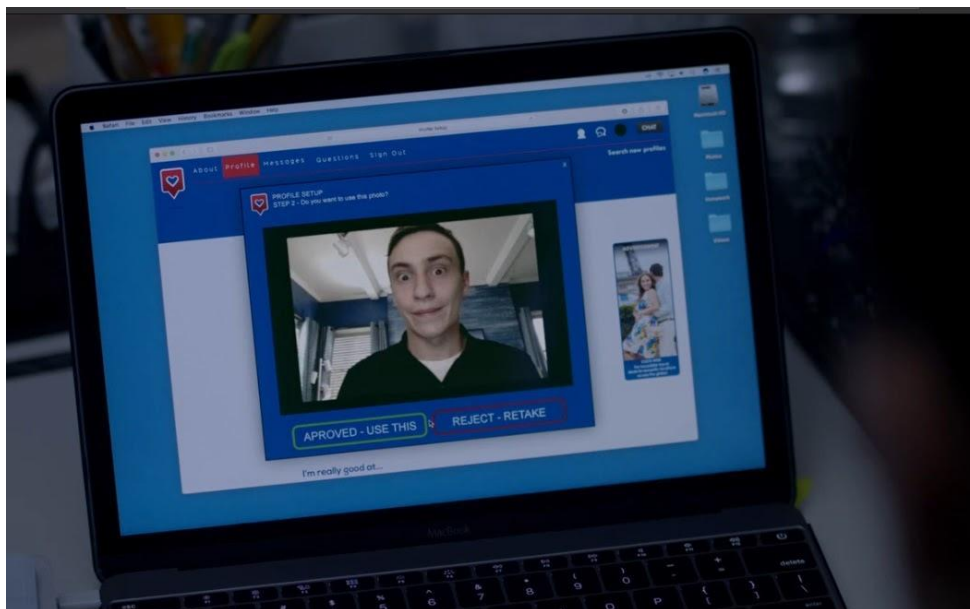
As redes sociais têm se mostrado um espaço comum onde processos de socialização perpassam, assim como a escola, a igreja e a família, possibilitando o compartilhamento de informações que se tornam um referencial aos sujeitos. Por exemplo, tendo dúvida de como aproximar-se de uma garota, Sam decide pesquisar na internet e recorrer a outros jovens que podem ter mais experiência. Entretanto, o conteúdo que ele encontra num site vai ao encontro da cultura machista que ronda o imaginário social, pressupondo que homens possuem naturalmente determinada virilidade, uma das características pelas quais as mulheres sentem-se atraídas. O próprio título referindo-se às mulheres como *vadias* é de tom pejorativo e altamente ofensivo, assim como a alegação de que falar mal das mulheres faz com que elas se sintam atraídas.

O mito da virilidade tem como uma de suas bases a crença de que demonstrações de afeto são sinônimos de fraqueza; em contrapartida, constrangimento, assédio e agressão são considerados sinônimos de força, tendo aspecto positivo. No momento em que o garoto do vídeo diz que falar mal de garotas faz com que elas se sintam atraídas, ele está reforçando a ideia de que o assédio e a agressão são positivos, quando na verdade não o são. Além disso, quando falamos em masculinidade não há possibilidade de pluralizar, pois a virilidade diz respeito a uma única masculinidade dominante. Portanto, aqueles que se identificam com o gênero masculino e não correspondem ao modelo hegemônico sofrem com os estigmas e a exclusão.

Ao defender a existência de masculinidades, JJ Bola (2020) compreende que a masculinidade “está sempre mudando, é fluída e, mais importante, ela é e pode ser tudo o que você quiser que ela seja” (p. 24). Frente a isso, podemos problematizar que a masculinidade não é um fenômeno intrínseco ao ser humano. Assim, Sam não nasceu com as características viris da masculinidade hegemônica, mas aprendeu sua masculinidade por meio de símbolos culturalmente construídos.

A fim de encontrar uma namorada, Sam decide criar um perfil num site de relacionamentos. Temos, então, a cena em que Sam está tirando uma foto na *webcam* para adicionar ao seu perfil.

FIGURA 6: Sam tirando uma foto pela webcam.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

Eis que Casey entra em seu quarto.

Casey: O que está fazendo?

Sam: Encontrando uma namorada na internet.

Casey: Demais. Eu vou ajudar.

Enquanto retira o notebook de Sam da mesa e senta-se à beirada da cama, pede para Sam completar a frase:

Casey: “Eu passo muito tempo pensando em...”

Sam: É fácil. Pinguins. Em específico, os pinguins-antárticos. São minhas aves favoritas, mas todos os pinguins da Antártida são legais. Sabia que os primeiros exploradores os classificaram como peixes? Aves, não. Peixes!

Casey: Vou pôr “esportes”.

Neste momento, Elsa entra no quarto de Sam.

Elsa: Oi, crianças. O que estão fazendo?

Sam: Casey está me ajudando em um site de namoro, mas odeia minhas respostas, então mente.

Elsa: Uau. É jovem demais para isso. Eu vi um episódio em 20/20²³, e parece que há algo chamado “*catfishing*”²⁴ que não tem nada a ver com peixe.

Casey: Tchau, mãe.

Sam: Vamos tirar outra foto com Edison?²⁵ Li na internet que garotas adoram animais. Pode ser assim?

Casey: Vou terminar mais rápido se você sair.

²³ Programa de televisão norte-americano.

²⁴ Entende-se por *catfishing* a prática de criação de perfis falsos em sites de relacionamento, na qual os sujeitos dizem ser de determinado modo que não condiz com a realidade, seja parcialmente ou integralmente, explica Carolyn Lauckner *et al.* (2019).

²⁵ Edison é a tartaruga de estimação de Sam.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017).

FIGURA 7: Sam posando com Edison para uma nova foto para a rede social.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

Primeiro notamos que Casey apoia a busca de seu irmão por uma namorada e logo dispõe-se a ajudá-lo na construção de seu perfil. Entretanto, ela vai reformulando as respostas de Sam, por exemplo, quando substitui pinguins por esportes. Se uma das características de Sam diz respeito a sua literalidade e dificuldade em compreender comunicações não-verbais, podemos pensar que os códigos sociais que permeiam as relações humanas não são claros para ele. Quando Casey diz que colocará “esportes”, ela está reproduzindo a construção de uma masculinidade ideal, regulando e normatizando o *perfil* de Sam para que ele seja percebido como um garoto que está dentro da norma. Não é à toa que vemos uma supervalorização da ideia dos esportes, pois ela reflete como os homens são constantemente vistos por sua força, virilidade e masculinidade.

Ao falar acerca da virilidade, Georges Vigarello (2013) questiona se uma das mobilizações do esporte seria o desenvolvimento de qualidades físicas e morais a fim de aproximar-se do ideal de perfeição da capacidade humana e, sendo assim, a prática esportiva teria um aspecto formador na constituição do sujeito. Além disso, por um longo período, a ideia de virilidade foi associada à masculinidade. Portanto, homens que gostavam de esportes eram vistos como super-heróis que desenvolviam características relacionadas à força, superação, dominação, determinação (VIGARELLO, 2013). Tais características tornaram-se superestimadas na sociedade diante dos demais gostos que os garotos poderiam ter. Por exemplo,

o interesse de Sam por pinguins acaba sendo visto como abaixo da norma por ser estranho, sofrendo uma desqualificação em relação à supervalorização de qualidades advindas do espírito esportivo. Podemos pensar que quando Casey deseja mentir sobre os interesses do irmão, é com o intuito de torná-lo um garoto atraente seguindo as características que a sociedade tende a admirar.

Quando Elsa entra no quarto e pergunta o que as crianças estão fazendo, Sam diz a ela a verdade. É interessante notarmos o modo pelo qual Sam denuncia a ilusão do estado de natureza da masculinidade dominante, como, por exemplo, a ideia de que todos os homens praticam e gostam de esportes. Não há uma essência viril, pois ela é uma criação cultural que prescreve, por meio de discursos, quais homens deseja construir (COURTINE, 2013; BAUBÉROT, 2013). Contestar essa norma possibilita a libertação de imperativos culturais acerca de quem somos, dando a oportunidade de estabelecermos novas relações conosco e com os outros.

A perspectiva da sexualidade enquanto dispositivo histórico possibilita aproximarmos nos das produções culturais que normatizam o modo pelo qual nos comunicamos, reproduzimos determinados rituais e gestos. Portanto, os comportamentos fazem parte de um jogo que buscará definir uma identidade, como, por exemplo, pressupor que os homens têm de agir em relação às mulheres de modo que reafirme sua virilidade, por meio de comportamentos agressivos e ofensivos, rejeitando qualquer demonstração de afeto que conotaria fraqueza (LOURO, 2008).

Podemos considerar este ritual como uma pedagogia da masculinidade que ronda e molda o comportamento dos homens; que por meio de uma narrativa essencialista tem o intuito de naturalizar modos de ser que foram culturalmente criados. É pertinente observarmos que ao mesmo tempo em que é estabelecida a masculinidade ideal, constrói-se o seu oposto: as masculinidades anormais, desviantes, perigosas, impróprias (LOURO, 2008). A partir disso, Sam acredita que tem de seguir os passos estabelecidos pela cultura para legitimar sua masculinidade. Numa espécie de etnografia, ele passa a observar o modo pelo qual os demais garotos se comportam. Ainda em sua pesquisa sobre como conquistar garotas, a cena muda para o ambiente escolar, onde Sam está sentado na escada da escola observando as interações entre os estudantes enquanto faz anotações em seu caderno.

As observações do personagem trazem à tona o fato da rotina escolar nos proporcionar momentos em que nós aprendemos a olhar para o outro e para nós mesmos. Há um processo de escolarização dos corpos e das mentes por meio de práticas que constroem, ensinam e interiorizam modos de ser que podem apresentar-se naturais e, consequentemente, inquestionáveis e insubstituíveis (LOURO, 2014, 2016). O processo de fabricação dos sujeitos é contínuo e imperceptível, pois atravessa os mínimos detalhes que compõem a nossa rotina. O

espaço escolar mostra-se um espaço fecundo para que Sam entenda as inúmeras possibilidades existentes para se conquistar uma garota.

Quando já inserido na sociedade, o sujeito está à mercê de mecanismos que regulam, definem, condenam e normatizam os corpos, num processo que se intensifica com o passar dos anos, especificamente em relação à sexualidade. É-se constantemente convidado a investigar e expressar sua sexualidade, tendo seu corpo investido com representações sociais sobre o que é ser homem ou mulher, normal ou abjeto. Para Guacira Lopes Louro (2019) isso pode ser chamado pedagogia da sexualidade, caracterizada enquanto processo de escolarização a fim de garantir corpos disciplinados. Quando falamos de pedagogia, é comum pensarmos *a priori* nas salas de aula e nos conteúdos programáticos existentes nos currículos escolares. Entretanto, observa-se que as pedagogias permeiam não somente a instituição escolar, mas também ambientes de comum integração social, indo além dos muros das escolas:

Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras. Muitas outras instâncias sociais, como a mídia, a igreja, a justiça etc., também praticam tal pedagogia, seja coincidindo na legitimação e denegação de sujeitos, seja produzindo discursos dissonantes e contraditórios (LOURO, 2019, p. 38).

Sendo assim, reconhecemos que a pedagogia da sexualidade ocorre através de práticas discursivas e não-discursivas, dentro das escolas e fora das salas de aula. Isso posto, realizamos a seguinte indagação: é possível pensar na existência de um currículo oculto nas pedagogias da sexualidade? Para Rogério Diniz Junqueira (2012), as práticas e os saberes existentes dentro da escola são constituídos por um currículo formal e outro de caráter oculto. Sendo este composto por aprendizagens sociais que se dão através de comportamentos, atitudes e valores que permeiam as conversas entre os sujeitos, como, por exemplo, nos recreios, brincadeiras e organizações da dinâmica escolar (SILVA, 2020). Portanto, é possível testemunhar que o nosso dia a dia é construído por rituais que têm em seu cerne uma pedagogia da sexualidade, que podem acabar ensinando e delimitando situações: onde as meninas e meninos podem ir, com quem podem falar, como devem se vestir, como devem se comportar e se sentir (CRUZ; ALTMANN, 2021a).

Se comumente os neurotípicos reagem automaticamente aos rituais, compreendendo e reproduzindo as regras implícitas às relações sociais, o modo como esperam que os indivíduos se comportem em suas interações sociais, as mensagens subliminares existentes entre olhares e frases não ditas, assim como as falas com duplo sentido, para os autistas, em contrapartida, ocorrem situações em que esses sinais passam despercebidos, devido sua tendência à

objetividade e à literalidade ao ver e entender as coisas (CRUZ; ALTMANN, 2021a). Sendo assim, nota-se que, durante sua pesquisa, Sam torna evidente que o flerte, enquanto um momento inicial importante para a criação de relações afetivas, é permeado por regras não ditas.

FIGURA 8: Alunos da escola mexendo com uma das alunas.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

Após realizar muitas pesquisas em sites, observar as interações na escola e perguntar suas dúvidas para as demais pessoas, Sam entra em contato com uma garota do site de relacionamentos, que deseja marcar um encontro:

Sam: O nome dela é Bree. B-R-E-E. Ela gosta de taquitos veganos e tem um gato chamado Simba. Odeio gatos. Acha que ela pode se livrar dele?
Casey: Não peça isso a ela. Aonde vão?
Sam: Eu já pensei nisso. Vou levá-la a *Techtopolis*.
Casey: Uma loja de eletrônicos?
Sam: É onde me sinto confortável.
Casey: Meu Deus.
Sam: Vai ser legal. Podemos analisar as TVs e ver qual tem melhor luminosidade. Eu já sei, mas quero ver se ela acerta.
Casey pega o notebook de Sam e lê a mensagem de Bree: Ela quer ir tomar café.
Sam: Café? Quem sai para tomar café?
Casey: Relaxa. Vai dar certo.

Sam: Não vai.
 Casey: Não vai mesmo.
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017).

Nota-se que Sam agora se encontra no mesmo impasse da criação do perfil pois ao sugerir um local em que se sente seguro, a *Techtropolis*, Casey o reprime e sinaliza a ele sobre não comentar acerca do gato de Bree. Essas são regras que estão implícitas nos jogos de sedução e que são indetectáveis para Sam. Ele parte do princípio, porém, de que um primeiro encontro tem de ser realizado num ambiente confortável e, nesse caso, a *Techtropolis* é um local em que Sam se sente bem e que seria apropriado. Entretanto, a repressão de Casey mostra que o encontro ideal diz respeito a lugares vistos como socialmente aceitos, como bares, restaurantes, cafés, cinema etc. Sam traz então uma ideia atípica, pois comumente uma loja de eletrônicos não é um local interessante para as pessoas. Além disso, após ter conversado com Casey sobre o possível encontro com Bree, Sam compartilha que “estar em um lugar barulhento e desconhecido pode ser difícil. Não consigo pensar ou escutar. Simplesmente congelo. Mas... Não se preocupe. Eu tenho uma estratégia” (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017).

Sam aceita o convite para ir até o café com Bree, mas ao estar ciente de sua sensibilidade a lugares barulhentos, a estratégia de Sam consiste em ir até o encontro com fones de ouvido antirruídos. Chegando lá, o aspecto pegajoso do chão do café incomoda Sam. Diante da tensão gerada por suas questões sensoriais, ele se sente nervoso e relembra e gagueja todas as dicas que anotou em seu caderno, dentre elas aquela que dizia que o sorriso deveria ser diminuído em setenta por cento, para não mostrar os dentes; e aquela que Sam visualizou no site sobre “como falar com vadias”, já que em determinado momento Sam diz a Bree “gatinha, que olhos esbugalhados” (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017). Logo após Sam perceber o desconforto da garota, seu nervosismo aumenta drasticamente e ele tenta lembrar todas as suas anotações e começa a dizê-las aleatoriamente, dentre elas “mamacita, sua bunda é do espaço?”, “eu não gosto de gatos, pode se livrar de Simba?” (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017).

Ainda que Sam tivesse encontrado uma solução para sua sensibilidade em relação a lugares barulhentos, podemos observar que ainda existem muitos outros estímulos no ambiente do café: o chão com aspecto pegajoso, a mistura de sons (conversas, músicas), o fato de ser um local em que não se está acostumado. Isso faz com que Sam comece a ter dificuldade em dar continuidade a um assunto. Portanto, compreendemos que a situação se transformou num estresse para a sensibilidade de Sam. Por conta disso, ao encontrar-se super estimulado, Sam começa a aplicar toda a sua pesquisa de uma vez, a fim de encontrar um ponto seguro que possa

funcionar. Entretanto, a garota do encontro não compreende as falas descontextualizadas de Sam e ao final da cena é possível perceber que seu primeiro encontro não deu certo, pois Sam retorna a sua casa cabisbaixo.

FIGURA 9: Sam com fones de ouvido no café.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

Em outro momento, Sam está no balcão da *Techtopolis* e seu amigo se aproxima,

Zahid: E aí, como vai com as mulheres?

Sam: Não quero mais namorar. É muito difícil. Tem que adivinhar o que as pessoas pensam. O que as mulheres pensam. Elas me acham esquisito.

Zahid: Você é. E daí? Os franceses comem lesmas, o que é estranho, mas eles transam. Olhe, a ruiva voltou. Chame-a para sair. Vai! Vai!

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017).

O primeiro ponto a ser notado é a declaração de Sam sobre ter de adivinhar o que as pessoas pensam. Se relembrarmos todo o processo de seu primeiro encontro, desde a criação de um perfil no site de relacionamentos, observa-se que sempre há interferência de outras pessoas e que, majoritariamente, as dicas dizem respeito a regras implícitas. Por exemplo, Casey mentiu sobre as informações de Sam no site por esta possuir perspicácia para compreender o que as pessoas comumente pensam de garotos que gostam de pinguins e de esportes. Logo após isso, Sam não compreende por que seu encontro não poderia se dar na *Techtopolis* e novamente Casey toma as rédeas da situação por possuir conhecimento de algo tácito.

Já no café, Sam tem dificuldades de construir um diálogo com a garota. Além de seu jeito introspectivo, devemos lembrar que a descrição do Sam do site de relacionamentos não condiz com o Sam que está presencialmente no encontro. Isto é, se no site Casey conseguiu

omitir informações de seu irmão, presencialmente essas diferenças tornam-se visíveis, pois não há a possibilidade de Sam performar uma identidade que não condiz com a realidade. Em seguida, o excesso de estímulos e a dificuldade de manter um diálogo fazem com que a situação se torne demasiadamente complexa para ele. Se não houvesse tantas regras não-ditas entre as relações, Sam poderia sentir-se mais confiante, pois a dificuldade do personagem consiste em compreender como funcionam as regras sociais que delimitam o que pode e o que não pode ser dito.

É útil refletir se Sam é quem realmente deve se tornar responsável por não entender regras não-ditas. Com isso, é possível indagar por que a sociedade tende a adotar comportamentos complexos e regras implícitas e, consequentemente, estigmatizar aqueles que não aderem aos mesmos. De acordo com a perspectiva do modelo médico, quem deve adequar-se ao ambiente é Sam e isso envolveria submeter-se às regras mesmo que elas lhe tragam desconforto – como, por exemplo, ao mentir sobre seus gostos ou ao ir a ambientes com muitos estímulos sensoriais. Contrário a esse movimento, a perspectiva do modelo social ressalta o quanto o nosso dia a dia é permeado por limitações e que somente uma parcela da população consegue ter experiências exitosas. Sendo assim, vemos que as diferenças são marcadas negativamente, excluindo corpos que não se enquadram. Eis aqui a importância da acessibilidade: os ambientes comuns, como bares, festas, parques e cafés fomentam as relações humanas, mas se somente uma porcentagem das pessoas consegue usufruir dos lugares sem sentirem-se barrados, onde estão e de que modo vivem os outros corpos? Quais direitos lhe são retirados ao não garantir sua acessibilidade e, portanto, o gozo de uma vida comum a todos?

4.2 Processos de aprendizagem social das relações afetivas

Durante um dos períodos em que Sam está na *Techtopolis*, enquanto está no balcão trabalhando e conversando com Zahid, até o momento em que seu amigo observa que uma cliente entrou na loja e desde então está olhando atentamente para Sam. Ao perceber, Zahid se aproxima e diz a ele que uma cliente está olhando para ele atentamente:

Zahid: Sammy, a ruiva ali está de olho.
 Sam: O quê?
 Zahid: Aquela gata. A bunduda ali nos monitores.
 Sam: O que tem ela?
 Zahid: Ela está sorrindo para você.
 Sam: Oh... E daí?
 Zahid: Sorria de volta.
 Sam: Sério?
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017).

No início, mesmo com Zahid falando sobre uma garota estar olhando, Sam demora a entender que esse poderia ser um sinal de interesse por parte dela, mas Zahid explica atentamente esse significado. Observa-se a importância do vínculo entre os amigos, pois se por um lado temos Sam, que tem dificuldade para compreender alguns sinais, por outro Zahid detecta-os com demasiada facilidade. Além disso, por meio dessa amizade, podemos ver que as pedagogias da sexualidade precisam das relações humanas para a reprodução de seus códigos, pois quando Zahid explica determinadas situações para Sam, ele está explicando como a sociedade tende a funcionar.

A cena se encerra com a garota ficando sem reação com o sorriso de Sam e saindo da loja. Zahid demonstra visivelmente desconforto ao perceber que Sam foi literal e, portanto, que não sorriu de modo espontâneo para a garota, quebrando uma regra implícita aos jogos de sedução.

FIGURA 10: Sam sorri para a garota que Zahid lhe mostra.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

Em sua próxima sessão de terapia, Julia pergunta a Sam como foi sua semana e, durante o diálogo, ele relata para Julia a situação anterior, na qual Zahid mostrou uma garota demonstrando interesse em Sam. Contudo, ao seguir as instruções do colega e sorrir para ela,

Sam relata que a assustou. Julia, então, decide perguntar de que modo ele a abordou e então Sam decide reproduzir o sorriso que deu para a cliente.

O diálogo com Sam continua e Julia pontua que seu sorriso pareceu exagerado para a garota, o que o fez cruzar a linha tênue entre flertar e assustar. Frente a isso, Sam pergunta como ele poderia saber quando está ultrapassando os limites e Julia explica que “quando fizer contato visual, tem que desviar o olhar”. Embora Julia tenha dito a frase de modo figurado, Sam a compreendeu de modo literal, questionando “mas como vou fazer contato visual e desviar o olhar? Não sou uma tamarutaca” (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 2).

FIGURA 11: Sam mostra a Julia o jeito que sorriu para a garota em seu trabalho.



Fonte: Aplicativo da Netflix

Ao não compreender a fala de Julia de modo figurado, Sam torna visível um comportamento social oculto e que era reproduzido automaticamente entre as pessoas, sem ao menos ser questionado. A interpretação de Sam coloca o currículo oculto em foco, mostrando como a sociedade cria regras sem sentido e que geram jogos de sedução incoerentes. Entretanto, para o modelo médico da deficiência, que compreende a pessoa com deficiência enquanto fora da norma, o problema a ser “tratado” está justamente no sujeito e não na estrutura da sociedade. Ainda que Sam tenha feito o questionamento de modo ingênuo e espontâneo, seu apontamento desconstrói a ideia de que “a sexualidade é algo que ocorre de modo igual para todos nós, em caráter intrínseco. O fato de Sam não aderir às regras sociais não torna sua sexualidade anormal, mas sim demonstra o quanto a socialização é composta por rituais muitas vezes inquestionados” (CRUZ; ALTMANN, 2021a, p. 82).

Dedicado a compreender o mundo das aparências, o personagem busca compreender como se dão as interações humanas e os modos de conduta, fazendo-nos lembrar da chamada “civilização dos costumes”, que ocorre por meio de um processo psíquico civilizador, enfatizada por Norbert Elias (2011) para desconstruir a ideia de que haja uma natureza no homem e, portanto, de que haja uma maneira correta de se comportar. Em contrapartida, o autor defende que os costumes e os comportamentos se inserem no modo de ser do sujeito por meio de condicionamento e adestramento e que tais circunstâncias mudam de acordo com o tempo e espaço, pois “o homem ocidental nem sempre se comportou da maneira que estamos acostumados a considerar como típica ou como sinal característico do homem ‘civilizado’” (ELIAS, 2011, p. 13).

FIGURA 12: Julia demonstrando a Sam como ele poderia fazer contato visual.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

Sendo assim, notamos que Sam não sabia naturalmente qual seria o sorriso ideal para flertar sem assustar alguém. Por meio de sua amizade com Zahid e da relação com sua terapeuta, porém, Sam foi regulando seu comportamento, tornando-o socialmente aceitável. O processo civilizador ocorre desde a tenra infância, perpassando a vida de todos os cidadãos, pois nenhum

ser humano chega civilizado ao mundo; conforme ele vai tendo suas experiências no mundo social, ele acaba por internalizar os ritos existentes em seu meio de convivência, reproduzindo a norma (ELIAS, 2011).

Não é de se espantar que muitas vezes as crianças são denominadas imaturas, pressupondo que aquele indivíduo ainda não está civilizado, ou seja, que não está por dentro dos mecanismos de funcionamento da sociedade. Desse modo, são consideradas “incivis” (ELIAS, 2011). Sendo assim, os discursos que buscam infantilizar as pessoas com deficiência ou que legitimam os saberes médicos, instaurando regimes de verdade que dizem qual é o jeito certo de nos comportamos, consideram tais sujeitos como “incivis” e “imatuross”, por estes não se sentirem e se expressarem do modo que a sociedade espera. É como se suas emoções fossem majoritariamente singulares e esporadicamente de acordo com o coletivo.

Frente a isso, não devemos indagar por que Sam age de tal modo, mas por que a sociedade tende a valorizar o coletivo, no sentido da reprodução do mesmo, e consequentemente marginalizar as singularidades? Ou seja, por que é esperado determinado nível de afeto nas relações humanas ou determinado modo de expressão? Por que a comunicação não-verbal é vista como um déficit? Por que temos de ajustar nosso comportamento de acordo com os contextos sociais? Em vez disso, questionemos por que não abraçamos os diversos modos de sentir e de se expressar, possibilitando outros modos de comunicação e até mesmo a compreensão literal, sem necessidade de rituais baseados em regras implícitas.

Para Vladimir Safatle (2019), além das leis e regras existentes na sociedade, há algo que não é possível de ser visto a olho nu: um circuito dos afetos que produzem vínculos sociais. Existe uma tendência a compartilhar intersubjetivamente normas que dizem respeito ao modo como afetamos o outro e somos afetados por ele. Para isso, existem dinâmicas explícitas e implícitas, ambas sendo importantes para que o circuito continue funcionando. Logo, devemos reconhecer que há um regime que busca normatizar determinados afetos, pois a mesma sociedade que cria seus sujeitos, também regula os sentimentos e sofrimentos que os permeiam.

Há cenas em que Sam traz à tona o funcionamento das relações sociais, ajudando-nos a problematizar o modo pelo qual somos levados a criar vínculos sociais; como, por exemplo, o dia em que Sam reflete ao lado de Zahid sobre o quão “difícil é saber quando pôr a pesquisa em prática. Não capto bem os sinais” (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017). Quando Sam navega em sua pesquisa, fazendo anotações, questionamentos e permitindo-se ser regulado por pessoas mais próximas, ele está conseguindo dominar as regras explícitas do jogo social. Entretanto, para alguém que tende a ser mais objetivo e literal, as regras implícitas do processo

de sociabilidade e aprendizagem dos afetos e sentimentos na relação com o outro continuam sendo imperceptíveis. Diante disso, também podemos concluir como as características do autismo elencadas pela ciência servem como pistas para explorarmos e indagarmos sobre os processos de aprendizagem social das relações afetivas, desnaturalizando o relacionamento como algo inerente ao ser humano.

As emoções são capazes de aproximar épocas, lugares e indivíduos por meio de reações compartilhadas, pois há o circuito de afetos orientado pelas relações de poder que está presente nas representações coletivas, em regimes emocionais, funcionando como uma espécie de gestão da emoção (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2020). Para os gregos, por exemplo, as emoções eram compreendidas enquanto efeito demonstrado de determinado acontecimento em nosso entorno, ou seja, o modo como algo nos afeta, pois existem “tantas emoções coletivas que permitem verificar, implicitamente, que os indivíduos compartilham os mesmos valores e possuem as mesmas referências” (SARTRE, 2020, p. 60).

Sendo assim, há uma utilização cívica das emoções coletivas, para a qual elas servem de instrumentos para a transmissão de valores existentes numa sociedade: com as expressões e a externalização dos afetos, criam-se significados que possibilitam a comunicação e, além disso, a manipulação das massas. Para Anne Vial-Logeay (2020), a teatralização das emoções viabiliza seu domínio e sua reorientação, lembrando sempre ao sujeito que ele pertence ao coletivo. Ainda que duas pessoas possam sentir a mesma emoção, elas podem reagir de modos completamente opostos, como, por exemplo, o modo de Sam e o modo de seu meio neurotípico. Ao encontrarmos sujeitos que nos fazem pensar que suas emoções são ou estão incontroladas – como o estranhamento que a cliente tem quando Sam sorri para ela de um modo considerado assustador –, automaticamente sentimos medo da “alteridade [inscrita] no seio da civilização: do mais íntimo de si pode emergir o mais assustador, que é a estranheza absoluta em relação aos outros e a si mesmo” (VIAL-LOGEAY, 2020, p. 115).

Frente a isso podemos refletir de que forma as emoções podem propiciar um sentimento de pertencimento ou de estranhamento, pois ao ver que outro sujeito pode reagir de modo diferente a um mesmo acontecimento que vivenciamos juntos, vemos o quanto o outro difere de mim – negativamente ou não –, desse modo, as diferenças são enaltecidas e o estranhamento pode causar afastamento. Relembremos que, de acordo com o DSM-5, os autistas possuem déficits em sua comunicação e interação social, além de déficits na reciprocidade socioemocional, podendo demonstrar “compartilhamento reduzido de interesses, emoções ou afeto (...) a ausência total de expressões faciais e comunicação não verbal (...) dificuldade em

ajustar o comportamento para se adequar a contextos sociais” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 50).

Tais critérios diagnósticos nos fazem perceber que a comunicação e interação são pontos nodais da sociedade, logo, aqueles que não reproduzem os rituais existentes e não compreendem os símbolos são vistos como atípicos. Urge refletirmos que não existem emoções “verdadeiras” ou “falsas”. Ainda que a neurociência venha avançando no debate e elenque zonas do cérebro que “se acendem” quando indivíduos sentem nojo, felicidade ou medo durante a realização da imagem por ressonância magnética (IRM), isso diz respeito ao “*locus* da expressão emocional, e não a emoção em si mesmas” (ROSENWEIN, 2020, p. 160) já que as emoções em si estão no domínio da linguagem e da externalização de gestos.

Dessarte, podemos refletir que a sociedade espera que os sujeitos se comportem de determinado modo, estabelecendo como as pessoas se expressam quando sentem felicidade, medo, nojo etc. Quando alguém reage de um modo não convencional, portanto, isso é visto como anormal, como um déficit. Não há possibilidade de alteridade emocional no seio das emoções coletivas, pois elas partem do princípio de que todos somos um só e, com isso, as diferenças individuais são desconsideradas. Conclui-se que esse é um viés do modelo médico da deficiência, enquanto nossa discussão demonstra a importância de localizarmos a construção social de determinados jogos de verdade que acabam culpabilizando o sujeito por meio de discursos essencialistas e biológicos. O modelo social da deficiência nos oferece o viés analítico de que a deficiência não está no sujeito, mas de que é consequência de uma sociedade capacitista que preconiza a hegemonia de determinados corpos em detrimento de outros.

Em outra cena, Casey está na escola indo em direção à Bailey para desculpar-se por tê-la agredido. Após o diálogo entre as duas, Sam se aproxima da irmã e Casey desabafa:

Casey: Odeio essa vagabunda!
 Sam: Vagabunda? Ela é promíscua?
 Casey: Não, ela só é irritante. Por que você é tão literal? Que saco!
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 2, 2017).

Após Casey sair de cena, Sam segue observando a rotina na escola. À sua frente, ele observa Bailey Bennett beijando um rapaz; em outra cena, ela aparece beijando outro. Simultaneamente, Sam começa a pensar que “Na ciência, a evidência observável é crucial para as descobertas. Mas, para entender de verdade, é preciso questionar” (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 2, 2017). E é nesse momento que Sam se aproxima de Bailey:

Sam: Com licença, Bailey? Eu sou o cara cuja irmã bateu em você. Ontem vi você beijando o Henry, e hoje você está beijando o Arlo, e queria saber como ele cortejou você. E, por favor, seja específica.

Sam deixa a disposição o seu caderno de anotações antes que Bailey responda sua pergunta

Arlo: Cara, qual é a sua?

Sam: Estou fazendo uma pesquisa sobre como roubar uma mulher e a Bailey é o exemplo perfeito, pois é uma vagabunda.

Arlo: Está pesquisando sobre como roubar uma mulher? Irado.

Bailey: Arlo, seja legal.

Outros amigos na cena comentam: “vai transar?”, “vai dar uma bimbada?” e começam a dar risada de Sam

Sam: Acho que não. Como assim?

Amigos: Comer uma gata, cara.

Sam: Não gosto de gatos.

As risadas continuam ainda mais fortes...

Sam: Quer dizer, gatos são legais, mas prefiro aves a felinos, especialmente aves que não voam.

Arlo: Que tipo de garota você quer? Ou quer foder um pássaro que não voa?

Risadas...

Sam: Claro que não. Uma humana, uma fêmea humana.

Bailey: Já chega, galera.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 2, 2017).

Sam começa a ficar nervoso e a olhar as luzes do corredor da escola, pensando “os outros acham que não sei quando riem de mim, mas sei. Eu só não sei sempre o porquê, o que, de certa maneira, é pior” (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 2, 2017). A percepção que Sam tem dos barulhos e luzes começa a aumentar conforme ele vai ficando mais nervoso. A cena termina com os alunos pedindo para Sam ler a sua pesquisa sobre como roubar uma mulher, enquanto tiram sarro dele, até que Bailey diz “galera, parem com isso! Ele não é normal!” (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 2, 2017). Sam olha diretamente para Bailey espantado e sai correndo da escola.

Os regimes de normatização existentes na sociedade fazem com que os sujeitos sejam constantemente levados à identificação com o sistema simbólico de sua cultura, para que a partir disso possa se encaixar numa descrição que passará a defini-lo. Sendo assim, a construção da identidade social precisa não somente do simbólico como também do social, pois Sam passa a apreender os símbolos e começa a se localizar por meio das relações de seus colegas. Então, ao observar os comportamentos de Bailey e os rapazes com quem ela se relacionou, Sam pressupõe que há uma representação simbólica que garante que alguém conseguirá cortejar outrem, por isso ele deseja que Bailey seja específica e conte a ele como o fez. Para os colegas de escola neurotípicos indagados por Sam, essa conduta questionadora sobre situações aparentemente *naturais* denuncia que as relações afetivas não são criadas sempre do mesmo modo e de que não são naturais. Entretanto, ao quebrar um círculo vicioso na constituição das relações, Sam é visto como o *estranho*.

O relato do autista Joelle Smith (2020) sobre sua passagem pela escola pode nos fazer pensar sobre o currículo oculto e como ele permeia a socialização dos sujeitos por meio de

atitudes, comportamentos, normas e valores que escolarizam os corpos. Contudo, ao compartilhar sua experiência no jardim de infância, dizendo que era esperado que as crianças diversificassem entre si os brinquedos em sua rotina, ela relembra o quão comum é a existência da fixação nos autistas, que faz com que eles prefiram sempre o mesmo objeto. Desse modo, Joelle não se encaixava em uma das regras.

Entretanto, ainda que fosse indicado brincar com diferentes brinquedos, existia uma regra implícita no cotidiano escolar: as meninas e os meninos tinham brinquedos específicos. Portanto, se Joelle optasse por brincar com acessórios considerados inadequados para o seu gênero, era vista como “o ‘garoto’ que quebrava as regras não escritas” (SMITH, 2020, s/p). Se revermos a cena de Sam sendo caçado pelos alunos da escola, aproximamos a sua experiência com a de Joelle, pois ambos são julgados como garotos que quebram as regras não escritas. A culpa recai, nesses casos, nos corpos que desconsideram ou subvertem as regras em vez de ir de encontro à dinâmica social intolerante às diferenças.

As regras que não são ditas explicitamente podem fazer parte do currículo oculto, que é ensinado e reproduzido através da socialização entre os sujeitos, como, por exemplo, entre os alunos e as alunas de uma mesma escola, de mesma faixa etária. Portanto, é interessante refletir sobre o currículo oculto enquanto prática que conta com a socialização dos sujeitos como instrumento para a propagação de normas implícitas. Se levarmos em conta que os autistas são mais introspectivos, ou não tão amarrados às normas sociais, a incompreensão e o questionamento acerca das regras implícitas se sobrepõem. Para Tomaz Tadeu da Silva (2020), é importante refletir sobre o que fazer com um currículo oculto e como a teoria crítica vê essa “quebra de rituais” como um momento de lucidez, a partir do qual podemos trazer para a consciência algo que estava oculto. Portanto, “a coisa toda consiste, claro, em desocultar o currículo oculto” (SILVA, 2020, p. 80), assim como Sam faz ao perguntar a Bailey.

Para Bailey e os garotos com quem ela saiu, a dinâmica do flerte talvez tenha ocorrido de modo automático, pois todos os envolvidos, de algum modo, possuem perspicácia em relação aos códigos sociais, não questionando seu modo de funcionamento. Isto é, há um aspecto automatizado e naturalizado das maneiras de se relacionar. Por outro lado, enquanto alguém que indaga sobre os rituais sociais, Sam acaba estudando-os e questionando o que parece ser visto como natural, bem como aquilo que ele não compreende como funciona, nem seu sentido e seu objetivo. Quando, então, as pessoas próximas a ele são questionadas sobre esses comportamentos, elas percebem situações que antes ficavam sob um viés oculto, o que pode gerar um estranhamento.

4.3 “Paguei com o corpo o nome que carrego”²⁶

Durante a série encontramos os mais variados debates que circundam as diferenças humanas, mas há um ponto em comum em cada uma dessas cenas: um corpo específico. Por exemplo, há o episódio em que Casey está chegando à escola e observa um tumulto no corredor próximo aos armários. Ao se aproximar, presencia um ato de gordofobia²⁷ com a aluna Beth, em que algum ou alguma estudante escreveu “orca” em seu armário. O tumulto é ocasionado pela presença de diversas meninas e diversos meninos olhando para o armário e para Beth enquanto dão risadas. Vendo que as garotas estão tirando sarro do corpo da garota, Casey chama uma das alunas que riem, Bailey, e no momento em que esta vira em sua direção, Casey mira um soco em seu rosto (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017).

Sendo assim, aproximamo-nos do entendimento do corpo enquanto construção, em que essa materialidade reflete as construções sociais de determinada sociedade. Com isso, percebemos o corpo como linguagem, pois ele explicita para nós as marcas culturais em suas expressões, falas e performances. Diante disso, encontramos distinções entre os corpos aceitos pela sociedade e aqueles que são marcados pelas diferenças, ao referirmo-nos ao *corpo queer* estamos falando sobre indivíduos que estão presentes nas multidões: os homossexuais, travestis, as mulheres de barba, as pessoas com deficiência etc. (FERRARI, 2003; PRECIADO, 2011).

A perspectiva do corpo enquanto construção e linguagem nos oferece ferramentas analíticas que auxiliam na localização de práticas discursivas e não-discursivas que buscam por meio de categorias normativas estabelecer as diferenças, de modo a separar os sujeitos em *nós* – os normais – e *eles* – os anormais, ressalta Anderson Ferrari (2010). Por exemplo, ao descreverem a Beth como “orca”, os sujeitos estabelecem pela linguagem o lugar ao qual ela pertence, ou seja, o lugar dos corpos *queer*, dos corpos que estão fora do padrão e são corpos não-magros. Ao determinar que Beth pertence a este grupo, há também o estabelecimento de que a norma condiz aos corpos magros, saudáveis e, portanto, perfeitos. Nota-se que a diferença surge neste contexto enquanto violência simbólica e cultural, na qual os sujeitos vivenciam o processo de exclusão e inclusão conforme adaptam-se às normas, aceitando-as enquanto naturais e imutáveis. Ressalta-se que ao denunciar a identidade como criação linguística, temos

²⁶ (PRECIADO, 2020, p. 29)

²⁷ Gordofobia refere-se à aversão da gordura, em que os sujeitos têm medo de engordar, assim como ao desprezo por pessoas consideradas gordas. Tal pensamento é fomentado pela ideia de que um corpo gordo é doente, culpabilizando os indivíduos pela condição na qual o seu corpo está, alimentando a premissa de que somente corpos magros são saudáveis, mantendo-os como modelo ideal (SANTOS; SANCHONETE, 2018).

a oportunidade de problematizar seu contexto cultural e social, reivindicando novas e múltiplas possibilidades (SILVA, 2014; FERRARI, 2003, 2010; FERRARI, MARQUES, 2010).

Ao adotarmos o conceito de biopolítica trabalhado por Foucault (2010, 2017a), temos a possibilidade de compreender o corpo enquanto corpo-espécie, que é constantemente alvo de instituições que têm como intuito a gestão da espécie humana, garantindo sua saúde. Sendo assim, os padrões estabelecidos pela sociedade defendem que os corpos devem manter-se saudáveis. A partir disso, a ideia de cuidado passa a ser atrelada não somente à ausência de doença, mas também à tendência de manter os corpos dentro de um padrão, envolvendo questões relacionadas à altura, ao peso, ao cabelo, às partes do corpo em geral: pernas, coxas, seios, barriga, braços.

FIGURA 13: O armário de Beth com a escrita “orca”.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

Os discursos proferidos na sociedade são basais na autoconstrução do sujeito e da sua visão de mundo. Podemos, com isso, considerar que o processo educativo vai além das instituições escolares. Tais discursos circulam todas as relações de poder existentes na sociedade, mas principalmente em meios de comunicação midiáticos e nas pedagogias do controle, em que há uma constante produção discursiva de que os corpos desde a tenra infância devem ser saudáveis. Vemos, então, cada vez mais propagandas falando sobre estilo de vida e padrões corporais, bem como atores e atrizes que representam essa norma em suas produções e o governo dos corpos dentro e fora das instituições. (FERRARI, 2003; PEREIRA; OLIVEIRA, 2016). Acerca disso, Maria Rita de Assis César e André Duarte (2009) falam do início de uma

pedagogia fitness que passa a ser inserida na escola, tornando-se responsável pela alimentação, prática de exercícios, elaboração de cardápios etc. Em contrapartida a essas práticas discursivas, vemos o seu contrário: o desprezo por pessoas que não praticam atividades físicas; não possuem uma boa alimentação e não se adaptam à norma corporal estabelecida.

Durante um novo episódio, vemos Casey se despedindo dos pais para ir à escola e Elsa inicia o diálogo:

Elsa: Vai usar esse moletom?

Casey: Qual o problema dele?

Elsa: Nada. Não entendo por que tanto exercício se não vai mostrar seu lindo corpo.

Casey: Quer que eu me vista como uma puta?

Elsa: Foi um elogio. Você está linda debaixo dessas camadas.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 2, 2017).

Se de um lado vemos que Beth sofre preconceito e exclusão por ter um corpo gordo, visto como fora a norma, de outro, vemos que Casey é convidada pela sua mãe a mostrar seu corpo saudável, relacionando a prática de exercício somente à beleza, desconsiderando que sua filha pratica atletismo porque gosta. Nota-se que há uma expectativa de que alguns corpos sejam mostrados e outros não. Além disso, Casey reproduz o estigma de que mulheres que se vestem com roupas mais curtas a fim de mostrar seu corpo são consideradas putas e vulgares pela sociedade.

4.4 “Com que roupa eu vou?”: independência e construção de si

Após uma das alunas da Newton ter dito para Sam que ele usava sempre as mesmas roupas, isso tornou-se uma preocupação para ele, fazendo com que esse seja um assunto debatido em terapia. Sam aparece no consultório de Julia, para quem diz:

Sam: Preciso de roupas novas.

Julia: Certo. Por quê?

Sam: Garotas gostam de quando garotos usam vários tipos de camisa. Por quê?

Julia: Acho que para entender qual é seu estilo. Ele diz algo sobre a pessoa.

Sam: Como as iguanas, que balançam a papada colorida para atrair as fêmeas?

Julia: Exatamente dessa maneira. Eu acho. Como você escolhe suas roupas hoje?

Sam: Não escolho. Minha mãe escolhe. Sua mãe não escolhe suas roupas?

Julia: Não mais. Talvez seja a hora de escolher suas próprias roupas.

Sam: Mas... como? Há tantas roupas. E cores, tamanhos e estampas diferentes. Esta camisa é “cinza névoa”, mas névoa nem é uma cor. É translúcida.

Julia: Escolha algo que combine com você. Quando for morar só, terá que escolher suas roupas. Você consegue, Sam. Acho que há um cara estiloso aí.

Sam: No caso, eu. Certo?

Julia: Sim.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 3, 2017)

Para Sam, a roupa sempre esteve atrelada ao vestir-se e, portanto, esteve isenta de significados sociais. Como exemplo disso, o personagem cita que encontrar roupas é uma tarefa difícil, pois existem cores, tamanhos e estampas diferentes. Durante a série podemos perceber que Sam tem preferência por camisetas de composição cem por cento algodão, o que nos relembra que há sujeitos com sensibilidades sensoriais que englobam a composição de roupas. Sendo assim, suas preferências dizem respeito somente ao material de que são feitas. Contudo, Julia traz a ele uma nova perspectiva sobre as roupas: como elas dizem para os outros sobre os nossos gostos, como comumente selecionamos roupas com as quais nos identificamos, que expressam os nossos gostos. A moda adquire um lugar no status social, pois através das roupas é possível expressar-se para o mundo, assim como expressar nossos sentimentos e desejos, pois as roupas passam a falar por nós (SANCHEZ; SCHMITT, 2016).

Dessarte, as vestimentas, assim como os demais artefatos existentes na cultura, estão embebidas de um capital simbólico que prolifera discursos pela mídia e pela publicidade. A partir disso, a moda só pode ser compreendida quando inserida num sistema de produção responsável pela constante criação de formas de se vestir existentes no mundo ocidental, fazendo com que o vestuário crie categorias de sujeitos (WITTMANN, 2019). Ou seja:

As roupas envolvidas nesses processos não apenas refletem um padrão de consumo, mas também são responsáveis pela criação e manutenção de uma série de signos dentro do contexto em que são inseridas, como a representação de identidade, não só de gênero, mas de grupo, de classe social, entre outras (WITTMANN, 2019, 79)

Enquanto Isabel Wittmann (2019) traz a potencialidade do vestir como um modo de falar de si, numa espécie de autobiografia, podemos refletir, em contrapartida, acerca daqueles que não possuem essa autonomia e não compreendem as vestimentas enquanto símbolos culturais e, portanto, identitários. Desde o primeiro capítulo da primeira temporada de *Atypical*, vemos que Elsa é a responsável por comprar roupas para Sam. Isso porque, durante o desenvolvimento de seu filho, ela foi tentando compreender quais roupas poderiam ficar mais confortáveis a ele, principalmente por levar em conta as questões sensoriais existentes na vida dos autistas, relacionadas à cor, ao recorte, ao tecido, à costura e à textura.

Posteriormente, temos o momento em que Elsa está na cozinha mexendo no celular e Sam se aproxima:

Sam: Mãe, quero fazer compras com você.
Elsa: O quê?
Sam: Você disse que ia ao shopping. Quero ir.
Elsa: Querido, adoro passear com você. Mas é mais fácil eu ir sozinha.
Sam: A Julia disse que preciso aprender a fazer compras sozinho para quando for morar só.

Elsa: Isso é legal, e é bom a Julia dizer isso, mas ela não foi conosco na última vez que fomos ao shopping. Foi tão desgastante, com todas as luzes e sons e, céus, aquela fonte horrível com água para todos os lados.

Sam: Odiei aquela fonte.

Elsa: É verdade. E você ficou aborrecido. E... lembra o que aconteceu?

Sam: Bati no cara legal da Panda Express e fomos banidos para sempre.

Elsa: E amamos o frango deles.

Sam: Mas... A Julia acha que consigo.

Elsa: Que tal isso? Se eu ver algo bonito, tiro uma foto no celular, envio para você, e você compra de casa? Ótima ideia, não?

Sam: Não. Mãe, não sou mais uma criança. Eu consigo fazer compras. Eu consigo fazer coisas.

Elsa: Claro que consegue. Tudo bem. Vou terminar aqui e iremos, certo?

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 3, 2017)

Deixemos por ora o debate sobre as roupas de lado para refletir sobre a reação de Elsa diante do desejo de Sam de ir ao shopping. De início, há um estranhamento por parte da mãe em ver que o filho deseja ir ao shopping, pois este é um ambiente com muitos estímulos sensoriais, que são estressantes para Sam. Elsa o lembra disso ao falar da última vez que foram juntos até lá. Sam rebate sua mãe dizendo que é importante ele começar a comprar roupas sozinho, principalmente por pensar em sua futura independência quando decidir morar sozinho. Mas, ao perceber que esse também tem sido um assunto discutido com Julia, Elsa continua a lembrá-lo dos momentos difíceis, como quem deseja que o filho não vá ao shopping.

Portanto, assim como nos assuntos sobre sexualidade levantados por Sam, aqui presenciamos uma cena em que a mãe censura situações que podem fazer Sam mais dono de si. Enquanto Julia o motiva e salienta que ele consegue fazer determinadas coisas, mesmo que a princípio elas sejam difíceis, do outro lado, Elsa continua a acreditar que o filho não será capaz de permanecer num ambiente tão estimulante, fazendo com que ele sempre necessite de sua ajuda.

A fim de refletirmos melhor sobre questões relacionadas à compra de uma roupa, podemos separar os consumidores em dois grupos: os indivíduos que se atentam ao estilo, que se preocupam com a mensagem que determinada peça expressará para o outro; e os sujeitos que se atentam ao produto em si, cuja preocupação reside em questões qualitativas do material, fazendo com que as roupas sejam vistas pelo comprador como externas ao sistema cultural e simbólico do qual ele faz parte, não atentando-se às possíveis mensagens da peça de roupa. Podemos pensar que enquanto Elsa é responsável pelas roupas de Sam, elas não passam pela visão dele, assim, não possuem um caráter autobiográfico, uma construção de si, resumindo-se apenas à perspectiva que a mãe tem de seu filho e, conseqüentemente, seu gosto pessoal ou o modo que ela o vê.

Ao saírem de casa e chegarem na loja de roupas, percebemos que Elsa começa a ressaltar cada vez mais como o ambiente pode ser estressante para Sam.

Elsa: A luz é tão forte aqui. Parece... Quer seus óculos escuros?
 Sam: Não.
 Elsa: Bup... Bup... Bup... Não é irritante?
 Sam: Irrita quando você faz.
 Elsa: Quer os fones de ouvido?
 Sam: Não precisa.
 Elsa: Ok. Ótimo. Vamos pegar algumas peças e acabar com isso rapidinho.
 Zahid: Vai ser rapidinho mesmo!
 Elsa: Zahid. Você por aqui. O Zahid está aqui.
 Sam: Eu o convidei porque ele é a pessoa mais estilosa que eu conheço. Ele usa dois relógios.
 Elsa: Também sou estilosa.
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 3, 2017).

A superproteção de Elsa é alimentada por pensamentos de que tais ambientes sempre serão muito carregados para Sam. Ela parte do princípio de que ele precisará de cuidado: óculos escuros, fones de ouvido; ademais, ela deseja realizar as compras com rapidez para que ele saia o quanto antes da loja de roupas. Com a chegada de Zahid, observamos que Elsa não sabia que ele havia sido convidado, o que pode ter causado um estranhamento pelo fato de Sam trazer outras pessoas para os momentos que vivencia, contando com novas opiniões. Diante disso, Elsa rebate à fala de Sam, quando ele diz que Zahid é a pessoa mais estilosa que conhece. Talvez sua resposta tenha emergido por um sentimento de medo de ser substituída na realização das tarefas da vida de Sam, percebendo que o filho já não demanda mais tanto cuidado como ela acredita, conseguindo contar com outras pessoas.

Ao iniciarem as buscas pelas roupas de Sam, vemos que Elsa dá o primeiro passo, ao encontrar uma peça de roupa que ela ser apropriada para seu filho:

Elsa: Ei, Sam, isto ficaria lindo em você. Você é mais sóbrio.
 Sam: A Julia disse que eu devo escolher. Não você.
 Elsa: Dane-se a Julia.
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 3, 2017).

Nessa cena, percebemos que Elsa associa Julia ao fato de Sam estar tornando-se mais independente, como se isso fosse culpa de alguém que está influenciando seu filho. Elsa, portanto, não cogita que esse desejo vem de Sam e que Julia é somente uma profissional que o auxilia a pensar em possibilidades, motivando-o a desenvolver-se sempre. Sendo assim, os sentimentos de Elsa nesses momentos devem ser trabalhados por ela, pois não dizem respeito ao ambiente com muitos estímulos para seu filho ou ao desejo de querer comprar roupas para ele, mas sim na utilização desses momentos para que Sam permaneça sob seus cuidados para sempre.

Decerto haverá um momento em que Elsa terá de abdicar de suas responsabilidades em relação a Sam para que ele possa desenvolver sua autonomia. Nesse sentido, a escolha das peças irá além de seu aspecto qualitativo, iniciando e aproximando Sam da construção de seu próprio estilo, que simbolizará o modo pelo qual ele deseja se ver e expressar-se ao mundo. Portanto, o simples fato de ir ao shopping, conseguir escolher suas roupas e conseguir permanecer em ambientes com diversos estímulos sensoriais fará com que Sam consiga superar-se cada vez mais, desenvolvendo sua independência.

4.5 A falta que o excesso não cobre: o sincericídio

Após Zahid ter notado que uma cliente estava demonstrando interesse em seu amigo, Sam se aproxima da garota tentando puxar assunto acerca dos eletrônicos que ela está observando na loja e logo em seguida pergunta a ela “Você gostaria de sair comigo? Foi por isso que vim, não para ajudá-la com impressoras”. A cliente aceita o convite e, posteriormente, vemos a cena dos dois amigos comemorando o próximo encontro de Sam. Diferentemente de como havia sido com Bree, Sam marcou em um local onde se sente seguro: o estacionamento da *Techropolis*. Inclusive, a garota nota isso:

Garota: Quando você me disse que jantaríamos no estacionamento da loja, achei que fosse brincadeira.
 Sam: Eu não faço isso.
 Garota: Ah...
 Sam: Você é linda.
 Garota: Obrigada. Sempre achei meu nariz muito grande.
 Sam: É um pouco, mas o resto do seu rosto compensa por ele.
 Garota: Uau, você é bem honesto.
 Sam: Sim, isso é ruim?
 Garota: Não, é diferente. Fale mais.
 Sam: Tudo bem. Sou muito bom em consertar computadores, e biologia é minha matéria favorita. Garotas não gostam de mim. Adoro pinguins, mas não devo falar sobre eles. Eu nunca transei antes e tenho uma tartaruga chamada Edison, em homenagem a Thomas Edison, mas não é esperta como ele.
 Garota responde sorrindo: Você é hilário.
 Sam: Obrigado.
 Garota: Você nunca transou?
 Sam: Não.
 Garota: E você quer?
 Sam fica surpreso com a pergunta.
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017).

Há inúmeras discussões que podem ser abordadas a partir dessa cena. O primeiro ponto consiste na excessiva sinceridade de Sam com seus colegas, mostrando sua dificuldade em mentir, omitir ou suavizar seu ponto de vista, o que pode acabar prejudicando suas relações bem como a criação de vínculos. Todavia, é respeitável interpretarmos as ditas “dificuldades”

como pertencentes às diferenças humanas, referindo-se aos distintos modos de ser e de comportar-se nas situações cotidianas, removendo o caráter patológico que é destinado àqueles que não correspondem ao que é tido como ideal e, logo, como “normal”.

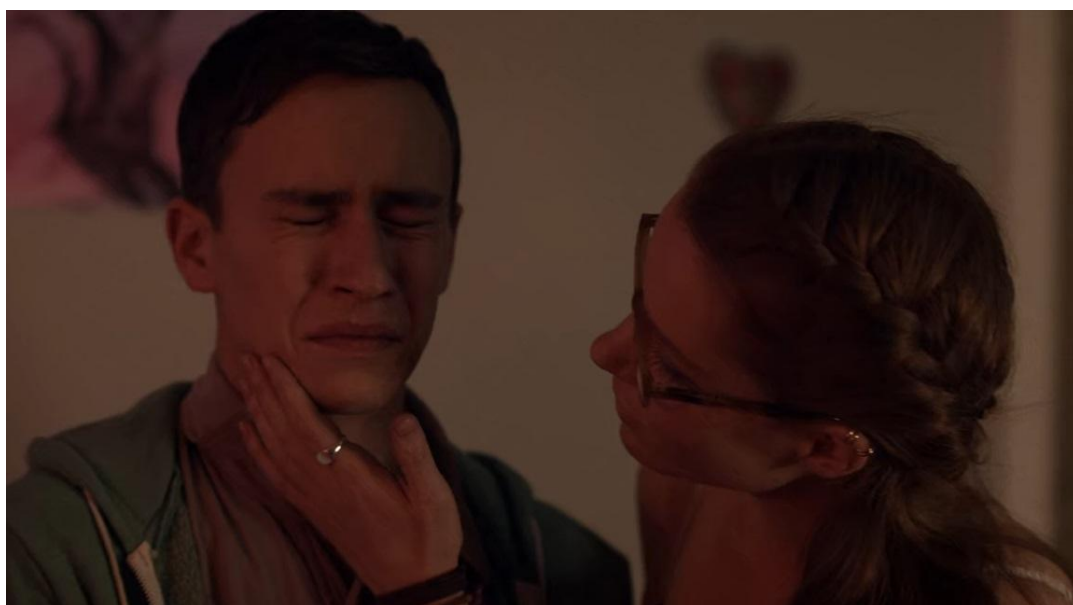
Sendo assim, o modo pelo qual Sam se comporta deixa de ser interpretado como errôneo e passa a ser visto singular, fazendo com que o estranhamento recaia sobre a sociedade que preconiza apenas um modo de ser, nesse caso, especificamente, o modo de ser dos sujeitos que preferem mentir, omitir e suavizar verdades, abraçando uma tendência de não dizer tudo o que se pensa, sente ou deseja. Portanto, em vez de questionarmos por que Sam é tão sincero, invertamos a lógica e indaguemos “por que a sociedade normaliza os sujeitos que sabem fingir, inventar e mentir em situações sociais e discrimina aqueles que falam abertamente o que pensam?”.

No momento em que a garota comenta sobre achar que seu nariz é muito grande, Sam é sincero e diz qual é sua verdadeira percepção sobre ele, concordando que também o acha grande, mas que é compensado pelo restante de seu rosto. Aqui vemos uma reação de surpresa da parte da personagem, que diz que Sam é muito honesto. O aspecto da surpresa pode ser consequência das regras implícitas que permeiam a vida social e que tendem a fazer com que os sujeitos se expressem de acordo com regras de condutas. Entretanto, tais prescrições contam com práticas discursivas e não-discursivas, por exemplo, de acordo com as instruções de Julia e Zahid, Sam vai entendendo a maneira tida como “correta” para sorrir ao flertar com alguém. Desse modo, a sociedade passa a adotar a dicotomia certo e errado a fim de naturalizar comportamentos que são embebidos de valores socialmente construídos. Com isso, os sujeitos que ousam transgredir tais códigos de condutas, dizendo, desejando ou pensando de modo diferente do esperado, sofrem sanções sociais (CANIATO, 2007).

De acordo com Paulo Roberto Ceccarelli (2014), os sujeitos são levados a detectar e compreender as regras sociais que estabelecem o modo pelo qual devemos nos comportar em algumas situações sociais, bem como entender que isso diz respeito à ideia de integração social e a sensação de se pertencer a um grupo. Contudo, a delimitação da existência de um *grupo* cria uma norma e aqueles indivíduos que não se comportam de acordo com ela são vistos como diferentes. Ao adotarmos uma ética inclusiva, temos a possibilidade de lidar com a diferença de modo positivo, pois compreende-se que há diversos modos de ser e de estar no mundo, desconstruindo a ideia de um padrão de sujeito. Sendo assim, ao considerar Sam diferente por ser sincero, interpretamos sua honestidade enquanto uma diferença que diz respeito a um outro modo de relacionar-se, abrindo novas possibilidades e desnaturalizando códigos sociais que excluem aqueles que vivem fora da norma.

Retornando à cena do encontro de Sam no estacionamento da *Techtropolis*, Sam vai até o local em que a garota mora e compartilha que nunca esteve numa república antes. Em seguida, ele começa a refletir sobre o fato de que “às vezes ser tocado me assusta. Tem que ser um toque forte, com pressão. Gosto de pressão, não de sutileza. Posso dizer isso em um primeiro encontro?” (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017). Enquanto diz isso, a garota senta-se ao seu lado e começa a aproximar-se, acariciando-o sutilmente.

FIGURA 14: Sam sendo tocado sutilmente pela garota.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

Sam persiste por alguns segundos, mas em determinado momento empurra a garota para longe de si e ela cai no chão.

Garota: Que merda é essa?

Sam: Me desculpe. Me desculpe.

Garota: Qual é o seu problema? Sério, você é retardado? Tem algo errado com seu cérebro?

Sam permanece em silêncio, refletindo sobre o que acabou de ouvir.

Garota: Caia fora do meu quarto!

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017).

Ao ouvir a reação da menina e a pergunta sobre ele ser retardado, Sam fica reflexivo. A palavra “retardado” carrega aqui uma conotação pejorativa, associando toda a crença de que pessoas que agem fora da norma são consideradas doentes mentais; ainda nesse sentido, a garota chega a perguntar se há algo de errado com o cérebro de Sam. É importante refletirmos sobre o impacto dessa cena na constituição que Sam tenta construir sobre si: ele sai de um pensamento de que não pode ter namorada (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017) para aos poucos

ir ganhando confiança na ideia de que pode encontrar alguém, pois suas diferenças não tiram dele o direito de ser amado e desejado. Portanto, vivenciar esse momento, em que alguém pressupõe que ele é retardado, mostra a violência sofrida por Sam numa sociedade capacitista e o quanto ele está vulnerável a sofrer com estigmas relacionados às diferenças humanas quando interpretadas como algo ruim e anormal.

Sam pega sua mochila e vai caminhando para sua casa. Ao se aproximar de seu destino, Casey e Evan estão sentados próximo ao carro conversando, mas ao cumprimentar seu irmão, Casey percebe que há algo de errado pela feição de Sam e pergunta o que houve. Ao não obter resposta, decide seguir o irmão em direção à casa, Evan a acompanha. Na próxima cena, os três estão sentados na sala conversando e Evan dá conselhos para Sam.

Evan: Cara, não se sinta tão mal. A primeira vez sempre é ruim. A minha foi em uma mesa de ping-pong que quebrou em dois segundos. O meu saco ficou preso na rede. A garota ficou assustada. E você, Casey? A sua também foi uma bosta?
Casey: Isso é desagradável. Não vou falar disso na frente do meu irmão. Não que haja algo para dizer.
Sam: Às vezes queria ser normal.
Evan: Bom, cara... ninguém é normal.
(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017).

A partir desta cena é possível notar que a série busca abordar o tema da sexualidade de modo amplo, não limitando-se aos desafios enfrentados por Sam, mas também contando as experiências dos demais personagens. A constituição da sexualidade, bem como seus desafios, sentimentos e dúvidas não dizem respeito apenas aos neurodiversos, mas também ao início da vida afetivo-sexual de todos. O fato de uma pessoa ser considerada neurotípica não garante a ela a passagem para uma sexualidade sem conflitos e isso é ressaltado no acolhimento que Evan fornece a Sam, desconstruindo a ideia de que haja uma primeira vez ideal e de que ela seria alcançada somente por neurotípicos, pois não há essa normatização.

4.6 Um iglu para Doug e Sam: a construção de uma relação entre pai e filho

Conforme Sam vai tentando encontrar uma namorada e tendo experiências em encontros, sentimentos e sensações vão surgindo frente às novidades. Logo após o encontro com a garota da loja, Sam vai para sua casa e Doug, ao passar em frente ao quarto do filho, nota que ele está deitado na cama chorando. Em seguida temos uma mudança de cena em que ambos estão no aquário da cidade, o lugar preferido de Sam.

Doug: A Casey me disse o que aconteceu... com a garota.
Sam: Eu queria uma máquina do tempo para voltar no tempo e nunca a chamar para sair. E também para visitar a Idade Média por causa das justas.

Doug: Eu não entendo nada de muitas coisas de que você gosta, mas, de mulheres, eu entendo. Elas são complicadas. Estou orgulhoso por você se arriscar.

Sam: É melhor eu nunca mais ir a encontros. É melhor eu ficar longe de garotas.

Doug: Sam, você precisa aprender umas coisas. E vai. Você é um cara legal. Você é sensível, é engraçado e a mulher que ficar com você terá sorte. Case-se com sua melhor amiga.

Sam: Edison?

Doug: Não, sua tartaruga não.

Sam: Você disse “melhor amiga”. Ela é minha melhor amiga.

Doug: Eu só... Você precisa estar com alguém que goste de você como você é, que ame todas as suas esquisitices, que o entenda.

Sam: Os pinguins ficam juntos para sempre.

Doug: É mesmo? Bom para eles.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017).

A conversa entre Doug e Sam nos mostra grandes avanços na relação entre pai e filho, pois no momento em que Doug sinaliza que ele não entende muitas coisas de que Sam gosta, como pinguins ou a menção sobre a Idade Média, logo surge algo em comum entre eles: experiências com mulheres. Quando Doug sinaliza que as mulheres são complicadas, podemos ampliar a observação para a ideia de que as relações sociais em si, tanto com homens quanto com mulheres, são complicadas. Além disso, a percepção do pai retira a ideia de que o problema está em Sam, dizendo que ainda há muito a aprender, fazendo-nos pensar sobre a importância de termos experiências, que nos trazem, conseqüentemente, aprendizados. E não seria diferente com Sam.

Por um lado, temos um pai que acredita na capacidade de Sam de aprender a relacionar-se com outras pessoas; por outro, encontramos uma mãe insegura que não acredita na possibilidade de o filho tornar-se independente, pois acredita que as dificuldades estão em Sam e não na sociedade, não havendo possibilidade de mudá-las. Contudo, para além das questões relacionadas ao autismo, a cena nos possibilita refletir sobre a maneira pela qual a organização familiar é trabalhada na série, reproduzindo uma dinâmica dominante na sociedade, em que a esfera do cuidado fica sob a responsabilidade das mulheres. Portanto, vemos como desde o nascimento de seu filho, Elsa teve de responsabilizar-se pelo seu cuidado e como isso tornou-se ainda mais difícil ao vivenciar uma separação do marido, tendo Casey e Sam sob sua tutela.

Logo, ao presenciarmos a aproximação de Doug e Sam, vemos como ela pode ocorrer de modo mais fluído, pois o fato de Doug não ter sido tão presente na infância de seu filho deu a ele a possibilidade de não compreender as responsabilidades do mesmo modo que Elsa. Sendo assim, a construção da relação de pai e filho se dá sem uma tensão ocasionada pela demanda de cuidado, sob a qual Elsa, em contrapartida, teve de constituir-se enquanto mãe. Além disso, pode ser que haja dois processos distintos nesse momento: a insegurança de Elsa ao ver Sam conquistando sua independência e o receio de ver um pai que fora ausente se aproximando de

seu filho, podendo não estar tão atento aos cuidados que Sam pode demandar, bem como às suas limitações. Nesse caso, podemos encarar a superproteção de Elsa não apenas como a experiência de ser mãe de uma criança autista, mas também como a história de uma maternidade solo logo após receber o diagnóstico de TEA de Sam e após o recém nascimento de Casey.

Ao identificar-se com o filho, Doug ressalta que as coisas se tornam mais fáceis conforme vamos vivenciando-as, pois não existe uma sexualidade pré-estabelecida que segue uma suposta ordem natural, mas sim uma constante construção de si perante as experiências. Assim como vemos Doug tentando conversar com Sam sobre as novidades de sua vida, também encontramos Elsa tentando aproximar-se do filho. Após saírem juntos durante uma tarde, Sam e Elsa estão no carro a caminho de casa:

Elsa: Então... garotas?

Sam: Onde?

Elsa: Não, eu quis dizer... Você quer mesmo isso? Digo, você quer namorar? Não tem medo de se machucar?

Sam: Não, a menos que eu namore com um tubarão branco. Eu entendi o que você disse. É sobre meus sentimentos, não é?

Elsa: Isso.

Sam: Falar com garotas me deixa um pouco nervoso, mas a Julia diz que é bom fazer o que nos assusta.

Elsa: Às vezes. O medo existe por uma razão biológica. Autopreservação, sabe? Se eu estiver em um beco escuro e começar a sentir medo, é meu corpo tentando me proteger de bandidos com facas.

Sam: Mãe, estou ficando mais velho e, em algum momento, eu queria muito... conseguir ver peitos.

Elsa fica sem reação.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 3, 2017 *apud* CRUZ; ALTMANN, 2021a, p. 78-79).

Perante essa tentativa de diálogo, podemos perceber importantes diferenças entre a abordagem que Doug e Elsa tem com as falas de Sam. Na cena anterior, mesmo que Sam fale coisas que Doug não compreenda, este tenta encontrar um modo de se conectar com o filho, não demonstrando estranhamento ou tentando censurá-lo. Em contrapartida, Elsa deixa transparecer a insegurança que sente com a decisão de Sam querer namorar, falando sobre o quanto isso pode desencadear situações dolorosas, questionando-o se ele não tem medo de se machucar. É interessante notar que logo após Elsa perguntar se ele não tem medo de se machucar, Sam entende de modo literal, mas compreendendo o que a mãe está querendo dizer, responde à pergunta.

FIGURA 15: Elsa e Sam conversando no carro.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

O personagem salienta que possui sentimentos negativos sobre a ideia de falar com garotas, mas ele não os vivencia de modo que o imobilize e o faça desistir de encontrar alguém para namorar. Tanto Julia quanto Doug, assim como Zahid e Casey, estão apoiando Sam nessa busca, motivando-o. Além disso, podemos notar que a maneira pela qual Elsa lida com seus sentimentos também se reflete na sua percepção de como os outros poderão lidar com as situações. Por exemplo, Julia e Doug não escondem o fato de que Sam pode sim ter dificuldades, mas ressaltam que isso faz parte das relações humanas. Entretanto, vemos que Elsa tende a afastar-se de situações desconfortáveis, assim como fez quando Sam falou sobre desejar ver peitos: ela, ao ficar sem reação, não continuou a conversa com o filho.

Após ter tido uma semana agitada, Sam retorna à terapia e compartilha com Julia os últimos acontecimentos:

Julia: Como você se sente agora? Vai desistir de namorar?

Sam: Não sei. Meu pai me disse para eu encontrar alguém que goste de mim pelo que eu sou, e eu sou esquisito. Conversamos muito.

Julia: É bom ouvir isso. E isso faz sentido. É fácil conversar com você.

Sam: Sim. Conversar com você também é, o que é bom, porque, senão, você iria à falência.
(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017).

Os avanços que Sam tem tanto em relação a si mesmo como a seu pai tornam-se perceptíveis até para Julia. Como exemplo disso, durante uma ida à cafeteria, Doug acaba encontrando Julia sem querer e, após vê-la, cumprimenta-a brevemente, continuando seu caminho, mas Julia chama-o:

Julia: Ei, Doug? Eu só queria que você soubesse, e não acho que estou quebrando alguma regra. Você tem ajudado muito o Sam com a questão do namoro. Então... Não sei, apenas continue fazendo o que estava fazendo.
(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 4, 2017).

Na última sessão de terapia de Sam, relembremos que Julia pontuou como era legal conversar com ele. A partir disso, Sam associará os conselhos que o pai havia dado sobre encontrar alguém que goste dele à Julia. Sam começa, então, a alimentar a ideia de que Julia seria sua companheira ideal, o que faz com que ele comece a fazer perguntas sobre a vida dela durante as sessões, até descobrir que Julia namora com Miles. Logo que recebe a novidade, vemos Sam em sua casa pensando que “antigamente, se eu ficasse chateado ou estressado, eu batia minha cabeça ou gritava. Agora tento usar comportamentos substitutos” (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 2, 2017). Então, ele puxa sua cama para o centro do quarto e começa a andar em círculos com o intuito de se acalmar. Ao passar em frente ao quarto de seu filho, Doug percebe que há algo incomodando-o e se aproxima perguntando a ele se deseja conversar. Sam compartilha que está gostando de uma garota.

Sam: Eu gosto de uma menina.
Doug: Sério? Que bom. Como ela é?
Sam: Ela é inteligente e bonita. E tem um namorado chamado Miles. O idiota do Miles!
Doug: Que droga. Mas não é o fim do mundo. Sua mãe tinha um quando a conheci.
Sam: Ela tinha?
Doug: Um tal de Gerald Redenbach. Ele tinha um Jeep e um Golden Retriever que usava uma bandana. Ela o achava tão legal.
Sam: E você roubou a mamãe dele?
Doug: Algo assim.
Sam: Como?
Doug: Apenas... Fiquei por perto jogando o meu charme para cima dela.
Sam: E funcionou?
Doug: Quem não arrisca, não petisca.
Sam: Não gosto de petiscar.
Doug: Esqueça o petisco. Meu ponto é que você é jovem, Sam. Os relacionamentos vêm e vão. Ela pode ter um namorado esta semana, mas, na outra, quem sabe? Entendeu?
Sam: Sim. Eu preciso ficar à disposição caso o Miles vá embora ou morra.
Doug: Ou eles terminem amigavelmente.
Sam: Certo. Vou fazer isso.
Doug: Faça. Acho que isso foi bacana.
Sam: Eu também.
(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 2, 2017).

O contínuo apoio de Doug faz com que Sam queira persistir até encontrar uma namorada. A partir disso suas pesquisas se intensificam e Sam começa a estudar não apenas como conquistar garotas, mas principalmente como *roubá-las* quando há uma terceira pessoa. Sentado na escada da escola, o personagem começa a observar o comportamento de Bailey e o fato de que, num curto período, a aluna havia ficado com dois garotos. Sendo assim, Sam pergunta a Arlo sobre como ele conseguiu conquistar Bailey se havia um outro rapaz com quem ela estava ficando, mas a conversa foge do controle quando os amigos de Bailey e Arlo começam a tirar sarro de Sam, até que ele retorna para sua casa e isola-se no quarto.

Elsa percebe que há algo acontecendo e chama Sam, mas ele não atende. Doug aproxima-se da esposa e ao perceber que o pai está próximo, Sam pede para conversar com ele. O pedido de Sam causa estranhamento no casal, pois comumente Elsa tinha o hábito de socorrer o filho, mas podemos levar em conta que nos últimos tempos Elsa tem barrado o desejo de Sam namorar. Isso, então, poderia fazer com que Sam prefira conversar com alguém que o motive e entenda-o. Após o pedido de Sam, Doug olha para Elsa e comenta que nos últimos dias tem se dado bem com Sam. A seguir temos o diálogo entre pai e filho:

Doug: Aconteceu algo na escola?

Sam: Sim

Doug: Quer falar sobre?

Sam: Sim.

Doug: Ok. Agora?

Sam: Ouvi o que você disse e fiz um plano para roubar uma mulher.

Doug: Não foi bem isso o que eu disse.

Sam: Estava só fazendo anotações, e esses caras ficaram rindo de mim, perguntando coisas, e eu não sabia qual era a graça. Começaram a rir mais alto ainda, e a Bailey Bennett... Eu sou normal! Eu sou!

Doug: Eu sei que sim. Alguns jovens são babacas, Sam. É assim que as coisas são.

Sam: Mas até os babacas conseguem namoradas. É fácil para todos, menos para mim.

Doug: Não é. Acredite, é difícil para todos.

Sam: Não para você. Você roubou a mamãe do cara do Jeep.

Doug: Acho que fiz parecer fácil demais para você. Depois da sua mãe dar o fora naquele otário, ela me rejeitou umas dez vezes. É assim que funciona. A questão é que você nunca deve desistir.

Sam: Então acha que consigo fazer uma garota gostar de mim?

Doug: Claro que sim.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 2, 2017).

Já de início notamos a tendência de Sam compreender as falas de modo literal, mostrando-nos o quanto isso pode dificultar a leitura que ele tem de seu meio. Entretanto, Doug permanece paciente e, num outro dia, tenta explicar novamente o que tentou dizer ao filho. Então Sam relata que alguns alunos começaram a rir da cara dele, mostrando para os espectadores o impacto da fala de Bailey sobre Sam não ser normal, contra a qual o personagem reafirma que é normal. O acolhimento de Doug nos mostra como os jovens tendem a ser mais

rigorosos entre si, por exemplo, podemos lembrar o ocorrido com Beth e o episódio de gordofobia. Portanto, os alunos e as alunas que não correspondem à norma estabelecida nos códigos sociais são vistos como estranhos, como anormais. Além disso, Doug ressalta que conseguir uma namorada não é algo fácil como Sam pensa, salientando que é comum as pessoas sentirem dificuldades ao relacionar-se, sendo neurodiversos ou não.

A fala final de Doug sobre acreditar que Sam poderá fazer uma garota gostar dele mantém o personagem em sua empreitada. Depois disso, temos o dia em que Sam pede ao pai para que ele o leve até a casa de uma garota, para entregar uma caixa de chocolate com morangos. Doug leva o filho, mas chegando lá percebe que a garota de quem Sam diz estar gostando é Julia. Sendo assim, o pai diz para eles irem embora e temos a cena em que Doug e Sam chegam em sua casa, sentam-se na varanda e conversam sobre o ocorrido:

Doug: Veja... eu acho que você deveria esquecer esse lance com a Julia.
 Sam: Por quê?
 Doug: Ela é bem mais velha que você. Além disso, se disser a ela o que sente, haverá conflito de interesse e ela não será mais sua terapeuta. Entendeu?
 Sam: Mas preciso dela como terapeuta.
 Doug: Ótimo. Então comece a namorar garotas da sua idade.
 Sam: Como uma namorada de treino, antes da Julia?
 Doug: Eu não chamaria disso.
 Sam: Ao explorar a Antártida pela primeira vez, Roald Amundsen começou explorando terrenos mais fáceis. É o lógico a se fazer. Quando tiver experiência o suficiente com outras garotas, vou namorar a Julia e ela não será mais minha terapeuta.
 Doug: Ou... poderá encontrar uma garota da sua idade. Será o ideal para você. São essas as que gostarão de você.
 Sam: Conselho excelente. Obrigado.
 Doug: Quando quiser.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 2, 2017).

FIGURA 16: Doug e Sam conversando sentados na varanda.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

Após alguns segundos de silêncio entre pai e filho, Sam pergunta a Doug se ele contará a Elsa sobre o ocorrido com Julia. Doug pergunta se Sam deseja que ele conte, Sam diz que não e Doug diz que então será algo que ficará entre eles. Nesse momento podemos ver as consequências do comportamento superprotetor de Elsa, que faz com que Sam se afaste dela, procurando por pessoas que o apoiem, como Doug. Sendo assim, a escuta acolhedora e o apoio do pai fornecem a construção de uma relação com o filho, algo que Doug sempre desejou muito, mas não sabia como conseguir diante das dificuldades sociais de Sam.

4.7 O jantar *entre e com* as diferenças

Durante toda sua expedição, Sam atentou-se às práticas e aos códigos sociais que permeiam as relações a fim de garantir o sucesso na busca por uma namorada. Conforme as experiências foram acontecendo e Sam foi contando com o apoio de seu pai, o personagem começa a perceber que talvez toda sua pesquisa não fosse se dar, na prática, de modo tão literal, como se simplesmente o seguimento de algumas pistas levassem ao encontro ideal. Num dia qualquer, Sam está chegando à escola e é abordado:

Paige: Oi! Gostei da sua camiseta.
 Sam: Isso é sarcasmo?
 Paige: Não!
 Sam: Então obrigado.
 Paige: Espe...
 Mas Sam sai andando...
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 3, 2017).

A princípio, Sam não compreende as intenções de Paige e, inclusive, pensa que o elogio para a sua roupa pudesse ser sarcasmo. Entretanto, há algo de implícito que começa a se dar no aparecimento de Paige: seu interesse por Sam. Ocorre, então, o momento em que Sam está sentado no corredor da escola e Paige aproxima-se:

Paige: Oi, Sam! Eu ia perguntar se...
 Sam: Não consigo ouvir. Estes fones cancelam ruídos.
 Paige se abaixa para falar com Sam.
 Paige: Tudo bem. Certo. Eu ia perguntar se você queria...
 Sam: Pode gritar o quanto quiser, mas não ouço. São de alta qualidade.
 Então Paige cutuca Sam e pede para ele retirar os fones por um minuto. Sam retira,
 Paige: Oi! Então, vi que teremos uma prova de biologia e, não sei, mas eu pensei que nós talvez poderíamos estudar juntos.
 Sam: Por que eu faria isso? Eu tiro 10 em biologia, você só tira 9. Isso não me beneficiaria.
 Sam coloca os fones novamente.
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 4, 2017).

A persistência de Paige em tentar conversar com Sam demonstra seu interesse, contudo, para Sam isso não fica perceptível. Podemos encontrar outro aspecto importante nesse curto diálogo: ainda que Sam tenha sido literal e um pouco rude com Paige ao não aceitar seu convite, ela persiste, não interpretando o comportamento do colega como uma conduta ruim. Posteriormente, Sam irá para a terapia.

Julia: Então, como você está? Na última vez que veio, falamos sobre garotas. Como vão as paqueras?

Sam: Ruins. Ruins. Ruins. A maioria das garotas me ignora, mesmo quando uso jaqueta de couro. Exceto a Paige.

Julia: Quem é Paige?

Sam: Uma garota chata que sempre me perturba quando uso fones e que quer estudar comigo apesar de tirarmos notas boas.

Julia: Ela parece gostar de você.

Sam: Oh... Acho que eu deveria namorá-la, então.

Julia: Você disse que ela era chata.

Sam: Isso importa?

Julia: Sim. Você precisa saber se gosta dela.

Sam: Como?

Julia: Talvez conhecendo-a melhor e pesando os prós e contras.

Sam: Foi isso que eu fiz quando fui comprar uma tartaruga. Havia uma com pés maiores, mas a Edison era mais jovem e seu casco tinha um padrão complexo. Mas nunca encontrarei uma namorada tão legal quanto o Edison.

Julia: Nunca se sabe.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 4, 2017).

Diante da última conversa de Julia e Sam, temos a possibilidade de refletir sobre inúmeras questões. A primeira consiste no contínuo apoio que Julia oferece a Sam em sua busca por um namoro. Entretanto, mesmo dedicando-se e até mesmo realizando mudanças em sua apresentação, Sam sente-se ignorado pelas garotas, mas suas descrições sobre sua rotina são tão claras que o personagem acaba deixando escapar o “exceto a Paige”. A partir desta brecha, Julia tenta obter mais informações sobre a aluna e conforme isso acontece, Julia passa a ressaltar para Sam um sinal que talvez tenha passado despercebido: Paige demonstra interesse por Sam.

Contudo, salientamos a reação de Sam: ele pressupõe que por Paige gostar dele automaticamente teria encontrado uma namorada. Julia, a partir disso, ressalta que para que um namoro tenha início, ambos devem gostar um do outro, mas Sam esclarece que não sabe como saber quando alguém gosta dele. Aliás, essa dificuldade não pertence somente aos autistas, mas novamente às relações humanas. Ocorre então o primeiro encontro de Sam e Paige após essa sessão de terapia, com Sam tentando descobrir se também gosta dela ao seguir a dica de Julia: listando os prós e contras de Paige.

A cena muda. Sam está em um local na escola, estudando ao lado de Paige e a partir disso podemos pressupor que o convite que antes fora feito a Sam, mas que ele havia recusado, foi repensado. Ao lado de Paige, o personagem começa a lembrar a sessão de terapia do dia

anterior em que “a Julia disse que não se deve entrar em um relacionamento de supetão. Pesquisei ‘supetão’ no dicionário, e significa ‘precipitadamente’. Então eu decidi examinar cuidadosamente os prós e contras da Paige” (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 4, 2017).

Paige: Que bom que mudou de ideia sobre estudarmos juntos. Porque é muito difícil encontrar parceiros acadêmicos motivados hoje em dia.

Sam: Não converso quando estudo.

Paige: Ok. Estudemos em silêncio.

Após um tempo em silêncio,

Paige: Sabe o que gosto de fazer ao estudar e que me ajuda a memorizar? Gosto de fazer rimas.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 4, 2017).

E Paige começa a cantar. Após ter parado, Sam fica observando-a por um tempo e em seguida retira um caderno de sua mochila. Ao abri-lo, começa a fazer anotações em sua lista de prós e contras sobre Paige.

Paige: Está escrevendo coisas sobre mim?

Sam: Sim.

Paige: Eu posso ver?

Sam: Não.

Paige fica sem reação.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 4, 2017).

FIGURA 17: Paige e Sam estudando juntos.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

A naturalidade com que Sam responde às perguntas de Paige sobre estar realizando anotações sobre ela deixa-a surpresa e inquieta, fazendo com que nas próximas cenas isso continue em sua mente. Estando já na *Techtropolis*, Zahid começa a ler a lista que Sam vem construindo sobre a garota da escola:

Zahid: Cabelo igual ao da raposa do ártico. Não usa aparelho. Já apareceu no jornal local. Pronúncia “inecзорável”. Que merda é essa?
 Sam: Estou fazendo uma lista para descobrir se gosto de Paige.
 Zahid: Faltou uma coisa.
 Zahid rasga a folha e joga-a no chão.
 Sam: Ei! Por que fez isso?
 Zahid: Só uma lista é necessária: ela é uma garota e quer seu pinto.
 Sam: Não é uma lista. A Julia disse que preciso descobrir se gosto de Paige, se eu quiser torná-la minha namorada de treino. E é isso que estou fazendo.
 Zahid: Certo. Você a conhece bem?
 Sam: Estudamos na mesma escola.
 Zahid: Esse é o seu problema. Você está em um ambiente controlado e estéril. Tem que levá-la para o mundo, vê-la reagindo ao inesperado e às pedras no sapato.
 Sam: Colocar pedras no sapato dela?
 Zahid: Não. Cara, fala sério. Sorte sua que estou aqui.
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 4, 2017).

Desde o primeiro capítulo vemos a importância da amizade entre Zahid e Sam. Além de Julia e de seu pai, Zahid é o maior confidente de Sam. Estando ao lado dele no dia a dia, ajuda-o a observar o mundo a seu redor, trazendo à tona detalhes que para Sam a princípio estão encobertos. Além disso, as próprias experiências que Zahid tem durante o trabalho, em que flerta com garotas que surgem na loja, acabam tornando-se um aprendizado para Sam, de um jeito que faz com que ele admire Zahid por sua experiência com mulheres.

Além do interesse em comum, a amizade de Zahid pode ser um exemplo de relação em que as diferenças são abraçadas positivamente. Sam e Zahid não são completamente compatíveis, possuem gostos e visões de mundos diferentes. Entretanto, enquanto neurotípico, Zahid não resume seu amigo ao autismo, pelo contrário, ele lida com Sam e leva suas diferenças em consideração sem a necessidade de um estigma. Zahid, portanto, lida com as singularidades e características de Sam, independentemente do autismo, aproximando-se da compreensão de que:

A diferença de todos nós, seres singulares, que não se repetem que nos constituímos em um devir, em um vir a ser, cuja diferenciação se prolifera, se multiplica, é ilimitada. A concepção de simulacro, segundo Deleuze, questiona a relação e, sobretudo, a hierarquia entre modelo e cópia, revelando a impossibilidade de reprodução de qualquer original. Se não há um modelo para se copiar, abrem-se outras possibilidades de existir de modo singular, livre (MANTOAN, 2017a, p. 39).

Quando Zahid fala sobre Sam estar num ambiente controlado, ele motiva o amigo a reencontrar Paige fora da escola. Ciente de que a mãe realizará um jantar especial durante a noite, Sam vai à procura de Paige:

Sam: Paige? Quer fazer algo fora da escola?
 Paige: É sério? Claro!
 Sam: Certo. Aqui está o meu endereço. Não posso dirigir, porque meu instinto é fechar os olhos, mas vá de ônibus até a Churchill. É perto. Ou vá de Uber, se for maior de 18. É política deles, li hoje.
 Paige: Ok.
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 4).

O jantar na casa da família Gardner conta com muitas presenças: Casey chega com Evan, em seguida, Sam chega com Paige e Zahid para o jantar e Elsa fica surpresa pois havia preparado algo apenas para sua família.

Elsa: Sam e... amigos! Quanta gente!

Casey: Isso é ótimo.

Sam: Zahid é meu amigo. Paige é só alguém da escola.

Doug vai até a cozinha falar com Elsa.

Doug: Que chato. Fizemos comida o suficiente?

Elsa: Você é um amor. Sim, “nós” fizemos.

Doug: Sei que queria um jantar íntimo em família, mas é bom o Sam ter dois amigos.

Elsa: Dois amigos.

Doug: A Julia disse para comemorar toda vitória.

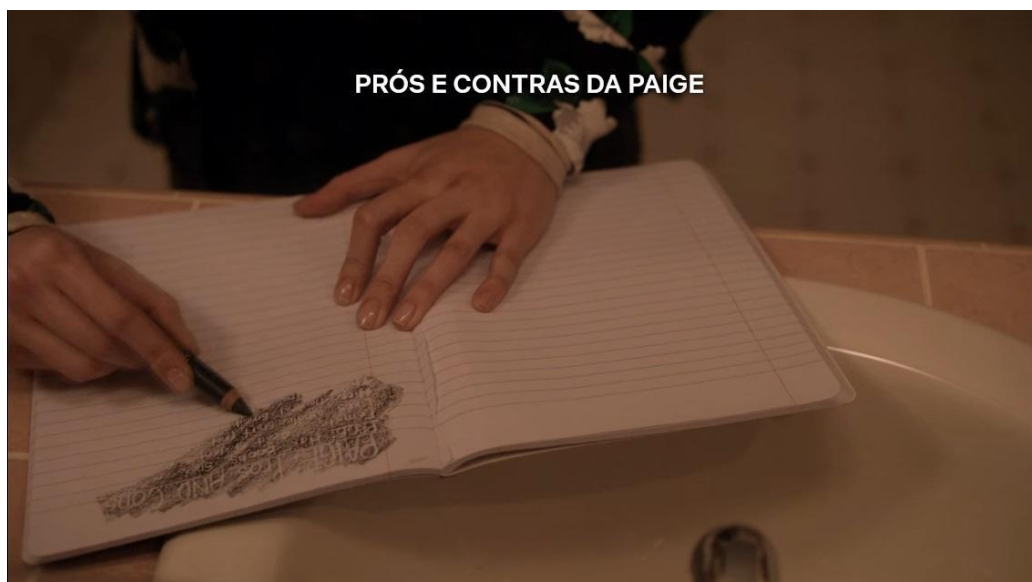
Elsa: Falou com a Julia?

Doug: Não, mas Sam sempre diz que ela diz isso.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 4, 2017).

Enquanto esperam o jantar ficar pronto, Zahid, Sam e Paige estão sentados na sala. Ao perceber que a mochila de Sam está aberta, Paige espera um momento em que todos estão distraídos e pega escondido o caderno em que Sam realizou anotações sobre ela. Em seguida, Paige pergunta para Casey onde fica o banheiro. Ao abrir o caderno no banheiro, Paige folheia os desenhos de Sam, mas não encontra a folha em que ele realizou as anotações, já que no dia anterior Zahid rasgou a folha, dizendo a Sam que ela não seria necessária. Entretanto, Paige observa que na página seguinte é possível encontrar resquícios de marcações devido ao traço forte de Sam. Paige, então, pega um lápis de olho que encontra no armário do banheiro e tenta realizar a leitura da lista de Sam. E consegue.

FIGURA 18: Paige decalcando a lista criada por Sam.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

Após ler toda a lista, Paige retira a folha e retorna para jantar:

Paige: Perdão interromper, pessoal. Pelo visto, faço isso bastante. Podem até dizer que é uma das minhas piores qualidades...

Casey: Então, o técnico me chamou na sala dele...

Paige: Sra. Gardner, queria que me passasse o chá gelado, mas eu não quero parecer mandona, sabe?

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 4, 2017).

Ao observar o comportamento de Paige após retornar do banheiro, Zahid observa que há algo de diferente e em seguida cochicha com Sam:

Zahid: Moreninho para Pinguim, a hiena tem o papel. Ela sabe.

Elsa: Paige, você está bem?

Paige: Para ser sincera, não está. Eu li a lista de prós e contras que você fez.

Doug: Ele não faria isso. Faria?

Sam: Eu faria. E fiz.

Casey: Criticou a única menina que já gostou de você? Essa é para rir!

Zahid: Ele disse que seus sapatos são limpos.

Paige: Vejo que você também leu. Para quantos você mostrou, Sam?

Zahid: Opa, piorei.

Elsa: Por que você fez uma lista sobre a Paige?

Sam: Para decidir se a quero como namorada ou não.

Elsa: Namorada?

Paige: Bom, é melhor eu ir. O jantar estava adorável, Sr. e Sra. Gardner. Então... obrigada.

Sam: Ela está brava?

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 4, 2017).

Nota-se que dentre todos os presentes na mesa, apenas Zahid e Sam sabiam da lista. Por conta disso, Doug se espanta ao imaginar que seu filho seria capaz de fazer uma lista de prós e contras sobre uma pessoa, mas logo Sam confirma com naturalidade que havia feito uma lista. A reação de Casey é interessante, pois podemos observar que seu pensamento é de que poucas pessoas poderiam demonstrar interesse em Sam e de que a partir do momento em que ele encontra essa pessoa, ele não poderia realizar críticas. Um importante ponto para refletirmos sobre os princípios de uma relação afetiva, bem como para notarmos a pressuposição de que Sam, por ser autista, tivesse necessariamente de ficar com a pessoa que demonstrou interesse nele, independentemente de ele gostar dessa pessoa ou não.

Com o intuito de amenizar a situação, Zahid sinaliza que a lista não tem só contras, mas também prós. Porém, ao perceber que outra pessoa além de Sam havia lido, Paige fica ainda mais irritada. Ao ser questionado por sua mãe acerca do motivo da lista, Sam explicita claramente a razão. Antes disso, entretanto, Elsa novamente demonstra espanto ao ver Sam falando sobre namoro.

FIGURA 19: Sam perguntando se Paige estaria brava.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

Perante a confusão, Paige decide ir embora. Contudo, temos uma cena importante do personagem: Sam nota que Paige está brava. Pontuamos esse feito para que possamos reconhecer o desenvolvimento de Sam conforme ele vai permitindo-se ter novas experiências e aprender com elas, conseguindo ter uma leitura mais perspicaz sobre as pessoas e suas relações. Logo após perguntar se Paige estaria brava, todos respondem que sim, Sam levanta-se da mesa e vai até Paige.

5 “NINGUÉM É NORMAL!”: O DIREITO À DIFERENÇA

5.1. O *masking* como performance da normalidade e relação como construção

É notório o quanto o personagem vai crescendo conforme vivencia suas experiências: se Sam tivesse acreditado que não tinha capacidade de encontrar alguém, começar a namorar e experimentar todas as demais vivências que um relacionamento carrega, ele não teria se permitido aprender com todo o processo. Antes disso poderia ser mais difícil para Sam ler e compreender as emoções de seus pares, mas com sua perspicácia e sede de entender, ele vai se aproximando e se conectando a eles. Como exemplo disso, ao perceber que Paige está brava, Sam vai ao seu encontro:

Sam: Você está brava.

Paige: Por que escreveu aquelas coisas ruins?

Sam: Também escrevi coisas boas.

Paige: Ah, claro. Antes de ler sua lista, não sabia do meu cheiro agradável e neutro. Mas, quer saber? Eu nem me importo. Sam, se você está tentando decidir se gosta de mim ou sei lá. Também estou me decidindo sobre você. Mas você não deveria escrever essas coisas.

Sam: Por que não?

Paige: Não sei. É uma regra.

Sam: Agora que sei que é uma regra, não farei de novo. E como leu minha lista se ela está no meu bolso?

Paige: Eu decalquei.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 4, 2017)

Aqui presenciamos um diálogo fluido, em que Sam compartilha sua perspectiva e suas razões para ter feito a lista. Por outro lado, Paige também expressa o modo como está se sentindo, sem esconder ou realizar “jogos sociais”, que costumam ter mensagens subliminares ou leituras mais indiretas que confundem Sam. Um ponto em comum entre os dois adolescentes é que ambos estão descobrindo o que sentem um pelo outro, num movimento que ocorre conforme vão se relacionando. Afinal, Paige possivelmente possui motivos que a aproximam de alguém, despertando um sentimento amoroso, mas diferentemente de Sam, não os formula como uma lista. Ver esse processo ocorrendo de modo tão cru e explícito a surpreendeu, deixou-a chateada. Portanto, podemos pensar em dois modos distintos de se expressar e que não coloca necessariamente alguém em posição de errado ou certo, num processo que apenas demonstra as diferenças.

Durante a conversa, Paige entrega a cópia que fez da lista para Sam. Após observar a folha, ele pega a original em seu bolso e faz uma anotação.

Paige: O quê? Você está falando sério?

Sam: Criatividade. É um pró importante. Você tem mais prós do que contras.

Paige responde ironicamente: Uau.

Sam: Paige, eu sei que chateeí você, mas quer ser minha namorada?

Paige: Meu Deus. Sim.

Sam retorna para a sala de jantar.

Sam: Eu tenho uma namorada.

Zahid: Ela é meio nervosinha, mas gosto dela.

Paige: Voltei.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 4, 2017)

No momento em que Sam retorna ao jantar e conta a novidade aos que estão presentes, percebemos que o único a comentar algo sobre o acontecimento é seu amigo Zahid. Os demais, sentados à mesa, apenas trocam olhares e permanecem boquiabertos até a cena finalizar-se. A partir do início do namoro de Sam, é possível perceber uma mudança de dinâmica na trama da série, em que o foco não é mais a busca de um namoro, mas sim a maneira pela qual irá ocorrer a constituição do relacionamento de Sam e Paige. Ainda em período de adaptação com a novidade, temos a cena em que Elsa está na cozinha e vê seu filho chegando em casa com a namorada.

Elsa: Ei, vocês dois! Paige, não esperava ver você hoje.

Sam: Ela me esperou no ponto e me fez levar a garrafa dela, que é de níquel e bem fria. Ela falou o tempo todo. Só parou de falar agora.

Paige: Verdade.

Elsa: Vocês ficam muito tempo juntos.

Paige: Os casais fazem isso.

Elsa: Casais. Os casais fazem isso. Soa bem oficial.

Paige: Na verdade, eu trouxe um lanche. Mas é denso e borrachudo, talvez não consiga comer tudo. Quer dividir?

Sam: Como as raposas-do-ártico dividindo a comida na toca.

Paige: Cartão.

Sam entrega um cartão para Paige.

Paige: Obrigada.

Elsa encara os dois.

Paige: Criei um método para ele não irritar ninguém falando da Antártida. Eu dou três cartões a ele todos os dias pela manhã e, quando ele fala da Antártida, pego um. Se ficar sem cartões, não pode mais falar. Não é, Sam? Decorei com tinta relevo.

Elsa: Sam, concorda com isso?

Sam: Acho bobagem, mas os outros parecem gostar, principalmente a Paige.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 5, 2017)

Há dois pontos a serem notados nesse trecho. O primeiro deles é a interpretação de Elsa sobre a palavra “casal” fazer soar oficial o relacionamento dos dois. Nesse momento presenciamos uma das poucas vezes em que Elsa se expressa em relação ao namoro de seu filho. Especificamente acerca deste diálogo, podemos notar que há uma desconfiança de Elsa a respeito da seriedade do relacionamento, que antes não era visto por ela como algo oficial. O segundo ponto é referente ao acordo realizado entre Sam e Paige: em cada momento em que o personagem falasse sobre pinguins, ele teria de entregar um cartão a sua namorada, tendo o limite máximo de três cartões diários. Há, então, repressão por parte de Paige frente ao assunto

predileto do namorado, partindo da premissa de que a constante conversa sobre o assunto ocasiona uma irritação.

A ampliação de debates acerca do diagnóstico do autismo vem sinalizando que há fatores socioculturais que podem afetar a taxa de diagnósticos em garotas, como, por exemplo, a expectativa de condutas sociais referente ao gênero de cada sujeito (COOK *et al.*, 2018). Em outras palavras, a modelagem do comportamento de meninas para que ajam de modo passivo, delicado e quieto pode afetar a percepção que os demais têm sobre elas, pois, ainda que existam estudos que falem acerca das condições biológicas e genéticas para o autismo, os critérios diagnósticos muitas vezes se limitam a questões comportamentais, ou seja, visuais (COOK *et al.*, 2018).

Sendo as interações sociais um dos pontos nodais nos diferentes modos de se relacionar, tanto entre sujeitos neurotípicos como em neurodiversos, estudos pontuam uma tendência de pessoas autistas “mascararem” seus comportamentos, devido sua não adequação a regras sociais (COOK *et al.*, 2018; MILLER *et al.*, 2021). Diante disso, podemos compreender por *masking* o ocultamento de características particulares, de modo consciente ou não, a fim de facilitar inserção e interação social (MILLER *et al.*, 2021). A motivação do uso do *masking* não é unânime, diversificando entre seus motivos principais os conflitos relacionais, como, por exemplo, o bullying, o isolamento e a exclusão.

Não somente na cena de Paige e Sam, mas em diversos momentos o personagem é levado a mascarar seus “traços autísticos” a fim de ser inserido na sociedade, como exemplo disso podemos citar as orientações que recebeu sobre como flertar com uma garota, a mudança em seu estilo, as descrições realizadas em redes sociais que tinham como intuito colocá-lo o mais próximo possível da “normalidade”. A ideia que Paige tem sobre os cartões é um exemplo que se aproxima da observação de Amy Pearson e Kieran Rose (2021), de que uma das situações do mascaramento social pode ser exatamente a repressão de assuntos preferidos de pessoas autistas, visto que há uma tendência a gostarem muito de um tema e o abordarem sempre. Muitas vezes, entretanto, acabam sendo censurados pois essa fixação é vista como algo incontrolável e, portanto, anormal.

A utilização do *masking* pela comunidade neurodiversa nos traz dados importantes e que vão ao encontro dos pensamentos de Judith Butler (2016) em suas produções acerca da *performance*, em que traz o exemplo de *drag queens* que performam o gênero, de modo paródico ou não. Dessarte, podemos pensar que Sam de certo modo está performando uma suposta normalidade, denunciando seu caráter instável. Para a autora, o gênero ocorre por meio da repetição estilizada dos atos, então, desse modo, lembraremos como Sam performou a

normalidade em seu primeiro encontro: na criação do perfil na rede social, aproximando-se de discursos hegemônicos que diziam o que é um adolescente normal. Logo, o *masking* se apresenta aqui de modo semelhante à *performance* trabalhada por Butler (BUTLER, 2016; FIGUEIREDO, 2018; MILLER *et al.*, 2021).

No mesmo episódio, temos a cena em que Paige e Sam sobem para o quarto. Ao entrar, Paige começa a observar todo o ambiente. Após alguns minutos diz: “Sinceramente, não me assusta esta bagunça aqui. Eu pesquisei, e, embora alguns pensem que todos no espectro são organizados, nem sempre são” (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 5, 2017). Entretanto com o universo do namorado, Paige começa a revirar as coisas presentes no quarto de Sam e conforme vai mexendo nos objetos, os estímulos sensoriais, bem como a invasão de sua privacidade, começam a pressioná-lo. No momento em que Paige se aproxima de Edison (a tartaruga de Sam), a cena muda.

Ao passar na frente do quarto de seu filho, Doug aparenta confusão ao ver Sam sentado em frente ao seu guarda-roupa.

Doug: Sam, tudo bem?
 Paige: Oi, Sr. Gardner!
 Doug: Tem uma moça no seu armário?
 Sam: Sim, a Paige. Ela estava mexendo nas minhas coisas, e eu a tranquei.
 Paige: Poderiam me trazer algo para comer?
 Doug: Não. Sam, saia. Não se tranca garotas no armário. Desculpe, Paige. Você está bem?
 Paige: Sim, estou bem.
 Doug: Certeza?
 Paige: Sim.
 Doug: Sam, peça desculpas à Paige agora.
 Sam: Não. Eu fiz o que eu tinha que fazer.
 Doug: Sam!
 Paige: Tudo bem. Eu pesquisei e sei que, às vezes, pessoas com TEA têm reações exageradas. Sejam honestos, eu sei que... sou complicada, até para neurotípicos. Então decidi dar ao Sam um tempo para ele descansar.
 Sam: Foram apenas dez minutos. Não é nada. Pesquisadores em uma estação na Antártida vivem com 24 horas de escuridão por meses.
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 5, 2017)

Novamente presenciamos um momento em que Paige relata ter realizado pesquisas sobre pessoas autistas. Concomitantemente a isso, ela demonstra que tais informações a auxiliaram a compreender as possíveis reações de Sam. Inclusive, a personagem pontua que reconhece possuir um jeito mais complicado, que seria complicado até mesmo para neurotípicos. A partir desse ponto, podemos pensar que as dificuldades não estão em Sam ou em seu diagnóstico, mas que fazem parte das relações humanas. Entretanto, por vivermos numa sociedade que tende a criar regras que permeiam os relacionamentos, novamente Sam “quebra”

uma regra que é implícita às relações: de que trancar pessoas quando elas te incomodam não é comum.

FIGURA 20: Sam sentado em frente ao armário enquanto Paige está presa dentro dele.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

Paige: É melhor eu ir para casa. E, Sam, dobrei suas meias de um jeito bem melhor. Tchau.
Doug: Tchau, Paige! Ei, Sam. Isso é estranho.
Sam: Pai, a mamãe mexia nas suas coisas? Como fez para ela parar?
Doug: Acho que nunca pedi.
(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 5, 2017)

Quando Doug pergunta ao filho se está tudo bem e ouve a voz de Paige, imediatamente reprime o filho dizendo que não poderia fazer isso. Entretanto, dessa vez não há uma conversa em que Doug explica a Sam por que essa atitude é vista como algo incorreto. Logo após Paige se despedir, Sam pergunta a seu pai se Elsa mexia em suas coisas e como Doug a fez parar.

É possível notar que tal questionamento surpreendeu Doug, pois há uma pausa de alguns segundos em que o pai reflete antes de responder que nunca havia pedido para que Elsa parasse de mexer em suas coisas. Essa cena nos faz pensar como é comum sentirmo-nos incomodados em nossas relações e como cada sujeito tende a reagir de um modo particular, podendo ou não demonstrar incômodo perante situações vivenciadas.

Não cabe a nós dizermos se o modo que Sam agiu é errado ou não, colocando a atitude em uma dicotomia que tende a marginalizar determinados modos de ser em prol de um tido como correto. Além disso, podemos refletir sobre o impacto da falta de diálogos em relacionamentos afetivos, combatendo a ideia de que as relações são isentas de conflitos, bem como sinalizar na possibilidade de existência de diversos modos de relacionarmos-nos e o quanto isso tende a mudar com o tempo, pois a adolescência pode denunciar as “tendências e contradições de um tempo e lugar ou da história, da sociedade e da cultura, devido à sua maior exposição e sensibilidade às questões e idiossincrasias da contemporaneidade” (JUSTO, 2005, p.63).

No dia seguinte, Sam está na escola fechando seu armário quando Paige se aproxima.

Paige: Oi, Sam.

Sam: É o meu moletom. Você está usando o meu moletom.

Paige: Eu senti frio no armário, então vesti. Mas era tão fofo e aconchegante que decidi roubar. Eu adoro. É como ter você me abraçando.

Sam: Mas é o meu moletom.

Paige: Tive uma ideia genial! Quer ouvir?

Sam: Moletom.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 5, 2017)

Sam demonstra desconforto diante da utilização de seu moletom por Paige, fixando sua atenção em sua roupa no corpo dela, que ignora a reação do namorado.

Paige: Você pode largar o grupo de estudos e fazer francês comigo. Será o máximo. É a língua mais romântica do mundo, e... quem sabe um dia possamos viajar para Paris e nos beijarmos em frente a Torre Eiffel.

Sam: É o meu moletom.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 5, 2017)

Ao sentir-se ansioso, Sam começa a refletir. “Há três opções para um animal na natureza ao encarar uma situação de perigo. Podem correr... podem atacar... ou podem se esconder” (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 5, 2017). Então, enquanto Paige está distraída, falando com Sam e olhando para frente, ele volta para trás e vai se esconder em um local dentro da escola.

Sendo assim, retornaremos a algumas pequenas cenas para trabalharmos mais um pouco no momento em que Sam demonstra desconforto em ver Paige com seu moletom, pois para Sam essas questões são muito mais objetivas: o moletom serve para agasalhar. Sendo assim,

cada um de nós deveria possuir seu próprio moletom, não havendo a necessidade de pegar o do outro, principalmente sem permissão.

FIGURA 21: Sam se escondendo no vão de um armário da sala de aula.



Fonte: Aplicativo da Netflix

Perante essas dúvidas, teremos o momento em que Sam está num espaço aberto conversando com Zahid – que está acompanhado de uma garota, beijando-a – e desabafando sobre o ocorrido com Paige.

Sam: Não quero que ela sinta frio, quero que ela esteja aquecida. Mas é o meu moletom, e eu preciso dele... principalmente quando estou ansioso ou confuso, porque foi para isso que eu o comprei.

Kayla [a garota que está com Zahid]: Vai ficar aí olhando? Isso é esquisito pra caramba.

Zahid: Calma, gata. O Sam tem um problema com a namorada.

Sam: Namorada de treino.

Kayla: Viu? É esquisito.

Sam: Esquisita é você.

Zahid: Todo mundo é esquisito. É incrível. Vamos, Kayla, você é boa nisso. Ajude meu amigo para voltarmos à pegação.

Kayla: Está bem. Não a conheço, mas mulheres gostam de vestir algo que lembre o namorado quando ele está longe.

Sam: Mas preciso do moletom. Como pego de volta?

Kayla: Não sei, dê outra coisa para substituir.

Sam: Isso é muito inteligente.

Zahid: Eu disse, cara. A Kayla é genial.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 5, 2017)

A conversa com Kayla e Zahid ajuda Sam a compreender o possível motivo pelo qual Paige pegou o seu moletom. Ao perceber que as pessoas podem gostar de ter artefatos de seu namorado ou sua namorada para relembrar do amado ou da amada, Sam amplia sua visão sobre o moletom, percebendo que para outrem seu uso pode estar relacionado a um sentimento, uma lembrança, e não somente a utilização da roupa como um modo de se aquecer. Aliás, do mesmo modo que Sam tem preferência em vestir esse moletom em momentos de ansiedade para fins além de aquecer-se, Paige também possui uma outra ligação com ele.

Tendo em mente esse novo aprendizado, Sam começa a refletir de que modo poderia substituir o moletom e leva a questão para a terapia, comentando com Julia o seguinte: “eu demoro para me acostumar com novidades. Mas, quando me acostumo com algo, passo a contar com aquilo” (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 5, 2017). A cena que Sam relembra é o momento em que está andando pelo corredor da escola em direção a uma sala onde Paige está tendo aula. Sendo assim, pressupomos que ao namorar alguém de uma mesma escola, mas que possui uma rotina diferente da sua, Sam acabou acostumando-se a acompanhar e ser acompanhado por Paige em sua rotina escolar, decorando sua grade horária.

Ao decidir o que fazer para substituir o moletom, Sam vai até a sala onde Paige está tendo aula de francês:

Sam: Paige?

Professora: Perdão, senhor, estamos em aula.

Paige: Sam, o que está fazendo aqui?

Professora: Em francês.

Paige: Sam, o que faz aqui?

Professora: Quem é esse rapaz?

Paige: Meu ex.

Professora: Merda.

Sam: Paige, falei com meu gerente e com minha terapeuta, e percebi que, embora eu tenha odiado quando você mexeu nas minhas coisas e roubou meu moletom, eu odiei ainda mais não ter você.

Aluno: Que fofo.

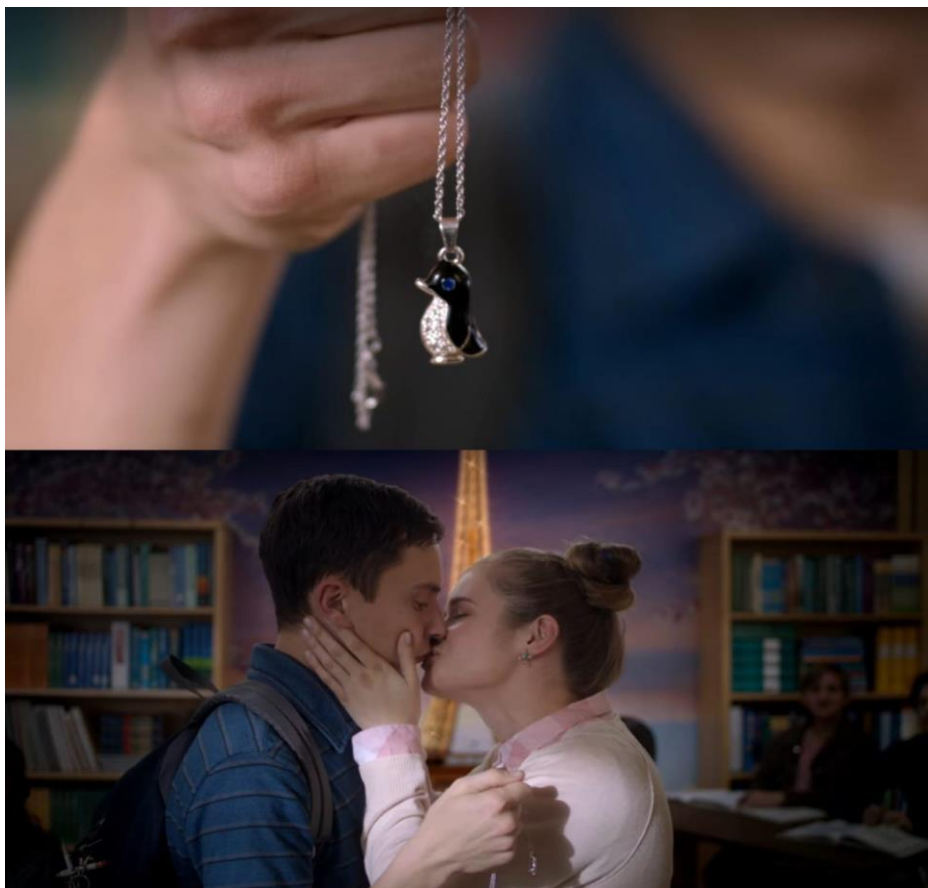
Professora: Nada de “fofo”.

Sam: E agora eu entendo que, às vezes, as garotas gostam de usar algo que lembrem os namorados quando eles estão longe. Então eu comprei este colar para você. A namorada má do Zahid me deu um desconto.

Paige levanta-se emocionada e beija Sam.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 5, 2017)

FIGURA 22: Sam entregando o presente e em seguida Paige beija-o.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

5.2. Da heteronormatividade a corponormatividade: a urgência dos Estudos *Crip*

Na segunda temporada, vemos um aprofundamento na história dos demais personagens, inclusive de Casey. Iniciando numa nova escola, uma das melhores instituições da cidade, após ter conseguido uma bolsa, vemos Casey passando por uma fase de (re)descobrimento. Em seu primeiro dia no colégio, Casey está aguardando uma veterana para que ela pudesse apresentar o campus à novata.

Izzie: Oi.

Casey: Oi, você é a Izzie, não é? Sou Casey, a nova... Foi mal, você sabe disso. Estou supernervosa. Sou a garota nova, de Newton.

Izzie: Olha, garota nova de Newton...

Casey: Meu nome é Casey, na verdade.

Izzie: Sei que você era a maioral na sua escola de merda, mas...

Casey: Uau, que recepção calorosa. Deviam te colocar no vídeo de boas-vindas.

Izzie: Mas ouvi coisas sobre você.

Casey: Coisas boas?

Izzie: Bateu em uma garota e foi suspensa, então não. Trabalhei duro para montar esse time, e não queremos drama.

Casey: Eu também não.

Izzie: Não ligo. Apenas controle-se.

E Izzie sai andando.
 Casey: O técnico disse que você ia me guiar. Isso...
 Izzie: As aulas são ali. Boa sorte.
 Casey: Ah, obrigada. Ajudou muito.
 (ATYPICAL, Temporada 2, Episódio 2, 2018).

Durante um de seus treinos, Casey está correndo na quadra do colégio e Izzie logo chega ao seu lado, dizendo “está perdendo velocidade, Newton”. Ao perceber que as alunas aumentaram o ritmo, a treinadora chama a atenção: “ei, essa não é uma corrida de explosão, parem com isso!” (ATYPICAL, Temporada 2, Episódio 3, 2018). As garotas continuam correndo por mais alguns metros e, de repente, Izzie se joga no chão. Casey se aproxima para perguntar se a colega está bem, enquanto a treinadora também vem auxiliar a aluna, mas Izzie acusa Casey de tê-la empurrado. A novata se assusta e nega ter feito isso, provavelmente pensando que isso poderia gerar sua expulsão. Em seguida, vemos a treinadora e as duas alunas em uma sala reservada:

Treinadora: Não quero isso no meu time. Não quero, entenderam? Não precisam se amar, mas... precisam se amar. Casey, você vai cuidar do pulso da Izzie e ambas ficarão aqui até conseguirem se entender.
 Casey: Na verdade, acho que nos resolvemos.
 Treinadora: Ah, é? Acho que não.
 Casey pega algo para cuidar do pulso de Izzie.
 Izzie: Eu me viro. Preciso fazer uma ligação, mas alguém me empurrou, e agora meu pulso está machucado.
 Casey: Eu não te empurrei. Nem estava perto de você.
 Izzie: Tanto faz. Pode só me passar meu celular, por favor?
 Casey: Sim, mas não te empurrei. Estou tão farta dessa escola idiota e desse time idiota.
 (ATYPICAL, Temporada 2, Episódio 3, 2018)

Ao pegar seu celular, Izzie realiza uma chamada. Ao ser atendida, pede para que a outra pessoa na linha fique com o bebê por mais algumas horas. Ao ouvir a conversa, Casey pergunta:

Casey: Bebê? Você tem um filho?
 Izzie: Claro que não, não sou estúpida. Minha mãe sim.
 Casey: A minha também.
 Izzie: Não que seja da sua conta, mas cuido dos meus três irmãos.
 Casey: Sério?
 Izzie: Sim.
 Casey: Então não é ricaça?
 Izzie: Ainda não.
 Casey: Meu irmão tem autismo, então... sempre tomo conta dele.
 Izzie: Não sabia disso.
 Casey: Como saberia? Você nem fala comigo.
 Izzie: Claro que falo. Só digo coisas ruins.
 Ambas dão risada.
 Casey: Sabe, você não é o que eu esperava.
 Izzie: Bem, não sou como as outras garotas. Não posso fazer besteira. Ano passado, a Penelope bateu o carro em uma árvore, e adivinha o que aconteceu? Os pais compraram outro. E a Quinn guarda vodca no armário, para quando ficar entediada.
 (...)
 Izzie: Mas eu... o que faço aqui é importante. Sinto que preciso ser perfeita o tempo todo, e isso é desgastante.

Casey: É por isso que foi babaca comigo?
 Izzie: Provavelmente. Ou talvez eu seja assim.
 (ATYPICAL, Temporada 2, Episódio 3, 2018)

O intuito da treinadora de unir ambas as alunas passam a dar certo no decorrer da série, pois Casey acabou fazendo parte do grupo composto pelas alunas de seu time, o que fez com que sua rotina escolar se tornasse mais leve. Concomitantemente à aproximação das duas, Evan – o namorado de Casey – começa a perceber algumas mudanças no comportamento de sua namorada, principalmente após um encontro que tiveram numa pizzaria, com o intuito de os estudantes da nova escola conhecessem melhor a vida de Casey. Nesse mesmo evento, entretanto, Evan sentiu como se a namorada tivesse vergonha dele devido a questões financeiras.

Com o avanço da série, a amizade entre Izzie e Casey acaba se fortalecendo cada vez mais. Temos o episódio em que Izzie passa por problemas familiares e vai até a casa de Casey, com quem desabafa sobre os ocorridos. Ao ver que sua amiga está mal, Casey pensa em situações que possam distrai-la e decide criar uma fortaleza com almofadas e lençóis, onde ambas leem histórias de terror até o seguinte momento:

Izzie: Newton?
 Casey: Diga.
 Izzie: Pode parecer bobo, mas... você é minha nova pessoa favorita.
 Casey: Sério?
 Izzie: Sim. Isso é triste, pois acabamos de nos conhecer?
 Casey: Não. Também é minha nova pessoa favorita. Mas não conte a Sharice se não ela vai te matar.
 (ATYPICAL, Temporada 2, Episódio 6, 2018)

Se anteriormente os laços já estavam fortalecidos, agora eles estreitaram-se ainda mais. Entretanto, após uma tentativa do namorado de Izzie beijar Casey, ambas se afastam, pois sua amiga acredita na versão contada pelo namorado. A trama se resolve nos episódios finais, quando Izzie pede desculpas à Casey e conta que sentiu medo de perdê-la. Após fazerem as pazes, vemos a cena de ambas no quarto de Casey aproximando-se para prometer nunca mais se afastarem. Elas quase se beijam, mas o momento é interrompido com a chegada de Elsa ao quarto de Casey. A partir disso, vemos o desenrolar da sexualidade das personagens: ainda que Casey e Izzie namorem garotos, temos concomitantemente a isso uma aproximação que começa a despertar outros sentimentos, sendo eles inéditos para ambas. De um lado, Izzie termina o relacionamento ao descobrir que seu namorado tentou beijar sua pessoa favorita e de outro, acompanhamos Casey em um impasse: namorar Evan e ao mesmo tempo se apaixonar por Izzie.

FIGURA 23: Casey e Izzie dentro da fortaleza construída com almofadas e lençóis.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

Ao tematizar a relação entre Izzie e Casey, a série possibilita reflexão acerca da sexualidade além do autismo, com a problematização da matriz heterossexual, distanciando-se do pensamento da heterossexualidade enquanto algo natural e estável, mas como algo a ser vivenciado, conhecido, sobre o qual se aprende por meio das relações estabelecidas entre pares. Assim, não só Sam está sendo levado a reconhecer-se como sexuado, mas todos os demais personagens também.

Ainda que Casey ou Izzie já estivessem em um relacionamento com rapazes e, portanto, se identificassem *a priori* como heterossexuais, as cenas contribuem para o debate sobre gênero e orientação sexual, possibilitando o questionamento acerca da heterossexualidade compulsória e da invisibilidade da bissexualidade (ALVES, MOREIRA & PRADO, 2020). Mesmo dentro de movimentos sociais aparentemente inclusivos e abertos à diferença nós vemos a reprodução de uma matriz heteronormativa, que tende a reconhecer apenas a homossexualidade e a heterossexualidade. Com isso, todos aqueles que não se encaixam nesse binarismo são vistos como abjetos.

Nas experiências de Casey e Izzie, podemos observar conflitos especificamente internos vivenciados. Afinal, além de consequências externas, a heteronormatividade afeta diretamente o processo de constituição dos sujeitos, pois ao sentirem na pele a invisibilização e a marginalização de sua sexualidade, homens e mulheres bissexuais podem dirigir tais julgamentos para si, percebendo-se como errados e anormais. Entretanto, esse mal-estar é reflexo de práticas localizadas e instituições que defendem a heterossexualidade como natural

e, sendo assim, aqueles que se atraem por mais de um gênero, acabam desafiando o binarismo heterossexual/homossexual e, portanto, acaba por invisibilizar a bissexualidade (ANDRADE & SANTOS, 2020).

FIGURA 24: Casey e Izzie quase se beijando.



Fonte: Aplicativo da Netflix

Indo além da abordagem ficcional, quantas meninas e quantos meninos não se identificam com Casey e Izzie ao perceberem que divergem da matriz heterossexual? E qual foi o papel da pedagogia cultural na constituição de sua sexualidade? Do mesmo modo que a história de Sam reflete o efeito de discursos hegemônicos que tendem a apagar a sexualidade de pessoas autistas ou colocar tais sujeitos como anormais em vez de questionarem a própria estrutura social que os marginaliza. Para enriquecer o nosso debate, separamos a cena em que Paige encontra Casey no corredor da escola.

Paige: Oi, Casey. Podemos conversar? É sobre seu irmão, o Sam.

Casey: Eu sei quem é o meu irmão.

Paige: Eu acho que ele está me evitando, porque estávamos conversando ontem, e... eu acho que o chatee, porque ele meio que desapareceu depois. Não sei, talvez não seja nada.

Casey: É, sim, porque, por sua causa, ele não almoçou ontem. Eu sei que é chato ter de pensar nisso quando se namora um cara de 18 anos, mas é assim com o Sam.

Paige: Tem algum conselho?

Casey: Sim, termine com meu irmão.

Paige: O quê?

Casey: Por que está com ele? O que você ganha? Está desesperada? Acha que ganhará nota por namorar o cara esquisito?

Paige: Não. Não, Casey. Eu gosto do Sam, de verdade. Muito. Ele é sincero. E... ele é tão fofo. Viu o lance do caderno dele? É incrível. O modo como ele pensa é tão interessante.

Casey: Interessante? Ele não é um experimento científico.

Paige: Não, eu sei disso.

Casey: E se ele começar a depender de você, e você for embora?

Paige: Eu não vou...

Casey: Ele precisará de você. Essa merda pode afetá-lo muito. Quer saber? Você não entende nada. Só está piorando tudo.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 5, 2017)

Após terminar sua fala, a irmã de Sam sai andando e deixa Paige sozinha sem reação e com os olhos marejados. Impactada com a fala de Casey, Paige decide terminar seu namoro e então aguarda Sam na frente da escola, entregando a ele o seu moletom. Em seguida, ela sai andando. A partir dessa cena, podemos refletir acerca do capacitismo enquanto matriz de inteligibilidade corporal, tendo como funcionamento o imperativo da normalidade. Em seus trabalhos acerca dos estudos sobre deficiência, a pioneira antropóloga Anahí Guedes de Mello (2016) define o capacitismo como:

Uma postura preconceituosa que hierarquiza as pessoas em função da adequação dos seus corpos à corponormatividade. É uma categoria que define a forma como as pessoas com deficiência são tratadas de modo generalizado como incapazes (incapazes de produzir, de trabalhar, de aprender, de amar, de cuidar, de sentir desejo e ser desejada, de ter relações sexuais etc.), aproximando as demandas dos movimentos de pessoas com deficiência a outras discriminações sociais, como o sexismo, o racismo e a homofobia. Essa postura advém de um julgamento moral que associa a capacidade unicamente à funcionalidade de estruturas corporais e se mobiliza para avaliar o que as pessoas com deficiência são *capazes de ser e fazer* para serem consideradas plenamente humanas (MELLO, 2016, p. 3272)

Observamos que mesmo tendo apoiado o desejo de seu irmão em encontrar uma namorada, Casey reproduz ideias de uma sociedade estruturalmente capacitista, presumindo que não somente Sam é incapaz de amar alguém por ser autista, como também desacredita na possibilidade de alguém amá-lo verdadeiramente. Desse modo, Casey julga que Paige não ama Sam, mas que está desesperada por um relacionamento ou que possa ganhar admiração por namorar “um cara esquisito”. É notório que ao descrever Sam como esquisito, Casey está vendo-o como abjeto, como alguém que possui um jeito transgressor e desviante. Ela está, portanto, reproduzindo os discursos que permeiam o dispositivo da capacidade. Além disso, ela demonstra insegurança e temor com a possibilidade de ver Sam sofrer com situações novas que um relacionamento amoroso pode trazer, como por exemplo, a dependência e o abandono na possibilidade de um término.

Em seguida, temos o momento em que Sam está na terapia e comenta com Julia sobre o último acontecimento.

Sam: A Paige devolveu meu moletom.

Julia: Que bom. Quando foi isso?

Sam: Quando terminou comigo.

Julia: Sinto muito, Sam. Ela disse o motivo?

Sam: Algo sobre... A Casey temia que ela me machucasse. Ou ela temia a Casey. Não sei, às vezes quando ela fala, eu me perco com tantas palavras.

Julia: Como você se sente?

Sam: Bem. Peguei meu moletom de volta.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 5, 2017)

Durante toda a sessão, enquanto compartilhava que se sentia só mesmo com pessoas ao seu redor, Sam ficava estimulando seu lápis em um elástico, num comportamento autoestimulante, explicado pelo próprio personagem já no início da série²⁸. Ao perceber que seu paciente está inquieto, Julia questiona:

Julia: Tem certeza de que está bem?

Sam: A maioria das pessoas nem tenta me entender. A Paige tentou, e isso foi legal.

Julia: Isso é legal.

Sam: Quando era minha namorada, ela me incomodou muito. Mas acho que foquei tanto a chatice dela que me esqueci das partes boas

Julia: Essa é... uma ótima perspectiva, Sam. Muita maturidade.

Sam: Eu a tranquei no armário, e ela nem ligou. Isso parece especial e raro.

Julia: Espere, o quê?

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 5, 2017)

Sam expressa a percepção de ser marginalizado numa sociedade capacitista. Ele mesmo identifica ser tido como “esquisito” por inúmeras pessoas, inclusive no ambiente escolar e familiar – com a exceção de seu amigo Zahid que sempre se relacionou com Sam, independente de seus rituais, sentimentos e dúvidas. Com a chegada de Paige, o personagem não vê somente a possibilidade de namoro, mas principalmente a aceitação sincera de alguém em relação ao seu jeito, pois mesmo com as desavenças e a novidade tanto para um neurodiverso quanto para uma neurotípica, o namoro de Sam persistiu. O relacionamento é interrompido pela intromissão de uma terceira pessoa

Logo que sai da terapia, Sam chega em casa e vai até o quarto de Casey, entrando sem bater.

Sam: Eu gosto da Paige.

Casey: E eu de quem bate à porta.

Sam: Agora ela não é mais a minha namorada. Você a espantou.

Casey: Você vive reclamando dela. Eu entendo, ela irrita.

Sam: Eu gosto dela, eu acho. E você é minha irmã caçula, não preciso que atrapalhe a minha vida.

Casey: Meu Deus! Eu só quis ajudar. Não vou estar ao seu lado para sempre.

Sam: Que bom.

Casey: Sam...

Sam: Não, você é como a Paige. Mas, em vez de mexer nos meus livros e na minha tartaruga, mexeu na minha namorada. Que bom você ir para outra escola, assim não vai mais me importunar!

Casey: Você não está falando sério.

Sam: Sim, estou. Não preciso de você.

Casey: Ótimo, era o que eu queria.

Sam: Ótimo.

²⁸ Página 42.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 5, 2017)

Não podemos desconsiderar que Casey também está passando por um período conturbado devido à mudança de escola, mas interessa-nos aqui o debate sobre sua crença de que o namoro de Sam e Paige não seria verdadeiro. Quando Casey tenta justificar sua conversa com Paige, acaba por dizer que Sam sempre reclama do jeito irritante de sua namorada, entretanto, a relação de Casey com Sam também possui momentos irritantes. No entanto, a verdadeira motivação do pensamento de Casey está na ideia capacitista de que Sam é incapaz de *ser amado* ou *amar alguém*.

As discussões acerca da heteronormatividade compulsória estão presentes principalmente nos Estudos *Queer*, sendo caracterizado não somente como um movimento teórico, mas político. O presente debate nos mostra a possibilidade de um diálogo entre os estudos *queer* e os estudos sobre deficiência, pois além de tais tecnologias sociais enquadrarem os sujeitos em identidades, as pessoas com deficiência vêm sofrendo com as mesmas práticas excludentes e intolerantes à diferença. Tendo em consideração que, “muito frequentemente, as pessoas tomam o *queer* como sinônimo de questões de homossexualidade enquanto a proposta *queer* pode ser vista como mais complexa e ampla do que isso” (MISKOLCI, 2020, p. 13)²⁹.

Seu surgimento está atrelado à efervescência dos movimentos sociais ocorridos durante a década de 60, dentre eles, os movimentos feminista, homossexual, negro e de estudos sobre deficiência, estando associados à contracultura, que demandavam novas visões sobre sexualidade, corpo e liberdade. Ainda que a “origem” do movimento *queer* tenha pontos semelhantes às demais lutas, os estudos *queer* se consolidaram em meados de 1980 nos Estados Unidos, no âmbito do surgimento da epidemia de Aids e de suas demandas por saúde pública (MISKOLCI, 2020).

Com o intuito de refletir acerca da relação entre educação e normatização social, Richard Miskolci (2020) ressalta como a escola é permeada por interesses biopolíticos que impõem modos de ser, delimitando quais lugares e posições os sujeitos devem ocupar, como, por exemplo, feminino ou masculino, heterossexual ou homossexual. Frente a isso, relembremos a perspectiva desta pesquisa, que considera a educação além dos muros escolares, reconhecendo sua existência em artefatos culturais, como o cinema, as artes, a música e demais produções. Enquanto consumidores de uma pedagogia cultural, somos bombardeados com discursos heteronormativos. Nesse sentido, inclusive, pesquisas ressaltam como as produções cinematográficas e televisivas por muito tempo defenderam e legitimaram apenas a união entre

²⁹ Além de que, Paul B. Preciado (2011, 2018, 2020) enquanto um dos principais teóricos dos Estudos *Queer*, inclui nas multidões *queer* as pessoas com deficiência, bem como os autistas.

homens e mulheres, colocando as demais uniões como abjetas (ALVES, MOREIRA & PRADO, 2020; ANDRADE & SANTOS, 2020).

FIGURA 25: Paige devolve o moletom de Sam e termina o namoro.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

Num primeiro momento, a epidemia da Aids gerou “o reforço da norma heterossexual que servira como modelo para patologizar as sexualidades dissidentes” (PELÚCIO; MISKOLCI, 2009, p. 127). O pânico gerado encontrou força em grupos sociais conservadores que passaram a criticar fortemente as demais sexualidades que não fossem heterossexuais. Como frente ampla de resistência, vemos o movimento *AIDS Coalition to Unleash Power* (ACT UP) e a organização ativista *Queer Nation*, em que ambos os públicos reivindicam a palavra *queer*, defendendo-a enquanto “a nação anormal, a nação esquisita, a nação bicha” (MISKOLCI, 2020, p. 24). Entretanto:

Vale lembrar que *queer* é um xingamento, é um palavrão em inglês. Em português, dá a impressão de algo inteiramente respeitável, mas é importante compreender que realmente é uma palavra, um xingamento, uma injúria. A ideia por trás do *Queer Nation* era a de que parte da nação foi rejeitada, foi humilhada, considerada abjeta, motivo de desprezo e nojo, medo de contaminação. É assim que surge o *queer*, como reação e resistência a um novo momento biopolítico instaurado pela aids (MISKOLCI, 2020, p. 24)

Do mesmo modo que o *queer* é utilizado com uma conotação propositalmente subversiva e agressiva, a reapropriação do aleijado (*crip*) tem o intuito de criticar a normatização dos corpos que hierarquiza as capacidades corporais. Ao falar acerca da

aproximação entre os estudos *crip* e *queer*, Anahí Guedes de Mello salienta que “provocar um aleijamento no *queer* tem o sentido de descolonizar, mutilar, deformar ou confundir o pensamento *queer*, provocando-lhe fissuras” (MELLO, 2019, p. 133). Ainda que de um lado tenhamos os estudos *queer* que veem a heteronormatividade como uma matriz que rege os corpos, os estudos *crip* vão além e sinalizam que há uma corponormatividade em nossa sociedade que se mostra intolerante frente às diferenças corporais. Além disso, ambos têm em seu âmago a compreensão de que tais categorias são construídas histórica e socialmente e, sendo assim, passíveis de contestação frente à afirmação de uma capacidade e heterossexualidade natural. Durante nossas leituras, concluímos que o debate de ambas as áreas ainda é incipiente, o que vem gerando uma crítica de teóricos dos estudos sobre deficiência aos estudos feministas e *queer* em relação à invisibilização que determinados grupos minoritários vêm sofrendo (MCRUER, 2021; MELLO, 2019, 2016; MARAFON & PILUSO, 2021; MAGNABOSCO & SOUZA, 2019).

5.3. Incluir o *queer* e *queerizar* a inclusão

Nas escolas norte-americanas, é comum a realização de festas para os alunos, não sendo diferente na trama de *Atypical*. Depois da conversa com Casey e do encontro para devolução do moletom, o namoro de Sam e Paige é retomado. Numa cena em que estão em seu quarto, Sam compartilha seus pensamentos sobre a expedição da primeira pessoa que chegou ao Polo Sul quando é interrompido por Paige:

Paige: Quero que me leve ao Baile de Inverno.

Sam: O quê?

Paige: Imagine como seria divertido ouvir todas aquelas músicas, dançar e usar roupas chiques.

Sam: São três das coisas que eu menos gosto. E passas, porque eu não gosto de comer coisas enrugadas.

Paige: Mas Sam, isso é muito importante para mim. Só fui a bailes com parentes, e agora eu tenho um namorado. É o universo a nosso favor, não acha?

Sam: Posso ficar sentado no corredor, fora do ginásio e usar meus fones de ouvido até acabar. Vou levar umas bolachas caso eu tenha fome.

Paige: Não, isso é chato.

Sam: Não acho. Gosto de bolachas. Sabia que bolachas têm buracos para não ficarem com bolhas de ar ao assar?

Paige: Sabe, meus pais vão viajar essa noite. Então quem sabe você poderia... ir lá em casa?

Sam: Por que eu iria? Os lanches de lá são ruins. E acho que estarei cansado e com sono.

Paige: Puxa, Sam. O que devo fazer para você ir ao baile?

Sam: Se pedisse que desligassem a música e tornassem o baile silencioso, seria bom. Um baile sem música.

Paige: Um baile sem música é um baile sem pessoas.

Sam: Parece muito bom também.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 6, 2017)

Os convites de Paige evidenciam sua busca de independência familiar ou de ingresso na vida adulta, expressos na intenção de ir a uma festa ou receber alguém em casa sem a família. Ter um namorado aparece como condição de possibilidade para a realização dessas ações de independência, mostrando em suas entrelinhas uma organização social em torno do casal. Decidida a ter a companhia do namorado durante o Baile de Inverno, Paige organiza uma intervenção na reunião de mães e pais. Antes do término da reunião, a diretora anuncia que uma estudante, Paige, tem um recado para mães e pais ali presentes. Ao ter sua entrada anunciada, a cena é automaticamente invadida por uma música alta e as luzes começam a piscar. Os pais ficam a princípio sem compreender.

Paige: Foi desnorteador, não foi? Bom, para o meu namorado, o Sam, a vida é sempre assim. Vejam: o Sam tem autismo, o que torna muito difícil para ele lidar com situações nas quais há muitas pessoas, barulhos altos e luzes piscando. Mas isso deveria fazer o Sam ser excluído de coisas divertidas, como o baile estudantil ao qual a namorada dele quer muito ir? Não, não significa. Então, senhoras e senhores, eu lhes apresento a Noite Silenciosa, um baile possível aos autistas que é totalmente silencioso.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 6, 2017)

Durante a cena vemos April – a mãe de uma das alunas – virar para trás, direcionando-se a Elsa e dizendo que provavelmente essa ideia é dela, mas Elsa demonstra surpresa e diz não saber nada sobre isso, assim como não sabia que Sam queria ir ao baile.

Paige: E eu já sei o que estão pensando. Silencioso? Isso é loucura. E quanto à música, não é? Haverá música. Será transmitida através de fones sem fio. E já falei com o pessoal da *Techtropolis*. Eles querem doar os fones para este evento, um gesto muito legal. Então, para concluir, o Colégio Newton deve ser inclusivo para todos os estudantes. É isso. Obrigada.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 6, 2017)

Ao término da fala de Paige, pais e mães aplaudem e a diretora aproxima-se abrindo a proposta para ser votada. Antes de prosseguir, April levanta-se:

April: Olá. Eu marquei há meses o salão para a JJ fazer o penteado. Vai me custar uns 80 dólares. Agora vocês querem amassá-lo com um fone de ouvido grande. Eu acho que não.

Elsa: Quer saber? Eu sou cabeleireira. Então posso fazer o cabelo de todas as meninas de graça.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 6, 2017)

Ainda que April tivesse contestado a ideia, colocando como prioridade o penteado de sua filha, todos presentes concordam com a ideia do Baile de Inverno, principalmente após Elsa oferecer-se para realizar os penteados das alunas, fazendo com que desse modo ninguém saísse no prejuízo. Entretanto, mesmo com a solução aparentemente dada:

April: Não é só sobre o cabelo, certo? O Baile de Inverno é um evento pelo qual nossos filhos esperam durante toda a trajetória no ensino médio. Temos mesmo que mudar tudo para acomodar um garoto? Um baile silencioso, isso é tão... é tão triste.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 6, 2017)

Todas as pessoas presentes na sala ficam sem reação:

Elsa: Sabe o que é triste? Meu filho nunca poder participar de um evento escolar, porque os sons são tão insuportáveis. Nunca ser convidado para um aniversário, porque ele era o garoto na lanchonete que não parava de gritar. O isolamento, a solidão, a falta de experiência... isso é triste. A sua filha perfeitamente saudável estragar o penteado não está na minha lista. Então...

Diretora: Tudo bem, vamos votar? Quem vota “sim”?

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 6, 2017)

A maioria dos votos presentes foram “sim”, aprovando a Noite Silenciosa. Essa cena apresenta um movimento de resistência ao capacitismo, à hierarquização de corpos vistos como legítimos enquanto outros são excluídos. Ela é liderada por uma adolescente, mostrando um diálogo intergeracional, no sentido da mudança a favor de práticas mais inclusivas no interior da escola, o que não ocorre sem conflitos. O namoro entre Sam e Paige, as conversas entre eles, a escuta por Paige da demanda do namorado e o desejo de estar com ele na vida e na escola pública a mobilizam, promovendo uma pequena ação de mudança.

O debate acerca da educação inclusiva vem sendo fomentado há anos, entretanto, a discussão sobre integração e inclusão ainda causa desavenças; Maria Teresa Eglér Mantoan (2017b) ressalta que embora a Constituição de 1988 não permita a diferenciação devido à deficiência, é comum encontrarmos uma resistência frente às mudanças inclusivas, seja devido às barreiras arquitetônicas, atitudinais ou comunicacionais ou simplesmente por um conservadorismo que ainda está presente em nossa sociedade. Podemos utilizar como exemplo a conduta de April ao pressupor que certos corpos podem ser excluídos em prol da dominância de outros.

A sequência de cenas acima descrita indica a necessidade de mudanças em práticas escolares e nos demais aspectos que envolvem a inclusão, afinal, o debate não se encerra em muros escolares, mas na vida em sociedade como um todo. Pressupor que um aluno ou uma aluna estão incluídos pelo simples fato de estarem em um ambiente, mas sem levar em conta suas diferenças, não é inclusão. É urgente, então, lutarmos pelo direito à diferença na igualdade de direitos. Por exemplo, se as singularidades de Sam o limitam para ir até um baile, ele automaticamente está fora da celebração?

De acordo com o modelo social da deficiência, as limitações estão na sociedade e no ambiente e não no sujeito. Ao pensar que a maioria dos alunos e alunas terem ou não deficiência é o fator determinante para garantir um ambiente acessível, vemos a predominância de uma matriz corponormativa que hierarquiza quais vidas valem a pena ou não., “o direito à diferença é determinante para que sejam cumpridas as exigências dessa educação, propiciando a

participação dos alunos no processo escolar geral, de acordo com as capacidades de cada um” (MANTOAN, 2017b, 26). A partir de suas pesquisas, a pesquisadora também destaca o despreparo institucional e docente para lidar com essas situações:

Despreparo dos professores e a incompatibilidade das edificações, dos mobiliários, do ambiente físico das escolas, concebidos para os que se enquadram em um padrão, para aqueles que não exigem mudanças no que está estabelecido e aceito para alguns e não para todos os alunos (MANTOAN, 2017b, 27).

A partir do momento em que a escola leva adiante a ideia de um Baile de Inverno com características de uma Noite Silenciosa, ela não está selecionando quais alunos poderão celebrar ou não, mas está reconfigurando o seu funcionamento levando em conta as diferenças. Desse modo, a filha de April não deixará de estar presente no baile, assim como Sam, pois aqui a ética inclusiva leva em conta ambas as singularidades e reconstrói o ambiente para que ele seja acessível e agradável para todos. O baile não deixará de ter músicas e danças, bem como luzes, mas apenas teremos a desconstrução de uma matriz corponormativa. Frente a isso, temos a possibilidade de abraçar diferenças.

A ideia de incluir o *queer* vem ao encontro do diálogo defendido pelos estudos *crip*, de que aqui as diferenças não são desconsideradas ou apagadas por uma categoria normalizante. Pelo contrário, a inserção do diferente e a apropriação de sua diferença pelos sujeitos – nesse caso, Sam – possibilita *queerizar* a inclusão, pois ela não terá em seus moldes uma diferença definida. “Quando se abstrai a diferença, para se chegar a um sujeito universal, a inclusão perde o seu sentido. Conceber e tratar as pessoas igualmente esconde suas especificidades” (MANTOAN, 2017b, p. 27). Frente a isso, podemos concluir que a inclusão não é algo construído *a priori*, mas é, na verdade, uma ética que se reconstrói a todo instante, diferenciando-se a todo momento para que assim possa abarcar todos, todas e todes.

Após ter sido aprovada em reunião, vemos Paige espalhando cartazes sobre a Noite Silenciosa pela escola na companhia de Sam, que comenta “quando se tem uma namorada, sempre há regras a aprender” (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 6, 2017). Paige então pede para que Sam ande com ela de mãos dadas no corredor.

Ao ver Paige divulgando o baile, Casey se aproxima e ao ler a notícia, diz:

Casey: Baile silencioso?
 Sharice: O que é isso?
 Sam: Um modo melhor de fazer um baile, com todos ouvindo as músicas em fones de ouvido.
 Paige: Começou com as raves no meio do mato para drogados, mas é bom para quem tem problemas sensoriais.
 (...)
 Casey: Você organizou tudo só para o Sam?
 Paige: Sim.
 Casey: Muito legal, Paige.

Paige: Bem, é isso que se faz quando se ama alguém.
(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 7, 2017)

FIGURA 26: Paige divulgando os pôsteres do Baile Silencioso.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

Logo que Paige disse pela primeira vez que ama Sam, todos e todas permanecem em silêncio.

Paige: Sam! É a primeira vez que dizemos isso um ao outro. É tão especial.

Sam: Eu não falei nada.

Casey: Vamos indo.

Sharice: Tchau.

Paige: Eu sei, por causa do autismo, você não pode saber se me ama ainda. Eu entendo. Mas, se descobrir até quinta, será ótimo, porque vamos ao Olive Garden com a minha família e podemos contar a eles.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 7, 2017)

Enquanto Sharice e Casey permanecem surpresas com a fala de Paige, nós podemos notar que Sam continua com a mesma reação, aparentemente indiferente. Frente a isso, podemos pensar que enquanto as meninas compreenderam a seriedade e importância da fala de Paige, Sam aparenta não perceber e entender seu significado. Entretanto, ao encontrar Zahid no trabalho, o personagem conta ao amigo o que houve mais cedo na escola:

Sam: A Paige me ama.

Zahid: Preciso ir. Amor? Cara, isso é sério. Eu amo amor. Se contar para alguém, mato você. E o que você disse?

Sam: Eu não soube o que dizer.

Zahid: Você a ama?

Sam: Não sei. Preciso saber até quinta, quando conhecer os pais dela.

Zahid: Você não pode conhecê-los sem saber se é sério. E se gostar deles? (...) Aí parece que levou dois foras, o que é uma droga.

Sam: Acho que o pai de Paige se chama Mario. Eu lembro por causa do “Super Mario”.

Zahid: A questão é: você não pode ir fundo nisso sem saber se também a ama.

Sam: Mas... e quanto a agasalhar o croquete? Tenho camisinhas. Já vi peitos. Estou pronto.

Zahid: Sinto muito. O frio já passou, meu amigo. A terra do amor é bem mais quente. Ainda pode agasalhar o croquete, claro. Ficar juntinhos no calorzinho, mas não até resolver o lance do amor.

Sam: Mas... como sei se estou amando?

Zahid: Você simplesmente sabe. Simplesmente sabe.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 7, 2017)

5.4. Sam Gardner e as práticas de si

Inundado por novas experiências, Sam busca aprender cada vez mais sobre as relações humanas, compartilhando com aqueles que estão ao seu redor sobre os acontecimentos de sua vida, assim como fez com Zahid sobre Paige ter dito que o ama. Durante uma conversa com seu pai – em que Sam pede para que seu pai monte um iglu para a Noite Silenciosa –, o adolescente expressa sua inquietação a Doug:

Sam: A Paige disse que me ama, mas não sei se a amo. O Zahid disse que você simplesmente sabe, mas eu não sei. É tanta coisa nova acontecendo. Não gosto de coisas novas, a menos que sejam iguais às velhas, mas tudo é novo... baile, amor, Olive Garden.

Doug: Olive Garden?

Sam: Eles têm pães ilimitados, mas o que isso significa? Tem que haver algum limite.

Doug: Fique calmo, Sam. Vamos pensar no que fazer, certo?

Sam: Ok.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 7, 2017)

O personagem desabafa as novidades que vem ocorrendo em sua vida, não somente o namoro com Paige, mas tudo o que acaba por envolvê-lo, como o baile, a compreensão do que é amar e ser amado por alguém, ser apresentado para os pais de sua namorada e, consequentemente, ter de ir a lugares que podem ser desconfortáveis. A fim de acompanhar seu filho, Doug vai até o Olive Garden para que Sam possa realizar alguns questionamentos acerca do cardápio do restaurante. Esse ritual de Sam é explicado pelo próprio personagem, que compartilha: “às vezes, quando vou a um lugar novo, minha família me leva antes para eu ver como é. Meu pai chama de ‘sacar a parada’, o que é bobagem, mas é bom saber o que esperar” (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 7, 2017).

Durante a visita ao restaurante, Doug recebe uma ligação de Elsa, que os avisa de que está a caminho do Olive Garden. Com sua chegada, os três sentam-se à mesa.

Sam: A massa é muito boa. Aprovei o ambiente e o macarrão com manteiga. Só preciso saber se amo a Paige.

Elsa fica surpresa: Ama?
 Doug: Tudo bem?
 Elsa: O amor é um sentimento importante. Pode levar muito tempo para surgir, ou acontecer em um instante.
 Sam: Como soube que amava o papai? Seja específica.
 Sam pega seu caderno de anotações,
 Doug: Como soube que amava o papai?
 Elsa: É uma boa pergunta. Eu acho que soube por que... ao acordar, seu pai era a primeira pessoa em quem eu pensava.
 Doug: Isso é legal. Eu não sabia.
 Sam: Pai, como soube que amava a mamãe?
 Doug: Cara... Sua mãe... me torna uma pessoa melhor. E isso é muito importante. É verdade.
 Sam: Algo a mais sobre o amor?
 Elsa: Sim. Você sempre tem seu porto-seguro. Se algo bom ou ruim acontecer, você tem alguém para contar.
 Doug: Muito importante.
 Elsa: Quando comecei no salão, corri para contar a seu pai.
 Doug: Quer outra?
 Sam: Melhor limitar as regras a três. Por favor, não diga mais nada.
 Doug: Certo. Se está feliz, também estou.
 Elsa: Eu também. Estou feliz.
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 7, 2017)

Na próxima cena, Sam atenta-se aos seus pensamentos ao acordar e conclui que Paige foi o primeiro deles. Frente a isso, ele vai correndo para a escola contar a ela. Paige compartilha que também pensa em Sam quando acorda. Desse modo, Sam dá um *check* no primeiro item da lista sobre amar a Paige.

Na cena precedente, Sam e Paige estão andando no corredor da escola.

Paige: Estou estressada com esse baile. São um milhão de coisas. Minha cabeça vai a mil. Minha mãe disse que vou explodir.
 Sam: Quando estou estressado, cito as espécies de pinguins da Antártida. Adélia, Antártico, Imperador, Gentoo.
 Paige: Adélia, Antártida, Imperador, Gentoo. É, funciona um pouco. Agora pode pagar. Cartão.
 Sam entrega o cartão para Paige,
 Paige: O último do dia. Acabaram rápido.
 Sam: Não gosto dessa regra. Eu deveria falar da Antártida sempre que quisesse. Todos têm que saber.
 Paige: Isso funciona. Quanto menos você fala da Antártida, mais falamos da nossa relação. E isso torna você menos chato. Não para mim. Para mim, você é fofo. Mas... para os outros.
 Sam: Isso me torna uma pessoa melhor?
 Paige: Com certeza.
 Sam marca o próximo item da lista.
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 7, 2017).

Durante seu expediente de trabalho, Sam está conversando com Zahid, que está andando de um lado para outro.

Sam: Está fazendo isso para relaxar? Porque também faço.
 (...)
 Zahid: Não. Aproveitei a promoção da *Techtropolis* e comprei um FitBit. Deveria comprar um também para caminharmos juntos.

Sam: Não gosto de exercícios, mas vou contar à Paige sobre o desconto. Ela quer comprar um apontador eletrônico para uso doméstico e...
 Sam pausa e fica surpreso, lembrando do último item da lista
 Sam: Essa é a terceira. Zahid, acho que amo a Paige.
 Zahid: É sério? Abraço-macho. Venha cá, seu ursinho polar. Apertado. Você gosta de pressão.
 Zahid abraça Sam.
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 7, 2017).

FIGURA 27: Sam pensando em Paige ao acordar.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

No mesmo episódio, temos o momento em que Julia aparece na loja onde Sam trabalha à procura de uma televisão. Ao auxiliá-la na escolha, Sam leva o aparelho até o carro de Julia e, antes que ambos se despeçam, Sam comenta sobre o baile. Em algum momento do diálogo surge o assunto sobre a maneira correta de se dançar valsa. Para tornar o exemplo mais lúdico, Julia pede para que Sam se aproxime e, desse modo, conduz a dança. Sam relembra a conversa com Zahid, em que seu amigo diz que quando amamos alguém, nós simplesmente sabemos.

Concomitantemente ao insight, Sam associa o modo como está se sentindo na dança com o amor, esquecendo-se completamente da lista feita sobre Paige.

Ao compreender o que Zahid disse, Sam comparece ao jantar no Olive Garden, mas durante todo o momento continua pensando em Julia, até que decide contar a Paige que ele chegou à conclusão que não a ama. A novidade deixou não somente os convidados da namorada surpresos, como despertou tristeza em Paige. Convicto de seus sentimentos, Sam vai até o consultório de Julia e decide declarar-se. Entretanto, a terapeuta explica, de modo alterado, a impossibilidade de um relacionamento entre os dois. A discussão deixa Sam sensível e no caminho para a casa ocorre uma urgência: Sam tem uma crise dentro do ônibus e é resgatado pelos pais.

Decidido a não ir mais para o baile – afinal, a razão que o motivava era satisfazer o desejo da namorada – Sam permanece em seu quarto deitado até que Zahid chega e pergunta o que aconteceu. Após atualizar seu melhor amigo sobre o ocorrido com Paige e Julia, Zahid continua animando Sam para ir ao baile, pois é uma oportunidade de ambos poderem ver e flertar com outras garotas. No meio da conversa, os dois ouvem uma gritaria na rua. Ao aproximarem-se, temos a cena de Paige expressando sua raiva e tristeza em relação ao ex-namorado. Depois de toda a situação, Sam se dá conta de que precisa desculpar-se com Paige, pois a machucou do mesmo modo que Julia o machucou.

Durante todo este trabalho, nós buscamos analisar a formação e o desenvolvimento da experiência da sexualidade de Sam, cientes de que ela por si só envolve outros aspectos, como, por exemplo, a maneira pela qual nos sentimos em relação ao outro (orientação sexual), o modo que nos identificamos (gênero) e questões que envolvem as relações, como a descoberta de sentir-se atraído ou apaixonado por alguém. Ainda que a troca de experiências com os demais personagens tenha possibilitado a expedição de Sam, é útil pensarmos na relação que se estabelece entre si e o outro. Nesse caso, entre Sam e a sociedade como um todo. Neste processo, Sam foi levado a reconhecer-se como um sujeito de desejo. Para que possamos compreender esse percurso, temos de:

Analisar as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos de desejo, estabelecendo de si para consigo uma certa relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade de seu ser (FOUCAULT, 2017, p. 10).

Como ponto de partida para a discussão, podemos utilizar as dicas que Sam foi anotando no decorrer da série, referentes ao momento do flerte, ao modo como podemos nos relacionar com outra pessoa ou à preparação para a primeira relação sexual. Entretanto, tais conselhos não

devem ser vistos de modo literal, como se o seguimento de algumas pistas levasse a apenas uma realidade possível, pois, no decorrer desse caminho – que não é teleológico –, o sujeito constitui a si mesmo. A partir de um pensamento que lhe é estranho – ou seja, que é reproduzido por discursos dominantes na sociedade – Sam tem a possibilidade de pensar diferentemente e de produzir novos saberes, por meio de reflexões filosóficas.

Para aprofundar-se em seu pensamento, Foucault (2010) cita o texto “O que é o *Aufklärung*?”³⁰ de Immanuel Kant (2003), em que o filósofo refere-se a importância do sujeito fazer uso de seu próprio entendimento frente às questões do presente, como, por exemplo, quando um sujeito identifica-se com uma religião – que possui sua filosofia –, mas ainda assim consegue questionar, reconhecer-se e se diferenciar a partir da reflexão filosófica de suas experiências, possibilitando que o sujeito passe a fazer parte desse processo, sendo dele tanto elemento quanto autor. O sujeito, quando se posiciona numa prática, produz outros saberes a partir da relação consigo.

Ao apreender os saberes que circundam as pessoas ao seu redor, Sam não está deixando de lado sua singularidade e adotando completamente o que é tido como verdadeiro ou falso pelos discursos. Pelo contrário, por meio de uma reflexão ele consegue trazer seus pensamentos e desejos à tona. Tudo o que antecede Sam – regras sociais e costumes, sendo eles majoritariamente normativos – pode ser indagado no presente, pois as técnicas de si carregam a interrogação sobre a nossa atualidade. Perante isso, temos a valorização do que Foucault (2017) denominou de *artes da existência*:

Deve-se entender, com isso, práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo. Essas “*artes da existência*”, essas “*técnicas de si*”, perderam, sem dúvida, uma certa parte de sua importância e de sua autonomia quando, com o cristianismo, foram integradas no exercício de um poder pastoral e, mais tarde, em práticas de tipo educativo, médico ou psicológico (FOUCAULT, 2017, p. 16)

Quando o filósofo fala sobre práticas disciplinares, nós podemos retomar para o debate a visão do modelo médico da deficiência, que desconsidera as diferenças dos sujeitos, resumindo-os ao diagnóstico. Tais discursos educativos, médicos e psicológicos são os mesmos que colocam o modo de Sam se relacionar como atípico, seja porque ele possui uma sensibilidade auditiva ou porque tende a ser literal durante as conversas sociais. Enquanto as práticas de normatização tendem a reproduzir o mesmo, as técnicas de si possibilitam a produção do novo. Há algo de intrínseco nas técnicas de si, representado pela ética. Enquanto a moral é vista como

³⁰ Tradução em português: “O que é o Esclarecimento?”. Para mais informações ver em Immanuel Kant (2003).

algo prescritivo, sendo reproduzido por inúmeros aparelhos da sociedade, a ética é o modo pelo qual o indivíduo se conduz, levando consigo o que respeita, acredita e sente, para “manter seus sentidos num estado de tranquilidade, permanecer livre de qualquer escravidão interna das paixões e atingir um modo de ser que pode ser definido pelo pleno gozo de si ou pela soberania de si sobre si mesmo” (FOUCAULT, 2017, p. 39).

Tendo consigo uma bagagem de experiências, Sam decide ir atrás do colar perdido de Paige, pois sabe o apreço que sua ex-namorada tem pelo artefato³¹. Para isso, Sam decide vestir-se e ir até a escola – onde está ocorrendo o baile no mesmo instante –. Chegando lá, refaz toda a rotina de Paige, visto que ele havia decorado os horários e ambientes em que ela esteve. Entretanto, mesmo tendo feito todo o trajeto, Sam não encontra o colar. Eis que o personagem lembra que sua ex-namorada teve aula de natação no dia em que perdeu o presente e vai até o ginásio, onde encontra o colar a olho nu na piscina. Contudo, Sam comenta com Zahid sobre não gostar de entrar em piscinas utilizadas por pessoas desconhecidas. Parece ser o fim da busca, mas somos surpreendidos com a decisão de Sam entrar na piscina, pegar o colar e entregá-lo a Paige.

Notamos que, a seu modo, Sam sempre esteve atento e presente em seu relacionamento, pois acompanhava Paige em sua rotina, realizava mudanças em seu comportamento para não ser tão irritante, assim como suportava com demasiada sinceridade o jeito exagerado de sua namorada. Além disso, a decisão de adentrar a piscina, indo contra seu próprio conforto, pode ser entendida como uma demonstração de afeto do personagem. Se levarmos em conta o trabalho de Foucault (2017) sobre as técnicas de si, podemos olhar para essa cena como um momento em que Sam revê suas experiências e, sendo fiel a seu sentimento, percebe que gosta de Paige, entregando a ela o colar.

Sam: Encontrei isso.

Paige: Como? Por quê?

Sam: Como? Eu refiz os seus passos de terça e achei na piscina. Por quê? Porque eu me sinto mal por ter magoado você. É o meu pedido de desculpa. Você me perdoa?

Paige: Vá para o iglu em dois minutos.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 8, 2017).

FIGURA 28: Sam chegando todo encharcado ao Baile Silencioso e entregando o colar de Paige.

³¹ Durante o episódio 8, haverá um momento em que Paige aparece na casa de Sam e em uma de suas falas, compartilha que havia perdido o colar ganhou de presente, ressaltando o quanto gostava dele.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

5.5. Um brinde à *amizahid*

Desde o primeiro episódio da série, podemos perceber que Sam está decidido a compreender de que modo os namoros acontecem e, nesse percurso, é comum que as dúvidas comecem a surgir. Por causa disso, a rede de apoio do sujeito torna-se uma importante fonte de informação, pois há uma troca de experiências, na qual aquele que já passou por determinada situação aconselha o outro. Podemos presenciar isso não somente na relação entre Sam e sua família, mas principalmente na sua amizade com Zahid. Afinal, não podemos deixar de considerar que seu amigo está muito mais próximo de suas vivências tanto pela idade quanto pelo fato de trabalharem juntos.

Diferentemente de Casey, que acredita na possibilidade de Paige estar namorando o seu irmão por outras razões que não envolvam um amor verdadeiro, de Elsa, que invisibiliza a sexualidade de Sam, deixando-o inseguro, Zahid relaciona-se com Sam e suas diferenças, independentemente de elas fazerem parte ou não do Transtorno do Espectro Autista. Com isso,

o amigo leva em conta os desafios, curiosidades e experiências do amigo como algo singular e comum. Em nenhum momento presenciamos Zahid julgando Sam por uma matriz corponormativa e capacitista, pelo contrário: na medida do possível e com seu jeito descontraído, Zahid sempre pontua o quanto todos nós somos esquisitos e que ninguém é normal. Sendo ele o confidente número um do personagem, ao encontraram-se no expediente, Sam compartilha:

Sam: A Paige quer que eu vá com ela ao Baile de Inverno. Parece idiotice.
 Zahid: Que droga.
 Sam: E depois ela quer que eu vá à casa dela, porque os pais estarão em Pittsburgh.
 Zahid: Espere. Os pais dela estarão fora e ela ‘quer você lá’?
 Sam: Sim.
 Zahid: Cara, que incrível.
 Sam: Por quê?
 Zahid: Significa que ela quer ir lá embaixo.
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 6, 2017)

Frente a última fala de Zahid, notamos que Sam olha para baixo, entendendo a frase de modo literal. Ao estar atento à tendência de Sam em interpretar diálogos literalmente, Zahid logo explica o que quer dizer “ir lá embaixo”:

Zahid: Sexo, cara.
 Sam: Acho que não. A Paige não falou nada sobre sexo.
 Zahid: Claro que ela não disse nada. Elas não falam isso, elas usam códigos. ‘Lá em casa’ é o código para ‘fazer sexo’.
 Sam: Não acredito.
 Zahid: Acredite: ela quer agasalhar o croquete.
 Sam não entende.
 Zahid: Sexo. De novo, sempre entenda como sexo.
 Sam: Vou perguntar a ela.
 Zahid: Não.
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 6, 2017)

Se por um lado temos Zahid, um adolescente com mais experiências, que compreende alguns códigos que permeiam as relações e o flerte, de outro, temos Sam e sua tendência à literalidade. Ou seja, quando as coisas não são ditas diretamente, elas não passam em sua mente até que isso seja verbalizado. Para verificar se o pensamento de seu amigo está correto Sam decide, então, procurar Paige na escola,

Sam: Com licença, Paige? Quando você disse para ir à sua casa depois do baile, você quis dizer ‘fazer sexo’?
 Paige fica sem reação.
 Paige: Talvez.
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 6, 2017)

Podemos observar que a resposta de Paige continuou com o caráter indireto e, desse modo, a dúvida de Sam persistiu.

Sam: Ela disse ‘talvez’.
 Zahid: Nesse caso, ‘talvez’ significa ‘sim’.
 Sam: Vou perguntar a ela.

Zahid: Não pergunte, cara.
(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 6, 2017)

Pacientemente, Zahid explica os códigos existentes nas respostas de Paige. Entretanto, Sam não está satisfeito e procura novamente sua namorada e questiona: “com ‘talvez’, você quis dizer ‘sim’?”. Paige esboça um sorriso e responde que sim. Em seu próximo expediente, Sam compartilha com Zahid,

Sam: Ela quer fazer sexo.
Zahid: Eu falei, cara!
Sam: Sim, você falou. A possibilidade de sexo torna o baile bem mais interessante.
Zahid: O que está esperando, Cinderela? Prepare-se para o baile. E vai ser um baile bola dentro.
(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 6, 2017)

Agora, com Sam sabendo do desejo de Paige em ter uma relação sexual, Zahid continua preparando o amigo para esse grande momento, levando-o até uma farmácia.

Zahid [em voz baixa]: Sam, venha cá. Comprar camisinha é sempre constrangedor. Mas não precisa ter vergonha.
Antes que Zahid termine de falar, Sam se vira em direção ao atendente da farmácia.
Zahid: Você...
Sam: Preciso de camisinhas para sexo. Mas quero conhecer o produto. Posso fazer perguntas?
Atendente: Diga.
Sam: Posso testá-las antes?
Atendente: Não.
Sam: Como as coloco?
Atendente: Veja na internet?
Sam: Sabia que elas são feitas de couro?
Atendente: Não sabia.
Sam: Posso devolver se não couberem ou se eu não fizer sexo?
Atendente: Certamente não.
Sam: Algumas dizem “aumenta o prazer”. É garantido? Se não for, há um número para ligar?
Atendente: Nunca me perguntaram isso antes.
Sam: Ok. Só mais algumas perguntas.
Atendente: Estas são as melhores. Pronto, leve essas.
Zahid: Pronto, Sammy, agora está pronto. Você está pronto para agasalhar o croquete.
Sam começa a ler a embalagem,
Sam: “Todas são testadas eletronicamente”. Que bom.
(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 6, 2017)

Aqui presenciamos alguns aspectos de Sam já vistos anteriormente: sua tendência a ser literal e desejar que os outros sejam mais claros, bem como a dificuldade em compreender todas as regras sociais implícitas nas relações. Nessa cena, diferentemente de Zahid – um garoto neurotípico que detecta com mais facilidade os códigos culturais –, Sam não vê problemas em solicitar camisinhas no balcão da farmácia, pois para ele os acontecimentos demandam atitudes mais concretas. Por exemplo: ao relacionarmos sexualmente com alguém, devemos usar camisinha. Logo, se Sam terá a oportunidade de transar com sua namorada, ele precisará comprar camisinhas. Portanto, para o personagem, a vergonha ou a repressão que os

adolescentes como Zahid podem sofrer ao falar abertamente sobre sexo não existe. A cena estabelece um contraste com o constrangimento, apontado em outras pesquisas, de jovens, meninos e meninas expressando ausência de coragem para comprar camisinha por sentirem vergonha de explicitar seu desejo sexual para outrem (PASTANA & MAIA, 2012; RIBEIRO, PICHELLI & SILVA, 2015). Dessa forma, podemos inferir que a série dialoga com o tema da sexualidade de jovens para além da questão da deficiência, valendo-se da literalidade oral com a qual o personagem expressa seus sentimentos, dúvidas e descobertas.

FIGURA 28: Sam na farmácia com Zahid.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

Temos outro momento em que o assunto sexualidade vem à tona e Sam troca informações com um garoto de sua idade. Ao chegar em casa, Elsa chama Sam para conversar com o filho de sua colega de grupo e cliente – que também é autista –, enquanto ela corta o

cabelo. Sam diz não ter nenhum assunto em comum com o garoto, mas atendendo ao pedindo persistente da mãe, sobe com o rapaz para o quarto onde tentam conversar.

Visita: Pontes?
 Sam: Não. Geleiras?
 Visita: Não. Motocross?
 Sam: Não. Natureza?
 Visita: Não. Sexo?
 Sam: Sim. Nunca fiz antes, mas espero fazer em breve, depois do Baile de Inverno.
 Visita: Quê? Com quem?
 Sam: Minha namorada, Paige.
 Visita: Já passou pelas fases?
 Sam: Que fases?
 Visita: As fases. A primeira é beijar. A segunda, peitos. A terceira, partes íntimas. E a principal? O sexo! Essa é a ordem. Meu primo trabalha lavando carros e entende muito de mulher.
 Sam: É uma fonte rica.
 Visita: Só se pode ter sexo depois de todas as fases. É regra.
 Sam: Escrevo todas as regras aqui.
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 6, 2017)

Enquanto a visita fala sobre os passos a serem dados antes de se ter a primeira relação sexual, Sam vai anotando as dicas em seu caderno. Podemos considerar que, independentemente da neurodiversidade, a perda da virgindade é um rito de passagem em que os sujeitos saem de uma condição sexual para outra, tanto para meninos quanto para meninas. Existem, ainda, aqueles e aquelas que desejam esperar o momento certo e especial, sendo comumente vivido com alguém por quem se tem sentimentos, bem como tem indivíduos que desejam ter logo a sua primeira transa, sem necessariamente esperar a “pessoa certa” ou o “momento certo” (ALTMANN, 2007).

Ao dar-se conta que o único item da lista que ainda não realizou foi ver seios, Sam chega ao trabalho e conta a Zahid:

Sam: Não posso agasalhar o croquete.
 Zahid: O que foi?
 Sam: Como poderei fazer sexo se eu nunca vi peitos?
 Zahid: É esse o problema? Olhe, quando eu era criança, eu tinha medo de água. Aí meu pai decidiu que eu deveria aprender a nadar. Então ele me jogou no fundo da piscina. Agora eu nado feito uma lontra, você conhece bem.
 Sam: Claro, elas ficam até quatro minutos sob a água, mas o que nadar tem a ver com o sexo?
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 6, 2017)

Frente a insegurança do amigo, Zahid encara Sam enquanto tem uma ideia, e em seguida a cena muda para outro estabelecimento.

Sam: Não é uma piscina.
 Zahid: Não, é um bar de strippers. Assim você estará preparado e não surtará com os peitos da Paige. Está pronto?
 Sam: Sim.
 (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 6, 2017)

O bar possui muitas luzes coloridas e muito som. A princípio Sam tenta entrar, mas logo que a porta fecha, ele retorna.

Sam: Não vou fazer isso. Muitas luzes, muito som. Sem chances.

Zahid: Talvez tenha sido uma má ideia. Agora eu lembrei que ainda tenho pesadelos em que uma boia parecida com meu pai me devora. Acha que tem relação?

Sam está ofegante,

Zahid: Ei, cara. Tudo bem. Você se saiu bem.

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 6, 2017)

Presenciamos novamente Zahid tendo paciência com as limitações de Sam e ao considerar que o amigo não conseguirá permanecer no bar, Zahid pergunta se ele pode rapidamente ir comer algo lá dentro. Sam concorda e diz que o espera do lado de fora. Logo que Zahid entra, uma stripper que está do lado de fora fumando se aproxima de Sam.

Stripper: Eu entendo, garoto. Eu trabalho aqui e também acho barulhento demais. Uso tampões de ouvido.

Sam: Tampões podem causar um zumbido nos seus ouvidos. Uso fones canceladores de ruído. São melhores. Deveria experimentar.

Stripper: Sou Destiny.

Sam: Sam Gardner.

Destiny: Por que está aqui sozinho, Sam Gardner?

Sam: Minha namorada quer transar, mas estou nervoso e despreparado. Nem sequer já vi peitos.

Destiny: Quer um conselho?

Sam: Sim, por favor.

Destiny: Seja carinhoso com ela. É o que realmente importa. Não se preocupe com o sexo. Uma hora a biologia mostra o caminho.

Sam: Biologia é minha matéria favorita.

Destiny: Bom pra você. Só para você se sentir mais preparado.

Neste momento Destiny mostra os seios para Sam, deixando-o sem reação.

Destiny: Boa sorte com a namorada.

Destiny entra no bar e Zahid se aproxima de Sam, que ainda está sem reação.

Zahid: O que eu perdi?

(ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 6, 2017)

Durante as últimas cenas, vemos Sam se preparando para ter sua primeira relação sexual com Paige, tendo como guia a lista com diversos itens compartilhados durante conversas com outros personagens. Para além da sistematização enquanto traço do espectro autista, nós podemos observar também que Sam acredita que as experiências são parecidas para todos e todas. Portanto, ao completar os itens da lista, ele estaria preparado ou teria obtido todo o conhecimento necessário sobre seus sentimentos, como, por exemplo, a lista criada para descobrir se ele ama ou não Paige. O conflito que Sam vivencia ao sentir algo único por Júlia durante a dança realizada no estacionamento da *Techtropolis* sinaliza que, mesmo sendo conduzido por uma lista de sinais, há algo de incapturável e singular no modo como nos sentimos e relacionamos, que, conseqüentemente, foge de um modelo imposto.

O término de Paige com Sam ganha uma nova dinâmica a partir do Baile Silencioso, em que Sam entrega o colar perdido a ex-namorada e em seguida, a reencontra no iglu – construído por seu pai para o Baile Silencioso – e recebe sexo oral de Paige. Entretanto, a personagem declara ainda estar magoada com Sam e decide manter um tempo no namoro dos dois. A princípio, Sam demonstra estranhamento frente ao dilema “como é possível receber sexo oral sem estar namorando com Paige?” e o início da segunda temporada trabalha com a experiência de Sam viver um relacionamento amoroso casual enquanto ambos não reatam o namoro oficial. Sendo assim, pontuamos que a história se desenrola pelas próximas três temporadas, pois *Atypical* teve sua produção encerrada ao final de 2021 (AUTISMO & REALIDADE, 2021).

FIGURA 29: Destiny mostrando os seios para Sam.



Fonte: Aplicativo da Netflix.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento, me reencontro com os percalços desta pesquisa para este breve encerramento, retomando questões introdutórias. Sendo a pesquisa iniciada em 2020, ainda em um mundo pré-pandemia, relembro que durante o aprofundamento teórico percebi a predominância de trabalhos que contavam com a narrativa de neurotípicos frente a sexualidade dos autistas, como por exemplo, relatos de familiares e profissionais, tais produções foram majoritariamente realizadas na virada do século XX para XXI. O tímido avanço de trabalhos científicos que proporcionam um espaço de escuta para os autistas, passa a ocorrer a partir de 2016, dando voz para que os autistas possam compartilhar a sua compreensão sobre a sexualidade e a sua constituição enquanto sujeitos sexuados.

A vista disso, identifiquei que a produção de saberes sobre autismo e sexualidade possuem duas gerações: a primeira, a partir de narrativas neuronormativas, visto que as pesquisas eram realizadas majoritariamente por neurotípicos e coletava informações da sexualidade dos autistas por meio da visão de neurotípicos. A segunda geração, em que pesquisadores passam a adotar outras categorias analíticas que questionam a normatividade, potencializando as vozes de autistas para que esse público possa falar *de si e por si*, expressando e produzindo seus saberes e novos modos de vida.

Sendo eu, uma pesquisadora neurotípica, fui atravessada pelo tema enquanto profissional e espectadora, em uma sociedade que vem nos últimos anos produzindo inúmeros discursos sobre a sexualidade dos autistas. O primeiro desafio desta pesquisa surge quando somos desolados por uma pandemia que nos impõe o isolamento social como única possibilidade da contenção de um vírus que por meses, não possuía uma vacina. De que modo eu, uma pessoa neurotípica, poderia aproximar-me do público de minha pesquisa em um momento tão conturbado, considerando todo o cronograma e tempo que uma pesquisa de mestrado possui?

A escolha da série *Atypical* como texto-filme, possibilitou a captura de discursos mesmo quando aparentemente estamos sós, enquanto uma pedagogia cultural que possui modos de endereçamento que nos fazem questionar sobre a sexualidade. Fazer ciência fora do ambiente universitário e dentro de casa, aparentemente isolada, fez com que o polimorfismo dos dispositivos de saber-poder pudesse ser visto a olho nu. Com isso, enfatizo os dispositivos educacionais para além de prédios institucionais, considerando a pedagogia que acaba por entrar em nossas casas. A série se apresentou como um importante artefato cultural que acessa

sujeitos que estão fora do ambiente acadêmico, pois além de possuir uma abordagem mais dinâmica, ela traz informações para dentro da casa dos cidadãos neurotípicos e neurodiversos.

Todavia, se uma das críticas centrais deste pesquisar é sobre como produções acadêmicas invisibilizavam e silenciavam os autistas, de que modo eu poderia continuar seguindo em frente sem ouvir as vozes que eu tanto desejo? Ressalto o meu compromisso ético-político que obtive em todo esse caminhar e concluo que o encontro com referenciais teóricos que adotam a perspectiva da inclusão e neurodiversidade possibilitaram o encontro de respostas para a pergunta de pesquisa, que não se refere somente aos autistas, mas aos neurotípicos, em que pudéssemos refletir também sobre “o que seria a constituição de uma sexualidade ‘típica’?”.

Durante a análise fílmica foi possível concluir que, mesmo de modo ficcional, a narrativa trazida por *Atypical* está em consonância com as pesquisas científicas até então realizadas sobre a sexualidade dos autistas, em que tais sujeitos são constantemente invisibilizados e estigmatizados. São exemplo, os sentimentos despertados na família ao notarem as expressões da sexualidade de seus filhos(as) ou irmã(os) neurodiversos; o receio e a censura frente às perguntas ou instruções de como vivenciar a sexualidade de modo saudável e autêntico; a predominância de perspectivas normativas que marginalizam as singularidades em defesa de uma suposta sexualidade dócil e natural; o controle de familiares frente às oportunidades de criação de vínculos, impossibilitando a possibilidade de o sujeito compreender as emoções e o modo pelos quais as relações sociais se constroem, retirando dos autistas o direito a autonomia e a sexualidade.

Ressaltamos o caráter ético-político de *Atypical* ao construir um personagem autista que compartilha conosco pensamentos e sentimentos, mostrando aos telespectadores o sofrimento que matrizes normativas podem causar em suas vidas e desse modo, colocando-o como protagonista de sua narrativa. Frente a isso, identificamos que a série se ateve a visualidade da sociedade que persistia na invisibilização da sexualidade dos autistas e, portanto, passa a trabalhar com este imaginário ao endereçar-se não somente aos discursos sobre os autistas, mas principalmente sobre a constituição de uma suposta sexualidade “típica” e normal. Além de fornecer espaço para uma narrativa que luta pelo reconhecimento dos autistas enquanto sujeitos de direito, trazendo visibilidade para um público que por muito tempo não teve sua existência legitimada, bem como sua sexualidade.

Os modos de endereçamento que atravessam os espectadores possibilitam a produção de novos saberes acerca da temática, oportunizando que famílias com ou sem integrantes autistas possam olhar e ouvir corpos que antes eram tidos como abjetos, bem como profissionais da saúde e educação. Ao acompanharmos o caminho traçado por Sam Gardner para encontrar

uma namorada, conseguimos refletir como os discursos, sejam eles familiares (Elsa, Doug e Casey), médicos (Julia) e interpessoais (Zahid, Paige, Evan) direcionam-se aos corpos e, podem acabar docilizando-os em busca de uma normatização. Entretanto, ao fazer com que Sam persista e abrace a sua singularidade, a série passa a abordar não apenas aos autistas, mas sobre como todas, todes e todos nós somos levados e levadas a constituirmos nossa sexualidade. Frente a isso, denuncia uma matriz corponormativa compulsória que defende a ideia de corpos naturais com um único neurodesenvolvimento possível, ou seja, neurotípicos.

Um dos objetivos da pesquisa envolveu o diálogo interseccional entre cinco movimentos teóricos-políticos: os feminismos, os estudos sobre gênero, os estudos *queer*, os estudos sobre deficiência e a neurodiversidade. O debate possibilitou a reflexão sobre como os transtornos mentais, assim como o gênero e a deficiência, podem ser abordados enquanto categorias socialmente construídas, variando de acordo com o que uma sociedade tende a supervalorizar em seus cidadãos. Por exemplo, a perspectiva da pedagogia da sexualidade junto a neurodiversidade possibilitou o reconhecimento de novas esferas que pedagogizam os corpos, não mais referindo-se apenas a masculinidade ou feminilidade, mas também a maneira pela qual nós desenvolvemos e construímos relações afetivas, demonstrando o quanto a sociedade tende a naturalizar as emoções e condutas dos sujeitos, encaixando aqueles que não seguem as normas desejadas em categorias psiquiátricas.

Dentre tantos avanços proporcionados pela segunda e terceira onda do feminismo, encontra-se a urgência da utilização da interseccionalidade enquanto categoria analítica a fim de garantir que todas as esferas e marcadores sociais da diferença sejam pensados. Frente a isso, é inevitável pontuarmos o quanto a série *Atypical* representa um pequeno nicho da população norte-americana e do Norte Global, diferenciando-se completamente da realidade vivida pelos países da América Latina, que infelizmente ainda sofrem os efeitos dos séculos de colonização e precarização da vida. Ao construir a figura de Sam enquanto homem, branco, neurodiverso, estadunidense e de classe média-alta que possui fácil acesso aos serviços educacionais e de saúde, a série deixa de lado marcadores sociais como classe, raça, etnia, gênero e geração. Portanto, mesmo sendo um personagem neurodiverso, Sam acaba reproduzindo um padrão.

Sendo assim, mesmo após reconhecer a proximidade dos campos, no decorrer da construção teórica e da análise fílmica, identifiquei um distanciamento considerável entre tais movimentos; quando digo distanciamento não estou falando sobre a impossibilidade de uma mesma luta, mas sim sobre a ausência de diálogos *entre* e *sobre* todos. O tímido avanço dos estudos sobre deficiência denuncia o quanto as pautas dos feminismos e os estudos de gênero ainda não incluem em suas pautas os corpos com deficiência. Frente a tais impasses, passei a

refletir sobre as possibilidades de aproximações entre os campos, de modo que autores dos Estudos *Queer* mostraram sua potência enquanto movimento político, pois trazem consigo a crítica constante das normatividades, independentemente de quais aspectos estejam sendo debatidos: o gênero, o corpo, a raça, a idade, a capacidade e quais as inúmeras capacidades, colocando todos os corpos na perspectiva de multidões *queer*.

A análise fílmica de *Atypical* ressaltou o quanto os personagens neurotípicos também estão imersos em suas experiências e o quanto elas também moldam cada um deles, pois os discursos normatizadores estão presentes em corredores escolares, nos relacionamentos afetivos, nas representações culturais, na formação profissional dos sujeitos. Desse modo, o diálogo com os Estudos *Queer* forneceu reflexões que possibilitaram a compreensão de que, embora os neurodiversos e neurotípicos sejam vistos como antagônicos, eles são formados pelos mesmos dispositivos. O que irá categorizá-los é a aderência frente a determinadas regras, condutas e costumes, enquanto os outros que resistem às normas, são taxados de diferentes.

O *queer* encerra a subdivisão do sujeito em categorias, pois ele percebe o quanto este movimento tende a encerrar e cristalizar a subjetividade do sujeito – inclusive, os estudos *queer* questionam a própria categoria de sujeito. Se entre teóricos e teóricas dos feminismos e estudos de gênero encontramos raríssimas citações aos corpos com deficiência, os estudos *queer* fornecem debates teóricos-filosóficos que possibilitam o avanço. E de fato avançamos. Ainda que nas últimas décadas, esses campos tenham utilizado categorias analíticas muito próximas ao buscarem desnaturalizar e desconstruir discursos hegemônicos, aparentemente a questão sobre “quem é o verdadeiro sujeito político?” impossibilitava o trabalho conjunto de pautas que ainda tinham em suas práticas a busca pela hierarquização das opressões ao invés de vê-las como intersecções.

Por meio da aproximação entre os estudos *queer* e os estudos sobre deficiência, vemos o surgimento dos estudos *crip* e a corponormatividade enquanto ferramenta analítica. Penso que as criações e citações de conceitos como matrizes “corponormativas”, “heteronormativas” e “neuronormativa” a fim de localizar e denunciar estruturas sociais que produzem e excluem as diferenças ao criar a abjeção, devem ser utilizadas com demasiado cuidado e constante análise. Pois ao mesmo tempo em que defendem o direito à diferença ao denunciarem dispositivos normativos, as mesmas categorias podem acabar reiterando negativamente a diferença ao criarem cada vez mais categorias da diferença, de modo a distanciar cada vez mais os sujeitos e não os aproximar.

Frente a este impasse, questiono de que modo seria possível abraçar as heranças de tais estudos, mas ao mesmo tempo frisar a importância da cautela e reflexão constante. Penso que

diferentemente da nomenclatura “heteronormatividade” e “neuronormatividade”, consideramos a potencialidade inerente da categoria “corponormativa”, pois traz para seu nome o local onde o poder age: no *corpo*. Sendo que o corpo é constantemente atravessado pelo poder, bem como é por meio dele que vemos contrapoderes. Trago o corpo não enquanto anatomia, sistema nervoso, força vital, sentimentos, sensações, gênero, raça e capacidade, mas sim como produção discursiva sócio-histórica, de modo a questionar “o que é o corpo” e “o que pode um corpo?”. O regime corponormativo pode ser ampliado a partir do momento em que compreendemos que o corpo é uma produção discursiva.

As vivências dos personagens de *Atypical* demonstram o quanto não somente Sam é vítima de um regime neuronormativo, mas os demais personagens também são construídos por estruturas normativas que atravessam os seus corpos, como por exemplo, a cobrança que Elsa tem para que Casey tenha um comportamento e visual mais feminino; o conflito interno que Casey e Izzie aparentam vivenciar ao refletirem sobre a sua heterossexualidade. Penso que o diálogo entre tais campos pode fornecer potentes ferramentas analíticas, pois demonstram o quanto o corpo vem sendo constantemente atravessado pelo poder de diferentes formas. Entretanto, ainda são escassas as produções brasileiras sobre o tema, observamos que, a tímidos passos, o assunto sobre a sexualidade do autismo vem ganhando notoriedade, mas o seu diálogo com os estudos de gênero e *queer* são inexistentes.

Do mesmo modo que os corpos passam por pedagogias da sexualidade que os constituem como sujeitos sexuais, vemos o avanço de pedagogias que não se limitam ao sexo, mas buscam como alvo uma corporeidade capaz, um psiquismo que deve ter a sua máxima de desenvolvimento. Afinal, constantemente vemos a cobrança e defesa de corpos cada vez mais ágeis, hábeis e capazes; e para isso precisam das interações humanas, do bem-estar integral, das emoções à flor da pele. A corponormatividade é o regime imposto aos sujeitos para que seus corpos sejam cem por cento aproveitados, em todas as dimensões e funções: pernas para andar, braços para pegar, olhos para ver, relações para socializar, sexo para reproduzir.

Compreender a constituição do personagem de Sam Gardner e refletir sobre as representações culturais que os autistas possuem na sociedade, possibilitou a compreensão de que a dimensão psíquica, vem sendo alvo de um neurodesenvolvimento tido como natural e, portanto, essencialista. Portanto, o discurso médico tende a desenvolver a psiquiatrização das singularidades ao pressupor que os anormais são os sujeitos como Sam que não contêm suas perguntas, não escondem seus desejos e limites, não conseguem permanecer em locais barulhentos, não compreendem as regras não-ditas e, portanto, expressam suas falhas.

Os autistas enquanto sujeitos que tendem a ser introvertidos, acabam não reproduzindo tais saberes hegemônicos que perpassam as relações sociais e, portanto, aproximam-se cada vez mais de uma ética de si. Por exemplo, se de um lado vemos a família de Sam reproduzindo discursos sobre o quão estranho pode ser determinados comportamentos, por outro lado vemos Sam seguindo seus valores e o que é correto para si, por exemplo, quando Casey ou Zahid davam conselhos a Sam sobre o que pode ser dito ou feito em um primeiro encontro. Ainda que em muitas cenas tenhamos presenciado Sam performando uma suposta normalidade para que pudesse ser visto e incluído na sociedade, e concomitantemente, a própria performance de Sam denuncia o caráter fictício de normalidade; ao final da trama notamos o quanto Sam tende a viver uma ética de si.

Pensar na inclusão para além de tramites legais e do ambiente escolar, mostrou-se uma ferramenta política altamente efetiva para as relações humanas, possibilitando que os sujeitos possam relacionar-se uns com os outros considerando a diferença que cada um carrega, abraçando as singularidades e abandonando uma perspectiva que tende a ser norteadas por modelos dominantes. A relação atravessada pela ética inclusiva compreende que cada sujeito é um e, portanto, ao final não temos uma categoria que os defina, mas sim uma multidão *queer* que busca lutar pelo direito à diferença. A ética inclusiva não está apenas no momento em que Paige questiona o formato do baile de inverno, mas sim na sua relação direta com Sam, com a gestão, com as mães; Paige, assim como Zahid destroem uma dicotomia entre normal/anormal e passam a relacionar-se sempre com o sujeito e o seu modo de ser, sem compará-lo ou categorizá-lo e, portanto, limitá-lo.

Gosto de pensar nesta conclusão enquanto uma herança que destino aos futuros pesquisadores, não desejo que o debate se encerre aqui e que minhas contribuições às produções acadêmicas não sejam questionadas; espero que meu trabalho seja um dos inúmeros produzidos sobre o tema e que cada vez mais encontraremos metodologias que possibilitem dar voz aos autistas. Não somente aos autistas considerados “nível 1 – exigindo apoio”, mas principalmente aqueles que demandam de nós ferramentas acessíveis para que possam expressar-se, pois enquanto pesquisadores temos a tarefa de abrir novos caminhos para um pesquisar inclusivo. Afinal, são apenas os autistas de nível 1 que possuem uma sexualidade? Ou iremos aproximarmo-nos daqueles que são considerados “nível 3 – exigindo apoio muito substancial”?

Percebo que os objetivos aqui traçados foram concluídos, pois conseguiram explicitar regimes de verdade que circulam em nossas relações e o quanto os sujeitos que tendem a reproduzi-los são dados como neurotípicos e normais, enquanto os sujeitos que resistem às normas são abjetos e neurodiversos. Ampliando a compreensão de que não somente nosso sexo

é governado, mas toda a nossa composição corporal, inclusive a maneira como nos sentimos, relacionamos, expressamos. Afinal, a supremacia de manuais diagnósticos vem nos mostrando o quanto nossas forças vitais podem ser extraídas e comercializadas a fim de defender a ideia de que, se você não é visto como normal, a rotina de medicamentos e consultas pode colocá-lo próximo ao modelo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACT UP (Parada Gay, Nova York, 1990). Manifesto *Queer Nation*. **Caderno de Leituras:** Série intempestiva, Belo Horizonte, n. 53, 2016. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno-n-53-manifesto-queer-nation/>. Acesso em: 23 jun. 2021.

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 575-585, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/PthD6cgdcDC7MMvJw5zxXDr/?lang=pt#>. Acesso em: 4 abr. 2020.

ALTMANN, Helena. Educação sexual na escola: o conhecimento científico como critério de verdade. **Instrumento:** Revista de Estudo e Pesquisa em Educação, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18690>. Acesso em: 21 set. 2021.

ALVES, Isabela Guimarães; MOREIRA, Lisandra Espíndula; PRADO, Marco Aurélio Máximo. Saúde de mulheres lésbicas e bissexuais: política, movimento e heteronormatividade. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 12, n. 3, p. 145-161, 2020. Disponível em: <https://pssaucdb.emnuvens.com.br/pssa/article/view/1072/1155>. Acesso em: 25 jan. 2022.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento *et al*, 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANDRADE, Laís Gonçalves de; SANTOS, Daniel Kerry dos. (Re)elaborando sentidos sobre a poliatração: os efeitos da heteronormatividade nas construções das identidades de mulheres bissexuais cisgênero. **Repositório Universitário da Ânima (RUNA)**, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/16573>. Acesso em: 25 jan. 2022.

ANTONUCCI, Roberto. Sexualidade dos portadores de transtornos invasivos de desenvolvimento. In: CAMARGO JR, Walter (org.). **Transtornos Invasivos do Desenvolvimento**: 3º Milênio. Brasília: CORDE, 2005. cap. XV, p. 93-99. Disponível em:

<http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2015/01/Transtornos-Invasivosdo-Desenvolvimento-3%C2%BA-Mil%C3%AAnio-Walter-Camargos-Junior.pdf#page=95>. Acesso em: 24 jun. 2020

AREND, Marcia Helena Rodrigues de Freitas *et al.* A sexualidade em adolescentes com transtorno do espectro autista (TEA): Revisão integrativa. **Research, Society and Development**, [online], v. 10, n. 6, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/15558>. Acesso em: 4 ago. 2021.

ATYPICAL (Temporada 1, ep. 1). Direção: Seth Gordon. Produção: Jennifer Jason Leigh. Roteirista: Robia Rashid, Califórnia: Netflix, 2017.

ATYPICAL (Temporada 1, ep. 2). Direção: Seth Gordon. Produção: Jennifer Jason Leigh. Roteirista: Robia Rashid, Califórnia: Netflix, 2017.

ATYPICAL (Temporada 1, ep. 3). Direção: Seth Gordon. Produção: Jennifer Jason Leigh. Roteirista: Robia Rashid, Califórnia: Netflix, 2017.

ATYPICAL (Temporada 1, ep. 4). Direção: Seth Gordon. Produção: Jennifer Jason Leigh. Roteirista: Robia Rashid, Califórnia: Netflix, 2017.

ATYPICAL (Temporada 1, ep. 5). Direção: Seth Gordon. Produção: Jennifer Jason Leigh. Roteirista: Robia Rashid, Califórnia: Netflix, 2017.

ATYPICAL (Temporada 1, ep. 6). Direção: Seth Gordon. Produção: Jennifer Jason Leigh. Roteirista: Robia Rashid, Califórnia: Netflix, 2017.

ATYPICAL (Temporada 1, ep. 7). Direção: Seth Gordon. Produção: Jennifer Jason Leigh. Roteirista: Robia Rashid, Califórnia: Netflix, 2017.

ATYPICAL (Temporada 1, ep. 8). Direção: Seth Gordon. Produção: Jennifer Jason Leigh. Roteirista: Robia Rashid, Califórnia: Netflix, 2017.

ATYPICAL (Temporada 2, ep. 2). Direção: Seth Gordon. Produção: Jennifer Jason Leigh. Roteirista: Robia Rashid, Califórnia: Netflix, 2018.

ATYPICAL (Temporada 2, ep. 3). Direção: Seth Gordon. Produção: Jennifer Jason Leigh. Roteirista: Robia Rashid, Califórnia: Netflix, 2018.

ATYPICAL (Temporada 2, ep. 6). Direção: Seth Gordon. Produção: Jennifer Jason Leigh. Roteirista: Robia Rashid, Califórnia: Netflix, 2018.

AUTISMO & REALIDADE. A temporada final de Atypical. In: FUNDAÇÃO JOSÉ LUIZ EGYDIO SETÚBAL. Autismo & Realidade. **Autismo & Realidade**: Collabs / Barracuda Conteúdo, 2021. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/2021/08/27/a-temporada-final-de-atypical/>. Acesso em: 18 fev. 2022.

BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História da Virilidade III**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 189-221.

BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BOURGONDIERA, Mary E. Van; REICHLE, Nancy C.; PALMER, Ann. Comportamento sexual em adultos com autismo. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 27, ed. 2, 1997. Disponível em: <https://www.ama.org.br/site/wp-content/uploads/2017/08/UmareproducaodoestudorealizadopporHaracoposePedersen.pdf>. Acesso em: 13 maio 2020.

BOUSSO, Karina; SALLES, Cecília Almeida. Um olhar sobre o processo criativo de empresas de streaming e a experimentação em produções audiovisuais. **Manuscrita**, São Paulo, v. 41, p. 86-96, 2020. Disponível em: <http://www.revistas.fflch.usp.br/x2/article/view/3770/3202>. Acesso em: 2 jun. 2021.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. cap. 6, p. 191-219.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização, 2016.

BRILHANTE, Aline Veras Moraes; FILGUEIRA, Leila Maria de Andrade; LOPES, Samuel Verter Marinho Uchôa; VILAR, Nathalie Barreto Saraiva; NÓBREGA, Livia Rocha Mesquita;

POUCHAIN, Ana Juarina Magalhães Verissimo; SUCUPIRA, Luiz Carlos Gabriele. “Eu não sou um anjo azul”: a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas. **Ciência & Saúde Coletiva**, [online], v. 26, n. 2, p. 417-423, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021262.40792020>. Acesso em: 22 jun. 2021.

CAMARGO JR, Kenneth. Prefácio à edição brasileira. *In*: RIOS, Clarice; FEIN, Elizabeth (org.). **Autismo em tradução**: uma conversa intercultural sobre condições do espectro autista. Tradução: João Sette Camara, Maria Rosa Pereira. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2019.

CAMPOS, Maria Teresa de Assis; DE TILIO, Rafael; CREMA, Izabella Lenza. Socialização, gênero e família: uma revisão integrativa da literatura científica. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 146-161, jul. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000100012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 set. 2021.

CANDIOTTO, Cesar. Política, Revolução e insurreição em Michel Foucault. **Revista de Filosofia Aurora**, [s. l.], v. 25, n. 37, p. 223-264, 2013. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/691>. Acesso em: 20 set. 2021.

CANIATO, Angela. A banalização da mentira como uma das perversões da sociedade contemporânea e sua internalização como destrutividade psíquica. **Psicol. Soc.**, v. 19, n. 3, p. 96-107, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/CkBzjRfgBVhgGqW3BdDkssb/?lang=pt#>. Acesso em: 7 abr. 2021.

CAPELAS, Bruno. **Netflix chega a 158 milhões de assinantes e ações sobem 7%**. São Paulo: Estadão, 19 out. 2019. Disponível em: <https://link.estadao.com.br/noticias/empresas,netflix-chega-a-158-milhoes-de-assinantes-e-aco-es-sobem-7,70003052448>. Acesso em: 6 fev. 2021.

CECCARELLI, Paulo Roberto. A mentira como organizador social. **Revista Cronos**, Natal, v. 13, n. 1, p. 99-109, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/5626>. Acesso em: 7 abr. 2021.

CÉSAR, Maria Rita de Assis; DUARTE, André. Governo dos corpos e escola contemporânea: pedagogia do fitness. **Educação & Realidade**, [s. l.], v. 34, n. 2, 2009. Disponível em:

<https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/8264/5534>. Acesso em: 29 set. 2021.

COOK, Anna; OGDEN, Jane; WINSTONE, Naomi. Friendship motivations, challenges and the role of masking for girls with autism in contrasting school settings. **European Journal of Special Needs Education**, v. 33, ed. 3, p. 302-315, 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/08856257.2017.1312797>. Acesso em: 19 mar. 2022.

COURTINE, Jean-Jacques. Introdução: Impossível virilidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História da Virilidade III**. Petrópolis: Vozes, 2013.

COSTA, Marisa Vorraber; ANDRADE, Paula Deporte de. Na produtiva confluência entre educação e comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 33, n. 2, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2015v33n2p843>. Acesso em: 9 fev. 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. **Stanford Law Review**, [s. l.], v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1229039>. Acesso em: 11 maio 2020.

CRUZ, Pâmela Suelen Gama da; ALTMANN, Helena. Atypical: neurodiversidade e pedagogia da sexualidade. **Revista Diversidade e Educação**, v. 9, n. 1, p. 66-92, 2021a. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/13047>. Acesso em: 13 ago. 2021.

CRUZ, Pâmela Suelen Gama da; ALTMANN, Helena. A psiquiatrização da neurodiversidade e o dispositivo da sexualidade de Michel Foucault. **X Congresso Internacional de diversidade sexual, étnico-racial e de gênero: saberes plurais e resistências**, Campina Grande, v. 1, p. 479-489, 2021b.

DE TILIO, Rafael. Transtornos do Espectro Autista e sexualidade: um relato de caso na perspectiva do cuidador. **Psicología, conocimiento y sociedad**, v. 7, n. 2, 36-58, 2017. Disponível em: <<http://revista.psico.edu.uy/indez.php/revpsicologia/article/view/326/316>>. Acesso em 17 abr. 2020.

DINIZ, Debora. Modelo social da deficiência: a crítica feminista. **SérieAnis**, Brasília, v. 28, p. 1-10, 2003.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência?** São Paulo: Brasiliense, 2007

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DUARTE, José; COELHO, Ana Daniela; SOL, Hermínia. A nova era dourada da televisão: as séries contemporâneas. **Tropos: comunicação, sociedade e cultura**, v. 9, n. 1, 2020.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador I**: uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema, uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Nunca fomos humanos**: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FACEBOOK. **Company Info**. Disponível em: <https://about.facebook.com/company-info/>. Acesso em: 18 jan. 2022.

FERRARI, Anderson. Mãe! A tia Lu? É menino ou menina? Corpo, imagem e educação. **Revista Gênero**, [online], v. 4, n. 1, 2003. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31025>. Acesso em: 9 out. 2021.

FERRARI, Anderson. “Eles me chamam de feia, macaca, chata e gorda. Eu fico muito triste” – Classe, raça e gênero em narrativas de violência na escola. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18675>. Acesso em: 9 out. 2021.

FERRARI, Anderson; MARQUES, Luciana Pacheco. Homossexualidade e deficiência mental: jogos discursivos e de poder na construção dessas identidades no contexto escolar. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 10, n. 2, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482010000200013. Acesso em: 9 out. 2021.

FERRARI, Anderson. Cultura visual e homossexualidades na constituição de "novas" infâncias e "novos" docentes. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 49, p. 107-120, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/3wnc7tj6YXNfPgy3gLsMw7n/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 set. 2021.

FORTH, Christopher E. Masculinidades e virilidades no mundo anglófono. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História da Virilidade III**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 154-186.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 5. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017a.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017b.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GALLO, Silvio. "O pequeno cidadão": sobre a condução da infância em uma governamentalidade democrática. In: RESENDE, Haroldo de (org.). **Michel Foucault: o governo da infância**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 329-345.

GARLAND-THOMSON, Rosemarie. **Extraordinary bodies: Figuring Physical Disability in American Culture and Literature**. New York: Columbia University Press, 2017.

HARACOPOS, Demetrious; PEDERSEN, Lennart. **Sexuality and autism**: a nationwide survey in Denmark. Preliminary Report, 1992.

INSTAGRAM. **Sobre nós**. Disponível em: <https://about.instagram.com/about-us>>. Acesso em 18 jan. 2022.

JJ BOLA. **Seja homem**: a masculinidade desmascarada. Tradução: Rafael Spuldar. Porto Alegre: Dublinense, 2020. 176 p.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A pedagogia do armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. **Revista Educação On-line PUC**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 64-83, 2012.

JUSTO, José Sterza. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, Niterói, v. 17, n. 1, p. 61-77, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdpsi/a/CzDWtQfHHy7ktgH7S8gfSMF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 fev. 2022.

KANT, Immanuel. “O que é Esclarecimento?”. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 3, n. 31, 2003.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 6. ed. rev. e aum. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LAUCKNER, Carolyn *et al.* “Catfishing,” cyberbullying, and coercion: An exploration of the risks associated with dating app use among rural sexual minority males. **Journal of Gay & Lesbian Mental Health**, [online], v. 23, n. 3, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/19359705.2019.1587729>. Acesso em: 20 set. 2021.

LIMA, Fátima; BORBA, Rodrigo. Sobre a desaprendizagem e multidões *queer*: rizomas, multiplicidades e a política menor. In: ALVES, Douglas Santos (org.). **Gênero e diversidade sexual**: teoria, política e educação em perspectiva. Tubarão: Editora Copiart, 2016. p. 79-114.

LOPES, Samuel Verter Marinho Uchôa; VILAR, Nathalie Barreto Saraiva; POUCHAIM, Ana Juarina Magalhães Veríssimo; SUCUPIRA, Luiz Carlos Gabriele; NÓBREGA, Livia Rocha Mesquita; BRILHANTE, Aline Veras. Transtorno do Espectro Autista e sexualidade. **CIAIQ: Investigação Qualitativa em Saúde**, [s. l.], v. 2, 2018. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2018/article/view/1893>. Acesso em: 8 abr. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. Cinema e sexualidade. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 81-97, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6688>. Acesso em: 4 jul. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. 96 p.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 07-42.

LOURO, Guacira Lopes. O cinema como pedagogia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira *et al* (org.). **500 anos de educação no Brasil**. 5ª ed. 4ª impressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

MAGNABOSCO, Molise de Bem; SOUZA, Leonardo Lemos de. Aproximações possíveis entre os estudos da deficiência e as teorias feministas e de gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 2, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/xN3zgQD7sqggSwxrZfV7qQk/?lang=pt>. Acesso em: 2 fev. 2022.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Sexualidade e deficiências**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi; VILAÇA, Teresa; VIEIRA, Ana Carla; SALVIATO-EZEQUIEL, Giovana. Sexualidade, educação em sexualidade e transtorno do espectro autista: concepções de educadores. In: BRIS, Mario Martín; HEREDERO, Eladio Sebastián (org.). **Hacia un modelo educativo de calidad y transformador**. Espanha: Fundación Santilana, 2017. p. 261-273. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/52245>. Acesso em: 19 maio 2020.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão, diferença e deficiência: sentidos, deslocamentos, proposições. **Revista Inclusão Social**, [s. l.], v. 10, n. 2, 2017a. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4030>. Acesso em: 29 abr. 2021.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Diferenciar para Incluir ou para Excluir? Por uma Pedagogia da Diferença. In: LUSTOSA, Francisca Geny; MARIANA, Fernando Bomfim (org.). **Diversidade, diferença e deficiência**: análise histórica e narrativas cinematográficas. Fortaleza: Edições UFC, 2017b. p. 25-34. Disponível em: <https://proinclusao.ufc.br/wp-content/uploads/2017/10/miolo-final-diversidade-diferenca-e-deficiencia-geny.pdf#page=25>. Acesso em: 29 abr. 2021.

MARCO, Victor di. **Capacitismo**: o mito da capacidade. 1. ed. Belo Horizonte: Letramento, 2020.

MCGUIRE, Anne. **War on autism**: on the cultural logic of normative violence. United States of America: University of Michigan Press, 2016.

MCRUER, Robert. **Teoría Crip**: Signos culturales de lo queer y de la discapacidad. Tradução: Javier Sáez del Álamo. 1. ed. Espanha: Kaótica Libros, 2021.

MELLO, Anahi Guedes de; NUERNBERG, Adriano. Gênero e deficiência: interseções e perspectivas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 3, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/rDWXgMRzzPFVTtQDLxr7Q4H/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 11 jan. 2021.

MELLO, Anahi Guedes de. **Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo**: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência. Orientador: Miriam Pillar Grossi. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/182556>. Acesso em: 20 maio 2020.

MELLO, Anahi Guedes de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 10, p. 3265-3276, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/J959p5hgv5TYZgWbKvspRtF/?lang=pt#>. Acesso em: 10 set. 2021.

MELLO, Lucia Maria de Lima. Autismo e sexualidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, ed. 3, p. 1263-1273, 2019. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682019000300020.

Acesso em: 26 fev. 2021.

MELLO, Anahí Guedes de. Politizar a deficiência, aleijar o *queer*: algumas notas sobre a produção da hashtag# ÉCapacitismoQuando no Facebook. In: PRATA, Nair; PESSOA, Sônia Caldas (org.). **Desigualdades, gênero e comunicação**: Intercom, 2019. cap. 3, p. 125-142.

Disponível

em:

http://portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/ebook_desigualdades_251019.pdf#page=124.

Acesso em: 2 fev. 2022.

MILLER, Danielle; REES, Jon; PEARSON, Amy. "Masking Is Life": Experiences of Masking in Autistic and Nonautistic Adults. **AUTISM IN ADULTHOOD**, v. 3, ed. 4, p. 330-338, 2021.

Disponível em: <https://www.liebertpub.com/doi/epdf/10.1089/aut.2020.0083>. Acesso em: 19 mar. 2022.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 3. ed. rev. e aum. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NASCIMENTO, Thais Rodrigues de Carvalho; BRUNS, Maria Alves de Toledo. A família e a sexualidade de filhos/as autistas: o que a literatura científica nacional oferece? **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, v. 30, n. 1, 2020. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/70. Acesso em: 4 ago. 2021.

NETFLIX (Los Gatos, California, EUA). **A história da Netflix**. Los Gatos, Califórnia, Estados Unidos, 2020. Disponível em: https://about.netflix.com/pt_br. Acesso em: 13 maio 2021.

NUNES, Ana Beatriz Nogueira de Barros. **Cartas de Beirute**: reflexões de uma mãe e feminista sobre autismo, identidade e os desafios da inclusão. 1. ed. Curitiba: CRV, 2015. 102 p.

NUNES, Gustavo Maciel; AGUIAR, Yuska Paola Costa. Emotismo: um aplicativo para auxiliar crianças no espectro autista a reconhecer e reproduzir emoções. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO, 31., 2020, Online. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2020. p. 692-701. DOI: <https://doi.org/10.5753/cbie.sbie.2020.692>.

OLIVEIRA, Rosane Cristina de; LIMA, Jacqueline de Cássia Pinheiro; GOMES, Raphael Fernandes. Machismo e discurso de ódio nas redes sociais: uma análise das “opiniões” sobre a violência sexual contra as mulheres. **Revista feminismo**, Salvador, v. 6, n. 1, 2018. Disponível em:

<https://cienciasmedicasbiologicas.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30363/17895>.

Acesso em: 30 jun. 2021.

OLIVEIRA, Manoel Rufino David. O conceito de abjeção em Julia Kristeva. **Revista Seara Filosófica**, Pelotas, v. 21, p. 185-201, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/searafilosofica/article/view/19975>. Acesso em: 24 jun. 2021.

ORTEGA, Francisco. O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 477-509, out. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132008000200008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132008000200008>.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. Apresentação. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 7-16.

PASTANA, Marcela; MAIA, Ana Claudia Bortolozzi. Discussões sobre gênero e vulnerabilidade a partir da análise de matérias sobre sexualidade das revistas Capricho e Playboy. **Revista de Psicologia da UNESP**, [s. l.], v. 11, n. 1, p. 60-66, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/125071/ISSN1984-9044-2012-11-01-60-66.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 fev. 2022.

PEARSON, Amy; ROSE, Kieran. A conceptual analysis of autistic masking: understanding the narrative of stigma and the illusion of choice. **Autism in Adulthood**, v. 3, n. 1, p. 52-60, 2021.

Disponível em: <https://www.liebertpub.com/doi/full/10.1089/aut.2020.0043>. Acesso em: 22 jan. 2022.

PELÚCIO, Larissa; MISKOLCI, Richard. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. **Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana**, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/29/26>. Acesso em: 23 jun. 2021.

PEREIRA, Bruna Barbosa; OLIVEIRA, Pedro Pinto de. Gordofobia, mocinha só madrinha: valores do corpo feminino nas telenovelas. Divisão temática de comunicação audiovisual da Intercom Júnior. **XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação**. São Paulo, 2016.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: N-1 edições, 2018.

PRECIADO, Beatriz. Multidões *queer*: notas para uma política dos "anormais". **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/yvLQcj4mxkL9kr9RMhxHdwk/#>. Acesso em: 3 dez. 2020.

RAGO, Margareth. “Estar na hora do mundo”: subjetividade e política em Foucault e nos feminismos. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 23, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/ccCCbt4pcXx4CTWhX8JnBmc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 maio 2021.

RIBEIRO, Karla; PICHELLI, Ana; SILVA, Josevânia. Construção de uma Estratégia de Intervenção Psicoeducativa em DST e gravidez não planejada para adolescentes jovens: Intervenção psicoeducativa para adolescentes jovens. **CIAIQ: Investigação Qualitativa em Saúde**, [s. l.], v. 2, 2015. Disponível em: <https://proceedings.ciai.org/index.php/CIAIQ/article/view/556>. Acesso em: 18 fev. 2022.

ROCHA, Maria Vital; MESQUITA, Ana Carolina da Costa. Liberdade sexual: autismo e a disposição ao próprio corpo. **Revista Duc In Altum Cadernos de Direito**, v. 10, n. 22, set-dez, 2018.

ROSENWEIN, Barbara. A Alta Idade Média. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História das emoções: da Antiguidade às Luzes**. Petrópolis: Vozes, 2020. v. 1, cap. 4, p. 137-160.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 4-21, 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000100002&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 11 dez 2020.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. 2. ed. rev. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

SALA, Giorgia; PECORA, Laura; HOOLEY, Merrilyn; STOKES, Mark A. As Diverse as the Spectrum Itself: Trends in Sexuality, Gender and Autism. **Current Developmental Disorders Reports**, [online, v. 7, p. 59-68, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s40474-020-00190-1>. Acesso em: 23 set. 2021.

SANCHEZ, Gabriel; SCHMITT, Juliana. Moda sem gênero: conceituação e contextualização das tendências não binárias. **12º Colóquio de Moda – 9ª Edição Internacional, 3º Congresso de Iniciação Científica em Design e Moda**, João Pessoa, Campus do Centro Universitário de João Pessoa, 2016. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202016/COMUNICACAO-ORAL/CO-03-Cultura/CO-03-MODA-SEM-GENERO-Conceituacao-e-contextualizacao-das-tendencias-nao-binarias-FINAL.pdf>. Acesso em: 28 maio 2021.

SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 128, p. 451-472, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/tQws4zsftqmGxhq3XqVJTWL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 set. 2021.

SARTRE, Maurice. Os gregos. *In*: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História das emoções**: da Antiguidade às Luzes. Petrópolis: Vozes, 2020. v. 1, cap. 1, p. 23-84.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Conhecendo pessoas com deficiência psicossocial. **OABRJ - Ordem dos Advogados do Brasil Seccional Rio de Janeiro**: Autismo: Conhecer e Agir, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: https://oabRJ.org.br/arquivos/files/-Comissao/cartilha_autismo.pdf. Acesso em: 7 maio 2021.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 5 mar. 2020.

SILVA, Francisco Gabriel Alves da. “**Ser diferente é normal**”: a expressividade do self de pessoas autistas em mídias sociais da internet e suas lutas por reconhecimento. Orientador: Sayonara de Amorim Gonçalves Leal. 2021. 156 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/42197>. Acesso em: 18 jan. 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. 156 p.

SIMMONS, Mariah; LEE, Joon Suk. Catfishing: A Look into Online Dating and Impersonation. *In*: MEISELWITZ, Gabriele (ed.). **Social Computing and Social Media**: Design, Ethics, User Behavior, and Social Network Analysis. Copenhagen, Denmark: Lecture Notes in Computer Science, 2020. p. 349-358. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007%2F978-3-030-49570-1.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SINGER, Judy. **Neurodiversity**: the birth of an idea, 2017.

SMITH, Joelle. My Body. *In*: SPARROW, Maxfield (coord.). **Spectrums**: Autistic Transgender People in Their Own Words. Jessica Kingsley Publishers, 2020.

SOUSA, Leilane Barbosa de; FERNANDES, Janaína Franciscisca Pinto; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. **Acta Paulista de Enfermagem**, [online], v. 19, n. 4, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/jK9VH7YRTLwLKxN8hQF4d7n/?lang=pt#>. Acesso em: 15 set. 2021.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LETÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 2. ed. Campinas: Papirus Editora, 1994.

VAZ, Paulo.; SANCHOTENE, Nicole.; SANTOS, Amanda. “Gorda, sim! Maravilhosa, também!”: Corpo, desejo e autenticidade em testemunhos de vítimas de gordofobia no YouTube. **Lumina**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 99–117, 2018. DOI: 10.34019/1981-4070.2018.v12.21518. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21518>. Acesso em: 30 set. 2021.

VIAL-LOGEAY, Anne. O universo romano. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História das emoções: da Antiguidade às Luzes**. Petrópolis: Vozes, 2020. v. 1, cap. 2, p. 85-116.

VIEIRA, Ana Carla. **Sexualidade e Transtorno do Espectro Autista: relatos de familiares**. Orientador: Ana Cláudia Bortolozzi Maia. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Bauru, 2016. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/143824/vieira_ac_me_bauru.pdf?sequence=5&isAllowed=y. Acesso em: 13 maio 2020.

VIEIRA, Ana Carla; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Síndrome de Asperger na adolescência e educação sexual: análise do relato de um pai**. Anais do IV Simpósio Internacional de Educação Sexual: feminismos, identidades de gênero e políticas públicas, 2016.

VIGARELLO, Georges. Virilidades esportivas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História da Virilidade III**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 269-302.

WITTMANN, Isabel. A roupa expressa a identidade: Moda enquanto tecnologia de gênero na experiência transgênero. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 8, n. 1, p. 77-90, 2019.

Disponível em: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/2018#quotation>. Acesso em: 29 maio 2021.

YERGEAU, Melanie. **Authoring autism**: on rhetoric and neurological queerness. Durham: Duke University Press, 2018.